CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO OBJETO PARA FORMAÇÃO CIDADÃ: UM ESTUDO DE CASO BASEADO NO FILME AVATAR

Amanda Ribeiro dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Prof.ª. Drª Glória Regina Pessoa Campello Queiroz

Rio de Janeiro
Setembro de 2020

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO OBJETO PARA FORMAÇÃO CIDADÃ: UM ESTUDO DE CASO BASEADO NO FILME AVATAR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Amanda Ribeiro dos Santos

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professora Dra. Glória Regina Pessôa Campello Queiroz (UERJ) (orientador)

_____

Professora Dra. Taís Conceição dos Santos (CEFET-RJ)

_____

Professor Dr. Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira (UFPR)

Rio de Janeiro
Setembro de 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S237 Santos, Amanda Ribeiro dos
A interdisciplinaridade como objeto para formação cidadã: um estudo de caso baseado no filme Avatar / Amanda Ribeiro dos Santos – 2020.
107f : il. color. + anexo , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2020.
Bibliografia : f. 98-107
Orientadora: Glória Regina Pessoa Campello Queiroz

1. Educação – Finalidades e objetivos.
2. Cotidiano – Sociedade – Escola. 3. Cidadania. 4. Pesquisa-ação em educação. 5. Avatar (Filme) I. Queiroz, Glória Regina Pessoa Campello (Orient.). II.

CDD 370.11

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes – CRB/7 nº 5281

AGRADECIMENTOS

Gostaria muito de agradecer à Energia Superior do Universo que me proporcionou durante toda a minha vida as características que são fundamentais para a minha formação: persistência, paciência e amor! Sem essas palavras e atitudes que me circundam diariamente eu não seria capaz de chegar até onde tento chegar!

Um agradecimento mais que especial a minha querida orientadora, Glória Queiroz, que se comprometeu comigo desde o início e que durante esse período de estudos e formação sempre se fez presente de maneira forte e amável, muito obrigada por todos os seus ensinamentos e exemplo!

Aos participantes da banca que aceitaram a participação neste importante processo que é a defesa deste trabalho, a vocês o meu muito obrigada!

Aos meus familiares que encaram esse grande desafio comigo...Foram muitos meses vendo meu companheiro Lucas só por dois dias na semana, muitos dias tendo o mínimo de tempo com os meus filhos, alguns meses minha mãe e irmã cuidando deles para que eu pudesse seguir meu sonho rumo ao mestrado. Apesar de ter sido muito cansativo, obrigada pelo apoio diário de todos vocês!

As minhas queridas amigas: Laís, Euzimar e Jéssica (querida mana) sem vocês com toda certeza eu não saberia nem a metade do que eu acho que sei hoje em dia...a amizade de vocês é fundamental!

Aos meus queridos professores do PPCTE, com os quais eu muito aprendi durante esse período em que estive no mestrado, cada aula foi fundamental para o meu desenvolvimento enquanto profissional e pesquisadora. A vocês meu sincero obrigado, em especial aos professores da mesma linha de pesquisa que eu, só tenho a agradecer por todos os ensinamentos!

A minha turma que esteve unida, ajudando-se mutuamente durante todo esse processo duro e de profundo aprendizado que é a formação de um pesquisador!

Karol amiga, sem você essa trajetória teria sido infinitamente pior, com toda certeza mais dura e menos prazerosa.... muito obrigada por partilhar esse grande aprendizado comigo, vamos seguir para finalizar isso juntas!

A todas as amizades que fiz durante esse período e que me ajudaram de diversas maneiras a poder chegar aqui (defesa) com esse trabalho...o meu eterno agradecimento e amizade!

À escola que cedeu gentilmente a sala de aula, mesmo que virtual, para que eu

pudesse desenvolver minha pesquisa e que, mesmo gerando certas dores de cabeça com o trabalho, o abraçaram de maneira ímpar.

A todos os funcionários do CEFET/RJ que estiveram presentes durante esse período de aprendizado, principalmente à equipe da biblioteca, e ao pessoal da coordenação por estarem sempre disponíveis. Que Deus continue iluminando vocês!

A todos os meus amigos que foram muito gentis comigo durante esse período em que eu só sabia falar de “meu Deus a dissertação, o mestrado” eu sei, talvez eu não tenha muito assunto além do mundo acadêmico. Só tenho a agradecer por vocês ainda estarem ao meu lado, tão ansiosos quanto eu para tirar esse piano que é a dissertação das costas e colocar o outro que é o doutorado!

E por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a mim mesma por não ter desistido e me achado burra demais para enfrentar esse desafio, mesmo com todas as dificuldades impostas desde o início e, principalmente agora no final com a pandemia não desisti, gostaria de te lembrar que você é demais gata!!

RESUMO

A Interdisciplinaridade como objeto para formação cidadã: Um estudo de caso baseado no filme Avatar.

Esta dissertação teve como objetivo investigar se a partir da fala interdisciplinar do professor em sala de aula os alunos do nono ano de uma escola particular de Duque de Caxias poderiam produzir enunciados que estivessem de acordo com a formação cidadã. O referencial de cidadania utilizado foi o de Cortina (2005) que defende a cidadania cosmopolita. A atividade proposta foi pensada de maneira interdisciplinar e com a utilização de uma abordagem CTS-ARTE, visto que a arte é uma importante ferramenta para compreensão do mundo, tendo o filme “Avatar” sido o escolhido por conter diversas temáticas socioambientais relacionadas com a atualidade. Os debates gerados em sala de aula, mesmo que de maneira online, foram capazes de fomentar nos alunos discursos interdisciplinares relacionados à cidadania e ao papel social da escola. Esta é uma investigação qualitativa baseada no estudo de caso e na pesquisa-ação e que teve seus dados analisados via análise de conteúdo com suporte do software Atlas Ti. Como resultado, esta dissertação evidenciou que para além do debate sobre educação intercultural, se faz necessário o debate sobre o papel da escola.

Palavras-chave: Cidadania; CTS-ARTE; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Interdisciplinarity as an object for citizen formation: A case study based on the movie Avatar.

This dissertation aimed to investigate whether, from the interdisciplinary speech of the teacher in the classroom, the ninth-year students of a private school in Duque de Caxias could produce statements that were in accordance with the citizen formation. The citizenship framework used was that of Cortina (2005), who defends cosmopolitan citizenship. The proposed activity was designed in an interdisciplinary way and with the use of a CTS-ARTE approach, since art is an important tool for understanding the world, with the film “Avatar” being chosen because it contains several socio-environmental themes related to the present . The debates generated in the classroom, even if online, were able to foster interdisciplinary discourses related to citizenship and the social role of the school among students. This is a qualitative investigation based on case study and action research and its data was analyzed via content analysis supported by the Atlas Ti software. As a result, this dissertation showed that in addition to the debate on intercultural education, it is necessary the debate about the role of the school.

Keywords: Citizenship; CTS-ARTE; Interdisciplinarity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Estabelecimento de um conceito de cidadania e suas ligações 27

Figura 02 - CTS-ARTE como Híbrido entre CTS e Educação em Artes 40

Figura 03: Proposta CTS-ARTE adaptada por Aikenhead 41

Tabela 01: Cronograma Atividade 50

Figura 04 - Ilustração produzida por Vik Muniz intitulada: “The Bearer Irmã”, de 2008. 52

Figura 05 - Prévia do filme para os alunos que não puderam ver em casa. 53

Figura 06 - Slide com imagens referentes às temáticas que o filme abraça. 53

Figura 07 - Prévia da música do filme “O Lorax” (2012). 53

Figura 08 - Questionamento aos alunos. 54

Figura 09 - Slides com as temáticas que seriam abordadas com os alunos durante os debates sobre o filme “Avatar” (2009). 54/ 60

Figura 10 - Slides com as temáticas que seriam abordadas com os alunos durante os debates sobre o filme “Avatar” (2009). 54/ 60

Figura 11 - Ilustração feita pelos alunos para demonstrar a importância das árvores no nosso dia a dia. 65

Figura 12 - Ilustração produzida pelos alunos enfatizando a importância de vivermos em harmonia com o meio ambiente. 66

Figura 13 - Ilustração mostrando que as plantas são a base da vida na Terra. 66

Figura 14 - Ilustração produzida pelos alunos mostrando o ciclo das plantas para a manutenção da vida e produção de oxigênio. 67

Figura 15 - Ilustração produzida por aluno para demonstrar que a floresta deve ser respeitada. 67

Figura 16 - Ilustração demonstrando a importância das árvores para a manutenção da vida 68

Figura 17- Ilustração e redação produzida por aluno explicando a importância das árvores para a nossa vida. 69

Figura 18 - Rede Semântica produzida a partir da análise via Atlas Ti. 83

Figura 19 - Eixo temático gerado a partir da análise via Atlas Ti. 84

Figura 20 - Rede Semântica produzida a partir do software Atlas Ti. 85

Figura 21 - Rede produzida a partir do Atlas Ti. 86

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
EA	Educação Ambiental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESP	Escola Sem Partido
FC	Ficção Científica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MMA	Ministério do Meio Ambiente

SUMÁRIO

Introdução		**13**
1	**Referencial Teórico**	**18**
1.1	A Cidadania no contexto da Educação Escolar Brasileira	18
1.2	A Sociedade e a Cidadania	21
1.3	A Educação Intercultural	22
2	**A Educação Ambiental no Contexto Escolar**	**29**
2.1	A Educação Ambiental e a Perspectiva Cidadã	30
2.2	O fazer docente Interdisciplinar	32
2.3	Abordagem CTS-ARTE	38
2.4	A escolha da Arte	42
3	**Aportes Metodológicos**	**46**
3.1	Pesquisa Qualitativa	46
3.2	Estudo de Caso	46
3.3	Análise de Conteúdo	47
3.4	Análise via Atlas Ti.	49
3.5	Quem são os indivíduos da Pesquisa?	49
3.6	Delineamento Metodológico	50
4	**Análises e Resultados**	**57**
4.1	Aulas e Diário de Bordo	57
4.2	Trabalhos	65
4.3	Redes Semânticas	71
4.4	Análise via *Atlas Ti.*	74
4.5	Análise da Rede Semântica	84

Considerações Finais **89**

Referências **91**

Apêndice A 100

Apêndice B 103

Introdução

Sempre busquei compreender e conhecer sobre o mundo que me cerca, busquei um curso de graduação que acreditei que supriria as minhas necessidades de descoberta. Escolhi o curso de Ciências Biológicas acreditando que seria ecóloga, tendo sido pega de surpresa ao me deparar dentro de uma sala de aula por meio do estágio quando, no momento em que observei a aula, em como os alunos ficavam fascinados com o professor e como de certa maneira eu poderia ajudar a melhorar o mundo, dei início a minha motivação pessoal em me tornar professora. Naquele mesmo ano de 2012 pude participar como mediadora de exposição na Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, Rio+20. Finalizando essa mágica experiência como mediadora, tive a oportunidade de trabalhar com educação não formal, durante o ano de 2013 em um museu de ciências, podendo observar como a ciência ao ser apresentada de maneira interdisciplinar e integrada à vivência diária dos visitantes torna o processo de aprendizagem por vezes mais interessante. Ao final da faculdade iniciei minha carreira docente em uma escola em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, e dessa maneira me deparei com diversos choques e conflitos presentes na escola e consequentemente dentro das salas de aula.

Percebi ao longo dessa jornada que não seria possível tentar solucionar esses conflitos sem ter conhecimento teórico para tal. Percebendo na prática que a formação inicial pouco nos ensina sobre o exercício diário da profissão, passei a buscar uma formação continuada e, assim, ingressei no mestrado. A partir de uma nova ótica, agora como professora/pesquisadora percebi que os educadores e educandos possuem diferentes visões de mundo e que a escola está repleta dessas visões, sendo um local onde emergem visões de mundo e culturas diferentes e que a partir do contato diário com a diferença do outro, o respeito e a admiração podem acabar por surgir. Todavia, apesar da escola ser plural, muitas das vezes ela não reflete essa diversidade e acaba partindo para o silenciamento sistemático das diferenças, fazendo com que a escola seja um local monocultural, padronizado e homogêneo (CANDAU, 2005), que possui diferentes integrantes de uma comunidade, mas não refletindo todos esses integrantes dentro do ambiente escolar.

Esta dissertação foi inicialmente pensada sobre como a pratica Interdisciplinar em sala de aula poderia ou não motivar nos alunos a fala cidadã, para este objetivo foi feito o uso do filme “Avatar”, pois ele é um filme rico em temáticas que devem ser trabalhadas de maneira interdisciplinarmente como por exemplo o meio ambiente.

Todavia durante o desenrolar desta atividade esbarramos em um conflito que permeia o debate educacional: O papel da Escola e do Professor, indo este embate de encontro com o que almejamos que seja a formação para o exercício da cidadania. A escola no passado tinha como objetivo formar e educar as elites, mas com o passar dos anos, em decorrência da mudança da sociedade, a escola passou a ser aberta a toda população, passando a ter como objetivo preparar os futuros trabalhadores para que eles pudessem operar as máquinas e equipamentos do processo de industrialização. A partir da década de 1980 ela se destaca como uma instituição relevante para o processo de formação social, tendo como um dos seus objetivos a formação cidadã para a vivência em uma sociedade, passando a ser compreendida como um importante centro de formação social e não apenas como um centro de treinamento. É a partir da escola que também se transmite valores culturais, morais e sociais, pré-requisitos essenciais para qualquer organização social. De acordo com Libâneo (2002), o papel de transformar a sociedade e de formar cidadãos não é uma função exclusiva da escola, mas é também produzida por meio dela, tendo ainda junto a essa função também como objetivo a formação de indivíduos que tenham a capacidade de pensamento crítico frente às relações de poder que estão presentes na sociedade. A escola reflete a sociedade na qual está inserida e, sendo uma instituição social formadora de cidadãos-trabalhadores para continuarem mantendo o sistema existente, percebe-se que esta, vai ao longo dos anos se modificando para melhor suprir as necessidades que estão sendo demandadas socialmente. Todavia, a pluralidade e diferença tão presentes em nossa sociedade continuam sendo escondidas na escola, seja pelo uniforme ou pelos conteúdos curriculares.

Nesta perspectiva, os diversos movimentos dos subalternizados mobilizam-se através da pressão popular e política para inserir no currículo escolar uma maneira de contar a outra história do povo brasileiro e assim ir contra o ensino hegemônico e colonial que ainda hoje existe nas escolas. Com isso, em 2003 foi assinada a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio. Em 2008 essa lei foi alterada, passando a ser 11645/08, na qual a cultura indígena foi acrescentada à lei anterior.

O objetivo da inserção deste e de outros conteúdos no currículo escolar tem como objetivo promover um processo de escolarização amplo que consiga integrar a maior parte dos alunos, fazendo com que a diversidade da sociedade seja espelhada dentro da escola. No entanto, existem grupos que defendem que na escola a

educação deve ser entendida como formadora para o mundo do trabalho, enquanto a família deve ser a responsável pela formação cidadã. A partir deste pensamento um grupo de pais, alunos e políticos uniram-se dando origem ao chamado movimento “Escola Sem Partido” (ESP) que tem como pressuposto que a questão cultural e identitária deve ser abolida do conteúdo e que a escola deve buscar ensinar apenas os conteúdos referentes às suas áreas disciplinares curriculares. Além disso, como agravante, o movimento ESP estimula a “denúncia” em forma de vídeos, fotos e imagens de professores que segundo eles estariam a fazer “doutrinação” dos alunos. A partir daí tal projeto de lei tramitou para uma possível aprovação, tendo sido julgado como inconstitucional no ano de 2016 e reafirmado como inconstitucional em maio de 2020 o que motivou a saída do principal ativista do movimento. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, 1996) trata a educação escolar como pressuposto básico para o desenvolvimento da cidadania e para o crescimento profissional dos jovens. Temas da atualidade também estão referenciados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) em vigor, também enfatiza que na sua primeira competência geral da educação brasileira como:

> Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BNCC, 2017, p. 11)

Através dos chamados Temas Transversais da educação, que buscam trazer questões sociais relevantes como:

> Direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/199016), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/199717), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/201218), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/200919), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/200320), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº 1/201221), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008), bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural. (BNCC, 2017, pág. 20)

Todas essas temáticas com relevância social estão contempladas na BNCC como habilidades que devem ser desenvolvidas pelos componentes curriculares a partir das especificidades de cada local cabendo a cada escola contextualizar tais temáticas para que possam ser debatidas pela comunidade escolar. Em decorrência

do seu caráter interdisciplinar, eles podem estar presentes em todos os anos de aprendizagem na escola básica abrangendo diversas disciplinas.

Partindo desta hipótese, a temática meio ambiente que é amplamente demostrada em “Avatar” a partir de perspectivas de indivíduos diferentes foi escolhida para ser abordada nesta dissertação, devido ao momento em que o Brasil estava passando por intensa mobilização sobre as queimadas na região Amazônica e sobre os desdobramentos que elas podem causar a outras áreas da sociedade civil, todavia, em decorrência dos desdobramentos que ocorreram durante a realização desta atividade a temática ambiental teve pouca relevância. A aplicação deste trabalho em uma sala de aula teve também sua singularidade: em março deste ano (2020) foram suspensas as aulas presenciais em toda a rede nacional escolar, em decorrência da crise de saúde pública ocasionada pelo novo Coronavírus.

Nesta dissertação, o primeiro capítulo apresenta o Referencial Teórico, o capítulo é iniciado descrevendo um claro desrespeito aos direitos humanos, a ofensa e a discriminação de uma colega em decorrência da sua cor de pele, ocorrido durante uma das aulas e se prolongando fora da sala de aula virtual. Ao longo deste capítulo, explora-se a visão de cidadania cosmopolita proposta por Adela Cortina (2005), que enfatiza que todos nós somos seres que necessitam ser respeitados pelo simples fato de existirmos, sendo apresentadas algumas visões de cidadania e o porquê de assumirmos que é importante ter uma educação que respeite a cultura do próximo.

No segundo capítulo: Educação Ambiental (EA) no contexto escolar, mostra a concepção EA adotada neste trabalho, e como ela pode auxiliar na construção de uma sociedade mais justa, procurando distinguir a tendência conservadora da EA em que se enfatiza em amenizar/ reparar os efeitos e não atacar os verdadeiros responsáveis pela destruição ambiental. Neste capítulo procuramos mostrar que é importante que ocorra uma mudança do pensamento no sentido da redução do consumo, para então procurarmos ter uma sociedade minimamente justa. É fundamental que todos compreendam que nós enquanto indivíduos estamos inseridos no meio ambiente e que qualquer modificação como extinção de espécies com perda de diversos habitats nos expõe a perigos que não conhecemos. O momento atual é uma amostra do que pode ocorrer quando o meio ambiente fica em desequilíbrio, sendo necessário que se pense a EA sem o dualismo entre sociedade e natureza. Nesta perspectiva devemos compreender que a EA é um tema interdisciplinar, ou seja, é um tema que deve permear o currículo em todas as fases do processo educacional além, de estar presente em diversos conteúdos escolares. Neste trabalho ela foi uma importante

ferramenta para se produzir uma atividade comum entre algumas disciplinas, lembrando que a interdisciplinaridade defendida por este trabalho não tem como pressuposto erradicar as disciplinas, sim fazer com que professores busquem pensar em conjunto, interagindo.

Neste capítulo também apresentamos a abordagem de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) usada na sua aproximação com a Arte (CTS-ARTE) na atividade, uma vez que a questão ambiental pode ser mais bem compreendida, quando a observamos sob o olhar de diversas áreas de conhecimento. De modo a tornar essa problemática mais acessível aos alunos, nada melhor do que lançar mão da arte, já que ela é capaz de nos transpor a esferas que sem ela talvez não fossem alcançáveis. A arte possibilita a apropriação da ciência como parte da cultura humana, visto que ela tem a capacidade de nos levar a dimensões estéticas da existência e que, em toda grande obra de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana (MORIN, 2003).

No capítulo 3: Aportes Metodológicos, ocorre o desenho teórico metodológico desta dissertação, apresentando os resultados que foram obtidos durante a atividade realizada junto aos alunos.

O capítulo 4: Análises e Resultados, pois ele mostra o que foi encontrado durante toda a atividade desenvolvida, sendo importante ressaltar que embora o objetivo principal deste trabalho fosse compreender como o meio ambiente é percebido pelos dos alunos, pouco desse tema foi tratado, pois em campo emergiram outras situações de conflito.

No quinto e último capítulo apresento as Considerações Finais deste trabalho e para onde podemos ir após o resultado encontrado.

Objetivos da Pesquisa

Partindo da pergunta inicial: ‘É possível que a interdisciplinaridade possa contribuir para formar cidadãos ativos no contexto contemporâneo?” foi desenhado o objetivo desta pesquisa: Investigar se os alunos do nono ano de uma escola particular em Duque de Caxias são capazes de produzir enunciados em conformidade com a formação cidadã a partir de uma atividade interdisciplinar baseada no filme “Avatar”.

Os objetivos específicos foram: Elaborar e aplicar uma sequência didática interdisciplinar via aula online; fomentar debate sobre cidadania e meio ambiente nos discentes e orientar a elaboração de colagens sobre os assuntos debatidos.

1- Referencial Teórico

1.1 A Cidadania no contexto da Educação Escolar Brasileira

> Uma adolescente negra que estuda em uma escola particular em Laranjeiras, na Zona Sul do Rio de Janeiro, foi vítima de racismo. Em mensagens trocadas por meio de um aplicativo, XXXXXXXXXX foi xingada e humilhada por ser negra. A família registrou o caso na Polícia Civil. Os textos continham mensagens extremamente racistas como: “Para comprar um negro, só com outro negro mesmo”, diz uma das mensagens. “Quando mais preto, mais preju”, afirma outro aluno. E a conversa segue com mais ofensas: “Dou dois índios por um africano”, diz outra mensagem. “Um negro vale uma bala”, continua outro. Algumas mensagens ofendem diretamente. “Fede a chorume”, diz um. E outro segue: “Escravo não pode. Ela não é gente. (G1, 2020)

O trecho acima é um relato ocorrido em maio deste ano (2020) dentro de uma instituição de ensino tradicional da cidade do Rio de Janeiro. Este relato não é único e assim como ele existem tantos outros que podem demonstrar os constantes desrespeitos no que se refere aos direitos humanos, tais conflitos, estão presentes em nossa sociedade e da rotina de diversos estudantes, todavia, tais desrespeitos por serem tão comuns acabam sendo banalizados. Por ser parte integrante da sociedade, na escola também ocorrem situações de violação dos direitos humanos que são comuns fora dela, todavia, mais que apenas reproduzir toda violência e hostilidade que a comunidade ao seu redor produz, de acordo com Candau (2000), ela também é um local que “também produz violência” através de todos os silenciamentos que ela desenvolve.

A tradição escolar brasileira, assim como a sociedade, vem ao longo dos anos se modificando. Inicialmente, na década de 50, a instituição escolar tinha como objetivo de acordo com Krasilchik (2000) formar as elites, a ciência era considerada um tipo de conhecimento neutro. Com a mudança das necessidades da sociedade, a partir da década de 60, historicamente marcada pela Guerra Fria e pela corrida científico-tecnológica, passou a ser fundamental formar pessoas qualificadas para auxiliar e suprir as necessidades para o pleno desenvolvimento do país. A partir desta nova perspectiva, a escola passou a ter como objetivo formar um cidadão trabalhador especializado que soubesse operar as máquinas do desenvolvimento industrial. Ainda

na década de 1960 o mundo começou a perceber a ciência como um conhecimento que é formado a partir de uma evolução histórica, onde a lógica e a crítica são fundamentais (KUHN, 1962), a partir desta visão da ciência passaram a ser desenvolvidos projetos como: o Biological Science Curriculum Study (BSCS); Physical Science Study Committee (PSSC); Chemical Study Group (CHEM); Chemical Bond Approach (CBA), entre outros, que promoviam a inovação e tentativa da melhoria do ensino de ciências no mundo, tais programas foram amplamente difundidos e incorporados às grades curriculares de diversos países, incluindo o Brasil, contudo após ampla incorporação destes projetos ao currículo, cientistas e pesquisadores passaram a estabelecer diretrizes que atendessem efetivamente a população brasileira no âmbito do ensino de ciências, que apesar de ser a área que recebe a maior parte dos investimentos educacionais continua estando defasada de acordo com órgãos internacionais de avaliação (KRASILCHIK, 1992). Com as mudanças que ocorreram no âmbito político brasileiro, em 1961 foi regulamentada e assinada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que garantiu a escolarização a todos os brasileiros e não apenas à pequena parcela da população da elite. Com essa lei, a as disciplinas de ciências – química, física e biologia- passaram a ter a função de desenvolver na população o pensamento crítico e a tomada de decisão cidadã baseada em conceitos científicos.

Todavia, em decorrência da ditadura militar, a escola passou a ter como objetivo formar trabalhadores que deveriam ser a mão de obra para o desenvolvimento econômico do país, tornando as disciplinas científicas com enfoque profissionalizante, tendo o governo em 1971 instituído a reforma do ensino de primeiro e segundo graus que, depois de tramitação sumária no Congresso, mudou a organização do ensino no Brasil. Mais uma vez o argumento era que o Brasil precisava de trabalhadores. A partir do processo de redemocratização ocorrido em 1985 foi instituída uma nova, LDB (1996) que aponta claramente no seu 2º artigo, os princípios e fins da educação brasileira:

> A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996)

A partir da década de 90 em um cenário de pós guerra fria, redemocratização e em um mundo que se encontrava voltado para o processo de globalização, a escola passa a ter o objetivo de formar um cidadão- estudante- também trabalhador que

compreenda o conhecimento científico como atividade inerente ao homem e que pela sua raiz humana, impacta a sociedade e o meio ambiente em que ela está inserida, a datar desta nova perspectiva podemos enxergar que a formação cidadã já foi um objetivo da escola. Todavia apesar de muito debatida entre os diversos atores envolvidos no processo educacional, o que vem a ser cidadania e porque ela é cara à formação do povo brasileiro?

De acordo com o Ministério da Educação (1998a), a cidadania pode ser compreendida como: “[...] participação social e política, assim como exercício dos direitos e deveres civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.” (MEC, 1998, p.55).

O termo cidadania voltou a ser palco de discussões políticas e sociais na década de 80, quando, de acordo com Cortina (2005), os frutos colhidos após a formação ser focada para o trabalho geraram indivíduos preocupados consigo mesmo e sem sentimento de pertencimento ao local em que estão, sendo desta maneira fundamental desenvolver na sociedade o sentimento de pensar coletivamente, auxiliando-os no crescimento individual e enquanto sociedade, agregando também a ideia de pertencimento a um local. Por outro lado, tais ideais de pertencimento podem gerar no âmbito nacional o agravamento de ideias nacionalistas atreladas a diversos preconceitos e em níveis globais provocar guerras e embates militares entre as nações.

Desta maneira torna-se ainda mais importante desenvolver na sociedade o sentimento de solidariedade e coletividade para com os próximos e para tal, uma proposta de educação focada no desenvolvimento cidadão que possa ser capaz de promover tais sentimentos nos cidadãos em formação. A partir do posicionamento da defesa de uma educação voltada para o apreço à cidadania, busco a noção de cidadania proposta por Adela Cortina (2005) e Marcelo Andrade (2009) que estabelecem uma construção de cidadania a partir de um conceito cosmopolita que une diferentes noções de cidadania como a política, a social, a civil, a econômica e a intercultural. Considero que essa visão de cidadania deve ser proposta e estimulada na escola, já que as escolas são locais de formação que visam o aprendizado a partir de perspectivas diferentes. Voltando ao conceito de cidadania, não busco com esse trabalho debater os diversos sentidos do termo cidadania visto que ele é polissêmico, entretanto, de acordo com Oliveira e Queiroz (2016), existem diversos desafios para a formulação do conceito de cidadania com os quais concordamos, tais como:

I) O conceito apresenta longa história entre as raízes políticas e jurídicas, havendo entre elas disputa;

II) O padrão de cidadania usual é a cidadania social de Marshall (1967);

III) A ideia de noção cidadã restrita à política carece de dimensão pública da economia;

IV) A cidadania de um Estado nacional pode interromper-se a partir de exigências das ideologias;

V) Conceitos universalistas – sejam socialistas ou liberais – nos convidam ao estabelecimento de uma cidadania cosmopolita;

VI) Cidadania, como propriedade humana, se constrói com a educação formal (na escola), a não formal (nos museus, zoos, jardins temáticos, nos meios de comunicação) ou a informal (nos mais diversos ambientes sociais).

Portanto, ao nos depararmos com o debate sobre o processo de escolarização no Brasil, é perceptível o quanto a escola e tal processo modificou-se ao longo dos anos, desde o objetivo específico de formar elites até a formação plena dos educandos, onde a cidadania possui papel de destaque. Contudo, se faz necessário a reflexão sobre a função social da escola no mundo contemporâneo, já que atualmente as demandas sociais possuem características próprias que estão a emergir a todo instante dentro das instituições de ensino.

1.2 A Sociedade e a Cidadania

A sociedade de consumo, da individualidade e do mundo sem barreiras, fruto do intenso processo de globalização dos últimos anos poderia desenvolver um conceito de cidadania que pudesse envolver todos os indivíduos? Apesar da palavra globalização ter um significado polissêmico, este é um processo sobre o qual se existe mais ou menos um consenso do que seja, é um processo que visa difundir através da substituição cultural, poder econômico e político impor a homogeneização das diversas culturas existentes, substituindo-as pelas culturas hegemônicas que por sua vez predominantemente abraçam as culturas dos países “de cima” em detrimento aos países “de baixo” também considerados de terceiro mundo. Essas relações de poder produzem tensões e resistências das populações dos países “dominados” e que, por determinados momentos, conseguem utilizar-se do sistema para inserir-se nele

através de um longo processo (MOREIRA e KRAMER, 2007). Com efeito a globalização na prática serve à difusão do neoliberalismo e de suas práticas mercadológicas, que passam a guiar as formas de educar, passando neste sistema a inteligência e todo processo educacional a serem vistos como mercadoria, moeda de troca e com enfoque na preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho. Neste tipo de sistema, a escola também perde os seus significados mais amplos e passa a funcionar como uma empresa transformando a educação em uma mercadoria (APPLE, 2005).

Perdem-se assim os objetivos de formação integral para uma formação focada para o trabalho, centrada em certas competências que irão gerar lucros às empresas. Neste tipo de sistema acentuam-se os fracassos escolares que passam a ser encarados como um selecionador de alunos para que alguns destes possam seguir em frente e outros não, fazendo com que a escola perca sua função de proporcionar entendimento amplo sobre o mundo a todos os cidadãos (MOREIRA e KRAMER, 2007).

De acordo com Cortina (2005), em decorrência da atualidade, o conceito pleno de cidadania, cidadania cosmopolita, deverá unificar um conjunto de direitos que inclui responsabilidades e um ideal identitário no qual o indivíduo se sinta pertencente a um todo dentro de uma determinada sociedade plural, sendo também importante que o indivíduo possa desfrutar de um mínimo de bens materiais de forma que não fique à mercê dos interesses e indiferenças do mercado. Tal consciência de justiça social nos remete diretamente ao senso de cidadania econômica, com a qual o cidadão exige participar igualitariamente dos bens sociais. Todavia, esses pressupostos devem abraçar as diversas culturas existentes em nossa sociedade a fim de que alguns cidadãos não se sejam excluídos (CORTINA, 2005). Portanto o conceito de cidadania cosmopolita deve ter como pressuposto a universalização da cidadania social, a luta por um processo de globalização econômico justo e ético para os cidadãos e a busca pelo estabelecimento dos chamados mínimos de justiça. O fato de que muitos dos desejos da população menos favorecida ainda não estão vinculados ao campo dos direitos sociais explica, em parte, porque a grande maioria dos estudos contemporâneos sobre cidadania enfatiza a superação das desigualdades de classe como componente fundamental para a promoção da cidadania (MARSHALL, 1967; BARBALET, 1989). Assim, entendemos que o conceito de cidadania promove benefícios para a sociedade quando ilumina a luta pela garantia dos direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, trabalho, e outros direitos

sociais, econômicos e culturais, fazendo com que a manutenção da cidadania passe a significar o relacionamento entre a sociedade política e sua comunidade (CORTINA, 2005).

1.3 – A Educação Intercultural

O mundo, bem como a sociedade, vem ao longo dos anos se modificando quanto ao valor da cultura para a humanidade. Então, por que a escola insiste em continuar com uma prática desvinculada da realidade cultural, que é uma marca das sociedades atuais? A partir dos documentos oficiais que direcionam a educação brasileira a LDB, PCN e a BNCC (1996; 1997; 2017), uma lei específica ao ensino multicultural institui que: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (Lei nº 11.645, de 2008)

Ou seja, a partir desta lei fica determinada a obrigatoriedade do ensino sobre outras culturas que formam o nosso povo e que por centenas de anos foram silenciadas e sistematicamente apagadas, na primeira súmula da Lei é possível se ler que:

> § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Lei nº 11.645, de 2008).

Continuando ainda na mesma súmula também fica evidenciado que tais conteúdos devem ser abordados em todo currículo escolar de maneira interdisciplinar visto que são temáticas que não estão ancoradas em apenas uma área de saber, ainda a partir da lei é possível perceber que tais conteúdos não devem ser abordados apenas em situações pontuais como vem ocorrendo ao longo dos anos, quando se institui semana da cultura indígena ou na semana da consciência negra, por exemplo. Contudo não são raros os casos dos professores que alegam não estarem preparados para ministrar tais conteúdos, já que a sua formação inicial não contemplou tais temáticas (SOUZA, 2014). Mesmo no grupo de professores que se sentem capacitados para ministrar tais conteúdos existe ainda outra problemática, relacionada

com a sociedade em que estamos vivendo de forma mais agressiva nos últimos anos: o medo da ridicularização, exposição e repressão sistemática por pais, colegas e diretores de escolas para com o professor já que desde 2004 tomou forma um movimento chamado “Escola sem Partido: “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior” (MACEDO, 2017). Tal movimento alega que a escola, e consequentemente os professores, ao longo dos anos vêm se utilizando das aulas para inserir nos alunos determinadas ideologias que, segundo alguns pais, vai contra o que a família acredita e ensina aos filhos em casa.

Este discurso sobre o que pode ou não ser ensinado na escola impacta negativamente sobre as atividades escolares, principalmente no que se referem ao estudo cultural da formação do povo brasileiro já que muito do que se pode estudar sobre a cultura, por exemplo do povo negro está relacionado de alguma maneira com a forma de culto religioso que é praticado por seus descendentes, como o candomblé. A partir deste ponto muitos professores se sentem desconfortáveis para inserir em suas aulas tais temática, pois o movimento também incentiva aos alunos gravarem as aulas para expor o professor nas redes sociais. O projeto foi julgado como inconstitucional visto que na prática ele tem como objetivo promover a censura e o controle social, visando mais uma vez ao silenciamento e subjugação do próximo que é diferente. O professor tem como papel ser mediador na construção de relações saudáveis entre as diversas culturas existentes. Entretanto, essa via não exclui o fato de que podem ocorrer conflitos em sala de aula, mas esses conflitos fazem parte da promoção de uma sociedade plural que seja realmente democrática e que busque respeitar o próximo na sua completude (CANDAU, 2010). Alguns trabalhos de pesquisa descrevem a forma como professores lidaram com situações conflitivas na sala de aula, entre eles o de Queiroz, Catarino e Faur (2017).

Em relação à formação dos povos presentes na América Latina e em especial à formação do povo brasileiro, o que podemos observar é a intensa diversidade cultural entre os diversos povos vindos das mais diversas culturas que aqui estão inseridas e que promoveram a construção da nação brasileira (RIBEIRO, 2015). Nossa formação é marcada historicamente pelo massacre, subordinação, exclusão física e cultural de indígenas e negros, além da escravidão de todos que eram diferentes (CANDAU, 2012), nesta perspectiva, o filme “Avatar” demonstra estes tipos de dominação em relação ao próximo, por ser uma obra ficcional ela acaba trazendo demonstrando a realidade que pouco percebemos. Atualmente não são raras as vezes

em que enxergamos o quanto desconhecemos nosso processo de formação pois ainda perdura o que chamamos de “Daltonismo cultural”, que promove o caráter monocultural da cultura escolar, mesmo depois de instituído por via Lei a obrigatoriedade do estudo sistemático das culturas que formam o Brasil, já que na escola a prerrogativa é de que “Todos são iguais”, como se assumir uma igualdade na diferença fosse o suficiente para suprir toda as demandas de diferenças que estão no chão da escola. O processo escolar que conhecemos hoje em dia, obrigatório e universal surgiu a partir do século 20 e, com esse direito ao acesso escolar, o Estado tinha como objetivo tornar todos iguais perante a Lei. Porém, para que todos os cidadãos brasileiros tivessem os mesmo direitos, tal processo de igualdade social passou a ser transformado em homogeneização, uniformização e padronização dos indivíduos independente de qualquer diferença que existisse, até porque essas diferenças no âmbito escolar passaram a ser vistas como um problema que deveria ser corrigido, um comportamento que deveria ser controlado e por fim esquecido, uma vez que todos tinham que ser iguais (CANDAU, 2012).

A afirmação de que somos diferentes ocorre a partir de diversas lutas de grupos sociais que compõem a sociedade plural em que vivemos e tais grupos buscam jogar luz sobre tais diferenças. De acordo com Hall (1997), estamos passando por uma revolução cultural que vem sendo reforçada com o uso das tecnologias. Para ele, a cultura não deve ser compreendida como um campo de luta secundário já que a cultura impacta em como vivemos em sociedade, ela deve ser encarada como elemento chave para compreensão das relações entre os diferentes indivíduos, já que nós somos seres construídos parte pela cultura em que estamos inseridos. O sentimento de pertencimento a algo que é maior que você é o que nos motiva a permanecer juntos, ainda que sejamos diferentes. É por esse motivo que não basta tratar todos como iguais e sim perceber que somos todos formados por diferentes processos e que, mesmo assim, com toda a diferença, somos indivíduos merecedores de respeito. Para isso é necessário que se compreenda e defenda que todos somos iguais mesmo com as nossas diferenças e que são essas diferenças que tornam nossa sociedade rica (SANTOS, 1997).

Dentro da escola essas diferenças são ainda mais afloradas, pois a escola é palco para muitos conflitos sociais, culturais, econômicos e, a partir de todos esses pontos de conflitos, o professor como agente sociocultural necessita promover a mediação nessas relações interculturais, apesar de ter também seus conflitos (OLIVEIRA, 2017). Assim não é dele a responsabilidade pela eliminação dos conflitos

sociais refletidos na escola, mas a de instigar situações nas quais seja possível o reconhecimento entre os diferentes, sendo, portanto, esse um exercício de compreensão da visão de mundo do outro, mesmo que minimamente (CANDAU, 2010).

Por esse motivo, as questões de igualdade devem estar atreladas a questões de diferença, ou das chamadas diferenças, pois temos o direito de sermos diferentes, sendo necessário que compreendamos as teias que promovem a homogeneização, como por exemplo a globalização (SANTOS, 1997), que é compreendida como um fenômeno plural que afeta a construção dos direitos humanos. Este processo ocorre a partir de quatro perspectivas diferentes: localismo globalizado, onde a realidade individual de um local é globalizada com sucesso, e o que deveria ser compreendido como um sucesso pontual é compreendido como padrão, típico das civilizações europeias durante os processos de colonização, onde eles se intitulavam como "superiores, civilizados" em detrimento dos outros que eram "atrasados e inferiores"; o globalismo localizado que é compreendido como o impacto nas condições locais das práticas transnacionais, sendo as duas perspectivas modos de globalização hegemônicos; paralelamente a tais práticas também é possível encontrar práticas que vão de encontro ao modelo hegemônico, sendo chamadas de globalização contra hegemônica: cosmopolitismo insurgente e subalterno, uma resistência organizada contra os localismos globalizado e globalismo, ou seja, uma maneira de resistir à padronização que visa promover a homogeneização; além desta perspectiva temos o patrimônio comum da humanidade que busca tratar como urgente lutas transnacionais por valores e recursos que são tão globais quanto a própria preservação do planeta e consequentemente da nossa espécie (SANTOS, 2001).

Desta maneira, promover a defesa da educação multicultural busca trazer para o centro do debate questões da sociedade que estão sendo ao longo dos anos silenciadas dentro da escola, se fazendo necessário que todas as culturas sejam abraçadas, inseridas e promovidas dentro da escola, uma vez que a educação que pressupõe formar para a cidadania além de formar para o trabalho deve ter como pressuposto debater temas que motivem o respeito e aproximação das diversas culturas existentes entre nós. Desse modo, carecemos de abordagens interculturais para a formação do povo brasileiro, já que entendemos a escola como um território multicultural e, portanto, como palco de diversos conflitos que podem levar à reflexão sobre as diferentes culturas que tem formado gerações de brasileiros.

A defesa de uma educação pautada na multiculturalidade passa por entraves,

entre eles a própria palavra “multiculturalismo” é um termo polissêmico, ou seja, ela está aberta a várias interpretações diferentes do que vem a ser tal construto teórico. O multiculturalismo possui dois tipos de abordagens: descritiva e propositiva. Na abordagem descritiva ocorre a descrição, ou seja, afirma-se que a nossa sociedade é multicultural e que essa é uma característica de todas as sociedades atuais. Em contrapartida, a abordagem propositiva, para além da afirmação da existência de uma sociedade multicultural, busca transformar a dinâmica social intervindo para que os indivíduos sociais possam viver de maneira plena na sociedade, estando relacionada com algumas propostas educacionais: assimilacionista, multiculturalismo, diferencialista ou monoculturalidade plural e por fim, multiculturalista interativa ou plural que também pode ser compreendida como intercultural (CANDAU, 2008).

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos em uma sociedade multicultural que não tem oportunidades igualmente distribuídas entre os diversos indivíduos nela presentes. A partir deste reconhecimento, busca-se inserir os indivíduos que são diferentes da cultura hegemônica para isto são utilizadas estratégias de caráter compensatório, como por exemplo a inserção de todos na escola. Nesta perspectiva, o indivíduo renuncia a si para assumir e abraçar a cultura hegemônica, não tendo esta proposta como objetivo modificar ou sequer arranhar a matriz da sociedade atual.

Na abordagem multicultural diferencialista, que também pode ser chamada de monocultura plural, são reconhecidas as diferentes culturas, entretanto esta perspectiva não visa englobá-las e sim criar espaços únicos para que essas culturas se manifestem de maneira independente. Este tipo de perspectiva acaba por criar *apartheid* sociocultural, pois separa e delimita ainda mais as diferenças culturais, acentuando ainda a ideia de “nós” e “eles”, promovendo ainda mais a intensa polarização e sectarismo nas sociedades.

A terceira abordagem, entre as propositivas, o multiculturalismo aberto e interativo, também chamado de interculturalidade, parte do pressuposto que as culturas estão em processo contínuo de construção e de reconstrução, logo elas podem incorporar outras culturas, fazendo com que atualmente nenhuma cultura seja considerada “pura” e sim todas híbridas, pois todas estão passando por esse processo contínuo de reconstrução, além de se reconhecer neste processo de hibridismo um mecanismo de poder que permeia as relações culturais, fazendo com que determinadas culturas sejam vistas como “superiores” em detrimento de outras. Porém, a pluralidade e a promoção do diálogo tolerante e respeitoso estão na base

para a construção de uma democracia plena em que todos sejam vistos e compreendidos a partir das diversas possibilidades culturais existentes.

A escola é uma instituição cultural, logo a sua prática está carregada de questões culturais, tornando-se por esse motivo necessário que a escola seja reinventada para poder abraçar as diferentes culturas nela inseridas. É, portanto, necessário reconhecer quais são essas diferenças culturais e como estão inseridas na escola para, a partir daí, traçar um objetivo para que sejam reconhecidas e trabalhadas na escola, por estar presente no cotidiano de todos os alunos, é fundamental que se promova o debate da defesa da educação intercultural e como essas diferenças são capazes de se relacionar na vida social. É cada vez mais importante observarmos a vida social amplamente, através da cultura, saúde e do meio ambiente que em decorrência da sua complexidade não poderiam deixar de ser temáticas interdisciplinares visto que não podemos observar tais temáticas apenas por um ponto de vista, devemos procurar observar tais problemas da sociedade atual de maneira ampla, para isto, a interdisciplinaridade é fundamental visto que ela procura promover a interação entre as diversas áreas de saberes (FAZENDA, 1994).

Desta maneira, o conceito de cidadania cosmopolita relaciona-se também com a EA crítica pois ambas convergem na perspectiva de justiça e sustentabilidade contra hegemônica, já que a partir desta perspectiva será possível compreender temáticas que permeiam todas as áreas do saber. Desta maneira, é compreensível que a formação do discente para a cidadania passa pela compreensão de que o mundo é amplo e diverso, portanto, é fundamental que tais temáticas como meio ambiente por exemplo sejam trabalhadas de forma sistemática na escola, buscando envolver diversas disciplinas, visto que os diversos aspectos que envolvem essas questões só podem ser trabalhadas a partir de diversos pontos de vista, o conceito de cidadania cosmopolita abarca diversos outros conceitos de cidadania inclusive a cidadania ambiental, que é muito demonstrado no filme “Avatar”, com o conflito econômico onde um grupo se sobrepõe a outro em busca dos meios naturais para obtenção de lucro, relacionado com a temática ambiental das queimadas onde diversos grupos, indígenas, quilombolas, têm seus direitos a terra violados em detrimento da expansão econômica de determinados grupos privilegiados esses grupos vulneráveis, são compreendidos como populações de sacrifício (RIOS, 2020). Portanto, a cidadania cosmopolita, os direitos humanos e educação ambiental (FIGURA 01) estão interligadas para a construção de uma cidadania ativa.

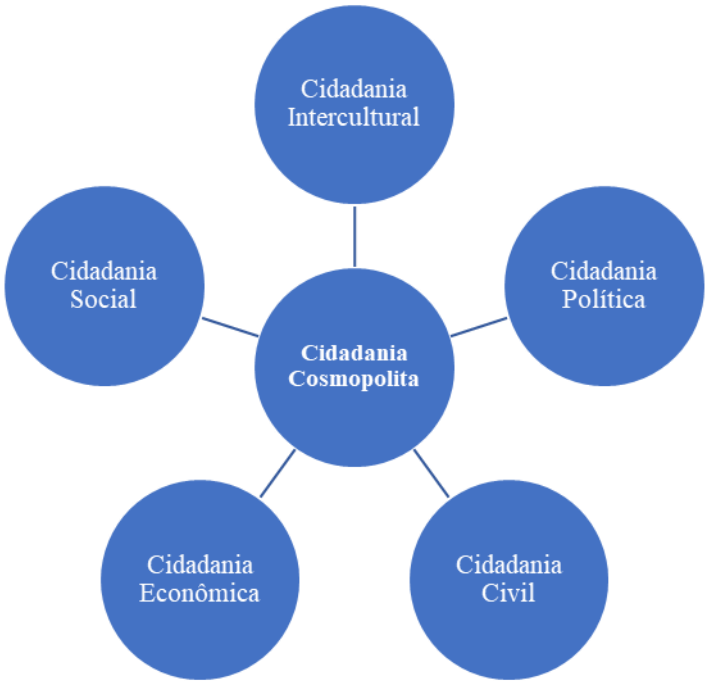


Figura 01: Estabelecimento de um conceito de cidadania e suas ligações

Fonte: Oliveira e Queiroz (2016)

2- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

De acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental (EA) Lei nº 9795/1999, em seu Artigo Primeiro, a educação ambiental como prática educadora busca:

> Promover a compreensão dos processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999)

Todavia, ter no currículo EA não significa que ela vá ao encontro com uma prática transformadora e pautada na mudança de perspectiva da sociedade. A EA nas escolas deve ir muito além de demonstrar a importância da natureza, ou de promover a visão conservadora sobre uma natureza intocável e isenta de confrontos. Nós, enquanto seres vivos inseridos no ambiente natural, também o utilizamos para dar suporte à nossa sobrevivência e devemos aprender a utilizá-lo de maneira consciente para que saibamos compreender as diversas teias que formam as relações ambiente-sociedade. O artigo segundo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA, afirma que:

> A Educação Ambiental - EA- é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental. (BRASIL, 2013, p.02)

A EA deve, através do questionamento inicial sobre o que é qualidade de vida, buscar refletir sobre a ética ecológica e ampliar o conceito de meio ambiente para além da perspectiva biologizante, ou seja, como se o meio ambiente fosse um tópico a se trabalhar apenas em uma disciplina, que no caso seria a biologia. A EA se fez tardiamente em aparato legal no Brasil, visto que nas décadas anteriores, como por exemplo a de oitenta, o Brasil estava sob comando do regime militar e este só passou a se preocupar com o meio ambiente após pressões externas internacionais. Naquele momento não existia ainda um movimento ambientalista consolidado no país, o que muda a partir de meados da década de oitenta quando a EA ganhou dimensão política

ao ser incluída na Constituição Federal de 1988. Junto a esse posicionamento, o MEC junto com Ministério do Meio Ambiente (MMA) criou um conjunto de documentos importantes que ainda hoje buscam valorizar e direcionar a EA, como por exemplo o Programa Nacional de Educação Ambiental, Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei 9795 de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Esta política possui explícita preocupação com a formação de uma sociedade mais justa, democrática e sustentável, é importante destacar que a perspectiva em relação ao meio ambiente era por muito tempo restrita à preservação da natureza, estando atrelada a perspectiva de estagnação da economia do país já que os recursos naturais seriam intocáveis (LOUREIRO, 2004) .

A EA, em decorrência ao movimento histórico do momento em que foi pensada, carece da visão incorporar o processo educativo formal ou não formal, sendo por vezes encarada como uma prática educacional descontextualizada que deve ser voltada para a solução de problemas e não com o objetivo de pensar e discutir as implicações sociais que surgem a partir do embate entre sociedade e ambiente. De acordo com Loureiro (2004), o baixo aprofundamento teórico e a intensa associação com o enfoque biologizante impediu que a população em geral se aprofunde na temática ambiental, fazendo com que a EA fosse encarada apenas como mais uma disciplina técnica. Todavia, os desequilíbrios e ações que são impregnadas no meio ambiente refletem na sociedade e, portanto, a impactam, exigindo maior atenção da escola às temáticas por ela tratada.

A EA ainda é encarada por muitos como uma inimiga ao desenvolvimento econômico nacional, sendo esse modelo de desenvolvimento ainda um vestígio do modelo predatório que foi vigente nos anos setenta, no qual a baixa participação popular política deixou as portas abertas à conjunção do Estado, aos interesses privados capitalistas e que tratavam o meio ambiente como algo secundário, com baixa importância, fato que ainda hoje está em voga, sendo manifestado por exemplo na ausência de financiamentos para programas de implementação de políticas ambientais voltadas ao desenvolvimento sustentável. Ainda de acordo com Kawasaki (2006) a área da educação ambiental é um campo de pesquisa em formação e que também é perceptível a nível acadêmico como a área de EA é menos consolidada que outras, já que por vezes o meio ambiente, que é percebido a partir da dualidade entre o desenvolvimento econômico ou a preservação acaba sendo percebido como uma temática secundária em relação a grandes temas para serem tratados em sala de aula, todavia, a baixa participação, engajamento e execução da promoção da EA,

fazem com que poucos pesquisadores sejam ativos na sua implementação em escolas e universidades, criando desta forma uma área onde os mais atuantes são os pesquisadores que já possuem trajetória particular de militância ambientalista.

2.1 A Educação Ambiental e a perspectiva cidadã

Loureiro (2003) afirma que a EA tem sido produzida a partir de duas perspectivas: a Conservadora e a Transformadora. A primeira visa através do processo educativo mudanças superficiais e que não tem como objetivo a modificação social, sendo implementada por meio de ações pontuais que têm pouco ~~a~~ perspectiva de mudança da raiz do problema, fazendo na prática a manutenção do status quo da nossa sociedade. Neste momento em que desenvolvo a escrita deste trabalho estamos vivenciando uma pandemia em decorrência do Coronavírus, vírus que após entrar em contato com as populações humanas saltou do seu hospedeiro natural passando a nos infectar (ACOSTA, 2020). Entre os diversos debates que tem sido levantado sobre a problemática do vírus, também foi intensamente debatido a forma com a qual nós, seres humanos, temos nos relacionado com os outros animais e como esta maneira de nos relacionarmos com o meio ambiente tem sido para ambos danosa.

Todavia, o atual modelo conservador de EA nos propõe alterações de certas atitudes e comportamentos pessoais sem que tais mudanças significam mudanças no contexto ambiental contemporâneo em que vivemos. Exemplificando, um ano atrás ocorreram inúmeros focos de incêndio na região Amazônica brasileira, onde a floresta foi retirada para dar lugar a exploração de minérios e a implantação de novas área para pasto de gados destinados ao consumo. Na época a EA voltou-se para falar da importância da manutenção da floresta e da sua importância para a manutenção do clima, mas não foi colocado no debate algo sobre como nossos hábitos alimentares e de consumo exagerado podem estar acelerando esse processo, o problema principal sendo apresentado à comunidade escolar e para a população com foco nas queimadas em si e não atacando a raiz do problema. Tal procedimento, feito de maneira intencional ou não, leva a EA a acabar ajudando a manutenção do modelo hegemônico de educação, que não promove a reflexão sobre o nosso modo de viver (RABELLO, 2020).

Contudo, mesmo com as limitações que são inerentes à educação e à EA, existe outra perspectiva de EA, a que visa a atuação transformadora na sociedade, na qual os ideais de civilidade, sustentabilidade e ética são pautados como essenciais (LOUREIRO, 2002).

A EA Transformadora parte do princípio que é necessário compreender e teorizar a atividade humana buscando através do despertar da consciência o processo de construção de um mundo crítico, fundamentado e com aporte teórico para promover transformações dos velhos hábitos em hábitos saudáveis e éticos, visto que a EA não tem como finalidade promover e valorizar apenas conhecimentos com valores universais, que no geral são ligados aos valores dos grupos dominantes; pelo contrário, ela busca estabelecer: “Processos práticos e reflexivos que levem à consolidação de valores que possam ser entendidos e aceitos como favoráveis à sustentabilidade global, à justiça social e à preservação da vida” (LOUREIRO, 2004). Tal citação é de extrema relevância, visto que muito do que se observa em relação a projetos da EA conservadora são orientações com objetivo de difundir os padrões culturais e comportamentais de um certo grupo, não tendo como pressuposto básico da EA transformadora que é o debate participativo e a reflexão ligada às particularidades ambientais e sociais que são únicas e exclusivas de cada localidade. A partir da imposição do modo de vida de grupos poderosos, começam a ser instaurados conflitos na gestão democrática ambiental (LOUREIRO, 2002). Ou seja, em uma perspectiva de EA Transformadora, existe a democratização do acesso à informação, entendendo que as realidades são diversas e que é importante destacar todas elas para que todos possam participar, fazendo com que os diversos setores sociais incorporem a práxis ambientalista como forma de luta de todos e não apenas dos biólogos. Assim, é necessário ressignificar a EA, transformando-a em uma política educacional pública democrática consolidada nacionalmente, procurando contextualizar que parte da baixa qualidade de vida que a sociedade possui é em decorrência do ambiente que temos ao nosso redor.

De acordo com Loureiro (2005), o conceito de ambiente adequado a ser adotado na EA é o de um espaço territorialmente percebido com diferentes escalas de compreensão e intervenção, onde se operam as diversas relações sociedade-natureza, portanto, a EA é uma temática interdisciplinar visto que ela é o resultado da interação entre sociedade e natureza, ambas fluidas e não estáveis.

Quando pautamos os programas ambientais enfatizando apenas as atitudes comportamentais, estamos tirando o ambiente do seu contexto, não refletindo sobre

a atividade humana de maneira crítica, o que aumenta os riscos de reprodução da desigualdade social e de injustiça ambiental, o que acaba por promover ações pensadas pela e para a elite mas que vão impactar em toda sociedade, indo esta postura de encontro ao posicionamento de uma EA que promova consensos apenas após processo democrático de debate. Para tanto, se faz imprescindível o reconhecimento das diferentes realidades. Portanto, acreditamos que não existe democracia ou educação para a cidadania sem a clara exposição dos conflitos, fazendo-se necessário pensar que a sociedade é plural e nela existem visões de mundo muito diferentes, além de interesses e necessidades distintas.

2.2 O fazer docente Interdisciplinar

A partir da visão de mundo demasiadamente fragmentada em decorrência do processo industrial ocorrido a partir do final do século XVIII, foi necessário que os trabalhadores se tornassem cada vez mais especializados em exercer suas funções, visto que eles deveriam compreender como a máquina funcionava e resolver possíveis problemas que ela pudesse ter. Esse fenômeno da especialização objetivou separar os assuntos/objetos de estudo para que fosse mais fácil compreendê-los (POMBO, 2008).

Esse fenômeno foi de extrema importância para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia como conhecemos atualmente, sendo possível desenvolver diversas atividades relacionadas ao conhecimento a partir da fragmentação. Esta intensa especialização em áreas do saber também chegou às escolas que, a partir do século XX, passaram a possuir estruturas curriculares extremamente disciplinares, ou seja, divididas em disciplinas que tinham como objetivo proporcionar aos discentes a compreensão do mundo a partir de perspectivas diferentes e que quando somadas umas às outras deveriam proporcionar aos discentes uma compreensão ampla de mundo (POMBO, 2006).

Todavia, com a massiva fragmentação do ensino, a partir da década de 60 na França e Itália surge como resposta o movimento da interdisciplinaridade, que nasce junto aos movimentos estudantis que reivindicavam que o ensino fosse pautado nas relações existentes entre as disciplinas e os problemas da sociedade (PETRAGLIA, 1993).

No Brasil, os estudos sobre interdisciplinaridade iniciam-se em 1970 com diversas distorções em decorrência do modismo e interpretações equivocadas por parte de pesquisadores que buscaram a prática sem a reflexão sobre as futuras consequências (FAZENDA, 1994). A interdisciplinaridade tem sido considerada como uma opção para diminuir a extrema fragmentação do ensino e tem sido apontada como uma possível solução para amenizar o ensino fragmentado por autores como Japiassu e Fazenda (HASS, 2011).

De acordo com Japiassu (1976), a interdisciplinaridade está na fronteira para uma possível comunicação entre as disciplinas, para que a partir desta comunicação ocorra entre elas uma modificação, através do diálogo verdadeiro e da integração dos saberes, uma vez que a simples troca de informações entre disciplinas diferentes não constitui um método interdisciplinar.

Ainda segundo Fazenda (1994), na década de 70 foi promovida a busca pela compreensão de uma definição para o que seria a interdisciplinaridade. Na década seguinte, ou seja, década de 80, buscava-se um método eficaz para pôr em prática tal proposta, sendo esta década também importante para buscar a compreensão das dicotomias existentes no campo da ciência e da interdisciplinaridade, como teoria/prática, verdade/erro, certeza/dúvida, processo/produto, real/simbólico, ciência/arte. Já na década de 90, a teorização sobre a temática foi importante e surgiram pontos de encontro e cooperação entre as disciplinas que poderiam proporcionar a prática interdisciplinar (FAZENDA, 1994).

A ideia da interdisciplinaridade vem sendo discutida por autores do campo teórico, como por exemplo Pombo (2008), Japiassu (1994) e por pesquisadores mais voltados para a prática interdisciplinar em sala de aula, como por exemplo Fazenda (1994), buscando compreender uma maneira de superar o aprendizado fragmentado que vem ao longo dos anos sendo herdado do fenômeno da especialização na ciência (POMBO, 2008), procurando uma maneira para que a visão fragmentada da produção de conhecimento dê espaço a uma formação mais ampla, privilegiando-se a interação entre as diversas áreas de conhecimentos da humanidade.

De acordo com Fazenda (2015) a interdisciplinaridade possui uma definição clássica pensada e elaborada em 1970 pelo CERI – Centros para Pesquisa e Inovação do Ensino, sendo definida como uma interação existente entre duas ou mais disciplinas (FAZENDA, 2015). Entretanto, ao nos debruçarmos sobre tal temática é possível compreender que a definição não é suficiente para compreender o que é a interdisciplinaridade, posto que a ideia de se colocar duas ou mais disciplinas juntas

em um mesmo ambiente não é suficiente para se classificar uma prática como interdisciplinar; é necessário se fazer uma ponte entre os saberes onde uma disciplina rompe a barreira da outra, indo ao seu encontro, saindo-se da sua zona de conforto e confrontando visões diferentes de mundo para a partir daí se construir uma nova visão. Como se pode constatar, tal visão é muito ampla, o que acaba tornando-a vazia, visto que não é suficiente para fundamentar práticas interdisciplinares e nem para se pensar uma formação de docentes e discentes nesta perspectiva.

De acordo com Pombo (2008), uma das problemáticas que cerca a interdisciplinaridade até o momento é a falta de consenso entre praticantes e pesquisadores sobre o que vem a ser interdisciplinaridade visto que a própria palavra por si já demonstra uma dificuldade de compreensão. Apesar de existir tal dificuldade, quando se parte para o que não é interdisciplinaridade já existe um consenso, por exemplo sabemos que não é suficiente colocar em uma mesma sala diversos especialistas para debater sobre uma temática, provavelmente eles irão observar o problema cada um à luz de seu próprio ramo de saber, fazendo com que o problema seja observado de maneira reduzida e apontando apenas o que sua disciplina pode resolver. Entretanto, de acordo com Santos (2001), vivemos em um mundo onde existem problemas para os quais a ciência desconhece soluções, sendo portanto importante repensar nossas maneiras de observar o mundo, buscando a partir do processo educacional o desenvolvimento do pensamento crítico independente, da formação da cidadania ativa e na luta engajada pela transformação e emancipação dos indivíduos, o que poderá ocorrer a partir da ideia da luta pela liberdade e da produção de ações emancipadoras, que busquem ir ao enfrentamento das ideias que atualmente são hegemônicas. Desta maneira, uma globalização contra hegemônica, de baixo para cima, buscando práticas que promovam o engajamento dos cidadãos é fundamental e as práticas interdisciplinares podem ser um caminho para lutar por tal globalização.

A raiz da palavra interdisciplinaridade nos demonstra que na realidade ela é formada pela união de duas palavras: Inter, que significa entre e disciplinar que possui diferentes significados como: disciplina como ramo de saber, como componente curricular ou como conjunto de normas ou leis sobre algo. Importante ressaltar que a interdisciplinaridade não prega a exclusão das disciplinas, nem é pré-disciplinar, entretanto o que tem sido visto é que, por vezes, ela passa a ser confundida com práticas multidisciplinares ou pluridisciplinares e inclusive com propostas transdisciplinares.

De acordo com Pombo (2008), a ideia por trás de tantas palavras e práticas diferentes seria a de propor maior aproximação entre os saberes, a ideia de multi ou pluridisciplinar seria das disciplinas estarem caminhando próximas umas das outras, ou seja, cada uma tratando sobre o mesmo problema, sem no entanto se atrever a cruzar as fronteiras de outras áreas de conhecimento. Diferentemente da transdisciplinaridade que teria como objetivo a fusão das diversas disciplina, já a interdisciplinaridade, que é o objetivo deste estudo, não tem como objetivo a fusão das disciplinas nem a compreensão de que elas devem acabar, e sim buscar a interação dos diversos saberes que as áreas de conhecimento podem proporcionar. De acordo com Fazenda (2013), a interdisciplinaridade é:

> Uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. [...] A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza. (FAZENDA, 2013, p.168)

A interdisciplinaridade busca compreender a totalidade sobre os fatos, visto que muito dificilmente um campo do saber poderá sozinho resolver problemáticas que abraçam diversos ramos conhecidos e desconhecidos. Para este trabalho a problemática é o meio ambiente, estando relacionada com todas as áreas do conhecimento. Para solucionar problemas a ele relacionados, o ser humano deverá ter a capacidade de conectar diferentes conhecimentos, além de relacioná-los e contextualizá-los, adequando diversos saberes (AUGUSTO et al 2004; RICARDO & ZYLBERSZTAJN, 2008).

O mundo real, diverso e complexo necessita ser compreendido como um todo e, assim, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como uma maneira de enxergar esta realidade, buscando através do conhecimento uma nova maneira de lidar com ela.

Apesar da palavra interdisciplinaridade ser polissêmica e estar meio gasta devido aos diversos usos, neste trabalho optamos por seguir o referencial de Olga Pombo (2008), uma vez que ela propõe que a interdisciplinaridade está relacionada à ideia de continuidade dos saberes, ou seja, em algo que continua e não se esvazia em si próprio; o saber é contínuo, buscando romper as barreiras disciplinares com que as instituições ligadas ao saber estão confinadas (POMBO, 1994). Para Japiassu:

> [...] a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico, cada

> vez mais ela parece impor-se como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos (...) é preciso que estejam todos abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. (JAPIASSU,1976, p.82)

No mundo globalizado atual torna-se imprescindível o desenvolvimento de práticas relacionadas ao ensino, que promovam diálogos entre as diversas áreas de saberes. De acordo com Moreira e Kramer (2007), a globalização, que na prática é a disseminação do neoliberalismo, pode ser entendida como um fenômeno que possui diversas dimensões como: econômica, política, social, cultural, religiosa, dentre outras, ou seja, ela está presente na nossa maneira de compreender e observar o mundo a partir da ótica hegemônica, onde o estudante passa a ser visto e observado como um futuro trabalhador que necessita ter a capacidade de resolver problemas, todavia, os estudantes estão muito além desta perspectiva simplista de observar um indivíduo apenas como um futuro trabalhador. De acordo com Santos (2001), as lutas populares têm auxiliado no desenvolvimento e promoção de práticas emancipatórias de globalização contra- hegemônicas, como uma alternativa ao atual modelo, sendo possível, a partir de tais práticas, ocorrer o desenvolvimento da cidadania ativa, aquela em que os cidadãos estejam engajados na participação ativa de todo o processo democrático.

Diferente do que muitos acreditam, a prática da interdisciplinaridade não tem como objetivo a eliminação das disciplinas, mas sim uma integração entre elas para promover resolução de problemas observando o mundo na sua totalidade (STRIEDER e KAWAMURA, 2008). Para tanto, é necessário que o aluno compreenda e observe o aprendizado como algo significativo para o seu dia a dia, pois apenas desta maneira os educandos conseguirão construir conhecimento próprio, criativo e original (POZO, 2004). Desta maneira, a Interdisciplinaridade e a EA transformadora convergem já que ambas partem do princípio que é necessário compreender o mundo por completo e não por partes, para a construção de um mundo pautado no respeito é necessário ocorrer o despertar da consciência para que assim possa ser construído um mundo onde seja possível promover transformações dos velhos hábitos em hábitos saudáveis.

Uma das funções da escola é promover a integração do conhecimento formal com o que ocorre na sociedade, auxiliando na construção da identidade pessoal,

opondo-se à padronização das individualidades. Assim, a escola deve proporcionar a abordagem de questões que vão interferir na vida dos alunos, enfrentado o desafio de lidar com problemas que eles enfrentam cotidianamente, ou seja, as problemáticas sociais, a exemplo de: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural e sexualidade (GARRUTI e SANTOS, 2004).

Tais práticas que tenham como pressuposto a integração de saberes deverão promover nos docentes a reflexão e discussão sobre suas ações e práticas educacionais, sendo fundamental a análise da prática diária em sala de aula. Desta maneira, o ensino deve proporcionar uma formação de pessoas críticas, reflexivas e que saibam resolver problemas das mais diversas naturezas, sempre que possível sua atuação. Portanto, os profissionais da educação precisam estar comprometidos permanentemente na busca por caminhos que priorizem a aprendizagem crítica dos educandos e deles mesmos, sendo muitas das vezes um desafio constante para os docentes, que precisam buscar continuamente maneiras de proporcionar tal formação para atuarem na sala de aula (GIROUX, 1997).

A prática interdisciplinar não é composta por métodos determinados a serem adotados, mas um conjunto de processos e atitudes que visam promover diálogos possíveis entre os diversos campos de saberes, sendo fundamental a atitude comprometida e engajada do professor que deve buscar uma atitude interdisciplinar. Para tanto, Fazenda reforça que:

> [...] necessitamos desenvolver uma atitude interdisciplinar frente às mais variadas situações e ações. Essa atitude é um ato de vontade, quando acontece o envolvimento humano, a troca de experiências e conhecimentos, enfim, um comprometimento com a competência no ato de ensinar. (FAZENDA, 2002, p.2)

A partir destas reflexões podemos compreender que a interdisciplinaridade, apesar de estar presente nos documentos oficiais referentes a educação brasileira, só começará de fato a ocorrer nas escolas quando a equipe pedagógica, em especial os professores, aspiram por ela e tomarem uma posição enérgica e empoderada para seu uso no dia a dia pedagógico (POMBO, 2011). Pombo enfatiza que esta é uma aspiração emergente nas escolas portuguesas entre aqueles docentes que veem na interdisciplinaridade um caminho de engajamento dos alunos nas propostas pedagógicas para as quais são convidados a participar.

A palavra interdisciplinaridade pode não estar escrita na Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1971 (Lei 5692/71), no entanto ela aparece como ideia no artigo 21,já

na década de 90 de modo a reestruturar o sistema educacional brasileiro, foi assinada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei n. 9.394/1996 (Brasil, 1996). Então, baseados na LDBEN foram formulados diversos decretos, pareceres e orientações curriculares com propostas inovadoras na educação. Assim, na mesma época, são produzidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997a, 1997b) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (BRASIL, 2013) que promovem o aporte legislativo à promoção da interdisciplinaridade no ensino (BRASIL, 2014).

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010a e Resolução CNE/CEB nº 4/2010b), definem que:

> A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento construtivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos. (BRASIL, 2013, p. 184).

Nos documentos produzidos em 2010, também foram divulgadas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNGEB), e em seguida as novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM) ainda em janeiro de 2012. Nestes documentos é possível perceber que a interdisciplinaridade ficou institucionalizada, passando de um “princípio pedagógico” nas DCNEM (1998) para “base da organização do Ensino Médio” nas DCNEM (2012), e também indicando que 20% da carga horária anual deve ser reservada para projetos que abordam a interdisciplinaridade nas escolas (DCNGEB, 2010).

Esta mudança de visão que é proposta pela interdisciplinaridade tem como objetivo a observação do mundo de maneira não fragmentada, todavia, o problema em si não reside na fragmentação em si mas sim no distanciamento entre essas áreas de saberes, já que diversas vezes tal fragmentação é tão grande que é pouco perceptível a relação entre as áreas, a partir da compreensão de que o mundo é complexo deve-se buscar sua compreensão a partir dos diversos conhecimentos obtidos durante o processo de escolarização.

2.3- Abordagem CTS-ARTE

O movimento CTS surge a partir do agravamento de questões sociais e ambientais inflamadas no período do pós-guerra, gerando um movimento na sociedade civil que clamava por estar a par da tomada de decisões sobre o uso de novas tecnologias (PEREIRA, SANTOS e MORTIMER, 2000). Tal movimento vem como resposta à supervalorização da ciência, que trazia o ideal de que quanto mais ciência e tecnologia existissem, maior seria o desenvolvimento econômico de uma nação e, consequentemente, esse desenvolvimento seria o "responsável" por proporcionar felicidade à sociedade. Contudo, tal visão dogmática passou a sofrer críticas, já que o movimento CTS trouxe uma visão de que nem tudo poderia ser resolvido cientificamente.

Os estudos e programas baseados em pressupostos CTS seguiram por três linhas distintas e ao mesmo tempo complementares: a pesquisa, as políticas públicas e a educação (CEREZO, 1998; OSÓRIO, 2002; PINHEIRO, SILVEIRA e BAZZO, 2009). Quando se fala em pesquisa, tem-se por objetivo fortalecer a reflexão acerca da filosofia e sociologia, para compreensão da ciência como uma atividade ligada à sociedade. Em relação às políticas públicas, existe a necessidade de um fortalecimento no debate quanto à participação ativa dos cidadãos no processo do avanço científico-tecnológico. Já no campo da educação, faz-se necessário a modificação dos programas de formação de professores, privilegiando métodos e práticas que promovam o debate acerca de CTS (AULER, 2002).

Com base nestas informações e nos estudos de Matos e Bazzo (2007), Bazzo *et al.* (2003), García *et al.* (1996), Sanmartim (1992) e Walks (1990) podemos concluir que existem três maneiras de ter CTS inserido no currículo escolar os chamados enxertos CTS, a temática Ciência e Tecnologia com CTS e o chamado CTS puro.

Na metodologia dos enxertos CTS a perspectiva CTS é introduzida em tópicos durante o conteúdo curricular regular das escolas, geralmente em situações que o aluno consiga fazer a relação entre o conteúdo científico e o seu dia a dia. Um exemplo desse tipo de modalidade CTS encontramos no projeto SATIS (Science & Technology in Society) que está inserido no Reino Unido e tem complementado os cursos de ciências de crianças e de jovens sobre CTS e ciência (DA SILVA, 2013).

Já na metodologia Ciência e Tecnologia com CTS a estruturação do currículo regular do programa se reorganiza fazendo com que provavelmente neste tipo de metodologia não fosse possível existir a separação em grandes áreas das ciências exatas ou humanas já que a abordagem CTS é desenvolvida através da

interdisciplinaridade, dentro desta modalidade encontramos como exemplo os projetos PLON (Projeto Curricular de Ensino em Física), que tem como objetivo separar situações de relevância social e relacionados ao futuro papéis dos estudantes na sociedade, a partir daí são estruturadas os conteúdos programáticos que serão abordados nas aulas, também temos como exemplo o projeto APQUA (Aprendizagem de Produtos Químicos, seus usos e aplicações) que visa proporcionar a análise crítica de situações tecno-científicas (VIEIRA, 2003).

Na perspectiva do CTS puro o foco do ensino seriam as implicações sociais reais e a utilização de conceitos científicos. Neste modelo ocorre a explicação dos conceitos científicos a partir de resoluções críticas de possíveis problemas socioambientais que deverão ser abordados em sala de aula, tal abordagem permite a inclusão de conceitos tecno-científicos que visam integrar explicações sociais, filosóficas e etc...Projetos SISCON in schools (Science in a social context), IST (Innovation: The social consequence of Science and Technology) e o S in S (Science in Society), são exemplos de projetos em que o foco é o CTS puro (DA SILVA, 2013).

Portanto, o principal objetivo do movimento CTS seria contribuir com a formação cidadã da população para exercer a tomada de decisões conscientemente baseadas não somente em conhecimentos científicos adquiridos, mas na capacidade de exercer raciocínio lógico (AULER, 2001)

O currículo com pressuposto voltado para a perspectiva CTS de ensino deve estar ancorado na apresentação dos conhecimentos e habilidades científicas e tecnológicas que irão proporcionar os discentes a inclusão social nos processos de investigação, de modo a incluir a tomada de decisão a partir dos conhecimentos científicos (BYBEE, 1987).

Para López e Cerezo (1996), uma proposta curricular baseada nos pressupostos da educação CTS deveria corresponder a uma relação entre educação científica, tecnológica e social, em que os conteúdos científicos e tecnológicos fossem estudados em conjunto com discussões de aspectos amplos tais como: históricos, éticos, políticos, socioeconômicos e culturais.

No panorama educacional brasileiro os currículos com a abordagem CTS datam das décadas de setenta, quando começam a incorporar uma visão de ciência como produto do contexto econômico, político e social. Nas décadas seguintes, ocorreu uma reorientação do olhar, visto que o objetivo começou a ser analisar possíveis implicações sociais do desenvolvimento científico e tecnológico (KRASILCHIK, 1987). Durante esse período, inúmeros materiais didáticos e projetos

curriculares foram elaborados, incorporando elementos dessa perspectiva. Dentre os materiais didáticos, é possível citar: o projeto Unidades Modulares de Química (AMBROGI et al.,1987), as propostas pedagógicas de Lutfi (1988 e 1992), a coleção de livros do Grupo de Pesquisa em Ensino de Química da USP – GEPEQ (1993, 1995, 1998), a coleção de livros de física do GREF (1990, 1991 e 1993), o livro Química na Sociedade (MÓL e SANTOS, 2000) e o livro Química, Energia e Ambiente (MORTIMER, MACHADO e ROMANELLI, 1999), além destas propostas pedagógicas, também destacam-se as recomendações curriculares, como por exemplo a Proposta Curricular de Ensino de Química da CENP/SE do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1988), as recomendações para o currículo do magistério de Ciscato e Beltran (1991), e a Proposta Curricular de Química para o Ensino Médio do Estado de Minas (MORTIMER, MACHADO e ROMANELLI, 1998).

As relações entre ciência e arte estão a todo momento emergindo nas salas de aula da educação básica ao longo dos anos através de práticas pedagógicas que buscam promover que estudantes do ensino fundamental e médio se apropriem da ciência como parte da cultura humana, tendo em vista duas possibilidades de articulação – CTS e Ciência e Educação em Arte. De acordo com Galvão (2006) o currículo escolar deve buscar a integração entre as artes e as ciências para que seja possível a formação cidadã. Já Morin (2003), enfatiza que a arte tem a capacidade de nos levar a dimensões estéticas da existência e que, em toda grande obra de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.

Neste ponto Reis, Guerra e Braga (2006) afirmam que a aproximação entre Ciência e Arte é possível e coerente, uma vez que tanto artistas quanto cientistas possuem uma compreensão de mundo que se diferencia na linguagem utilizada para expressá-la, contudo, a perspectiva de ciência e arte busca uma aproximação entre tais linguagens. A perspectiva CTS-Arte traz a observação da arte junto com a necessidade do posicionamento crítico acerca dos conflitos sócio científicos, o CTS-Arte está inserido dentro da perspectiva maior que é o CTS, portanto, carrega consigo a crítica como fundamento.

Portanto, a aproximação entre a ciência e a arte nos leva a superação de duas problemáticas: a primeira sobre a superação da dicotomia entre as chamadas ciências “humanas” e as ciências “exatas” (SNOW, 1959), e a falta de comunicação entre as diversas culturas existentes (CANDAU, 2010). A aproximação entre a ciência e a arte é enriquecedora para a superação destas problemáticas visto que a arte é capaz de

promover o diálogo respeitoso entre as culturas além de promover a reflexão sobre diversas temáticas como meio ambiente, racismo, inclusão por exemplo.

A partir da aproximação entre cultura científica e humanística, e da compreensão de que a ciência é uma construção humana, social e que está impregnada de cultura torna-se possível construir nas aulas de Ciência espaços onde seja possível refletir acerca do papel social da ciência. Isto posto, o CTS-ARTE, surge como uma área híbrida entre a abordagem CTS e a Educação em Artes (Figura 02).

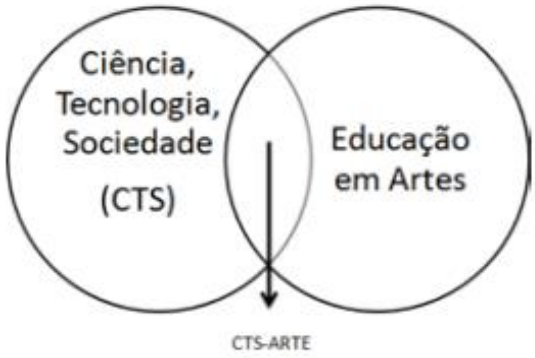


Figura 02: CTS-ARTE como Híbrido entre CTS e Educação em Artes
Fonte: DE ALMEIDA ANDRADE (2014)

A abordagem CTS-ARTE busca utilizar a arte para proporcionar na sala de aula debates sobre meio ambiente, relações sociais além de promover o diálogo entre as diversas culturas, buscando introduzir elementos artísticos em exemplos cotidianos do aluno com o objetivo de fazer o estudante ir além do cotidiano. A sequência utilizada para esta discussão está amparada pela proposta de Aikenhead (1994), onde a prática CTS emerge a partir de uma questão social, ocorre o debate sobre a tecnologia e a ciência e posteriormente as questões socias que estavam como fonte do problema emergem novamente a partir da relação entre Arte + Sociedade (BAY, 2006) (Figura 03).



Figura 03: Proposta CTS-Arte adaptada por Aikenhead
Fonte: Aikenhead (1994).

Tal figura nos demonstra um caminho para a relação entre a arte e a ciência (BAY, 2006). Portanto, uma estratégia adotada é a proposta a partir do que já se é estabelecido nos currículos de ensino de ciências. As etapas são:

1) Um tema social é escolhido a partir de uma relação com a Arte, que no caso desta dissertação foi a temática do meio ambiente, mesmo que durante a execução da atividade este tema gerador tenha ficado como pano de fundo;
2) Uma tecnologia é introduzida;
3) Estuda-se a ciência e sua relação com tecnologia e sociedade;
4) A questão social é rediscutida;
5) É proposto aos estudantes que elaborem um produto científico-artístico, que no caso desta dissertação o produto artístico definido foi a colagem.

Atualmente, metodologias de ensino sob enfoque CTS e CTS- Arte fazem parte do contexto de disciplinas de graduação para a formação de professores (GALIETA e DORVILLÉ, 2017), sendo um exemplo a disciplina de “Estudo e Desenvolvimento de Projetos oferecida pelo Instituto de Física no Laboratório Interdisciplinar Educação em Ciências da UERJ (LIEC/ UERJ).

2.4 - A escolha da Arte

A arte utilizada neste trabalho foi o modelo de ficção científica (FC), tal arte foi

escolhida pois ela busca a partir da narrativa imaginária a reflexão crítica sobre os efeitos da ciência no mundo real buscando desembaraçar diversas experiências culturais, científicas e sociais a partir de perspectivas humanas diferentes.

A FC como nós conhecemos atualmente tem sua origem a partir das obras de Júlio Verne, que buscava produzir histórias em que os leitores ficariam maravilhados com as possibilidades que o futuro poderia promover, tais obras como Viagem ao Centro da Terra (1864) e Vinte Mil Léguas Submarinas (1870) por exemplo marcaram toda a produção do gênero e continuam até os dias atuais sendo referência para a FC, já as obras de Herbert George Wells como A Guerra dos Mundos (1898) e A máquina do Tempo (1895) buscava promover em seu público a reflexão crítica acerca dos usos da ciência em nosso dia a dia. Contemporaneamente a FC possui características próprias como por exemplo a maneira em que ocorre a criação da narrativa, esta característica lhe conferiu a popularização do gênero para além da literatura passando para as obras cinematográficas, como o cinema, seriados, programas de TV dentre outros.

Portanto, a FC busca apresentar a ciência a sua própria maneira, a utilização de filmes de FC em sala de aula por exemplo vai muito além de se buscar encontrar possíveis erros sobre ciência nos filmes. Ela é didática pois ela preocupa-se em transmitir questões que incomodam a sociedade em relação a ciência, ela não tem um compromisso com a veracidade dos conceitos científicos em si, ocasionalmente ela pode até veicular ideias científicas, todavia, seu compromisso não é com a verdade por detrás do conhecimento científico e sim a conexão da realidade ficcional com a realidade diária dos indivíduos. Para isso muitas das vezes ela utiliza-se da racionalidade chocando ou deixando seus consumidores perplexos acerca de tal concepção para que assim seja possível estabelecer relações entre o mundo real e o ficcional (PIASSI e PIETROCOLA, 2009).

Tendo todas essas características específicas da FC, acreditamos em seu potencial em sala de aula para auxiliar na reflexão crítica acerca do meio ambiente e das diversas relações que ele tem, como forma de estímulo ao debate foi montada uma atividade para o desenvolvimento desta pesquisa pensada a partir do filme “AVATAR” (2009), com direção de James Cameron, ele foi escolhido por apresentar diversas temáticas sociais, ambientais e tecnológicas que são importantes pontos para serem debatidos atualmente. Ele é um filme de FC que narra o conflito por recursos naturais entre a espécie humana e os nativos do planeta Pandora, os Na ‘vi, no ano 2154 d.C., quando uma empresa humana RDA procura explorar um minério

chamado unobtainium em Pandora, um planeta distante aproximadamente 4,4 anos-luz do planeta Terra. Para promover a segurança da instalação e operação no planeta, o chefe da mineradora contrata diversos ex-soldados e ex-fuzileiros para atuarem como mercenários. O planeta Pandora é habitado pela espécie humanoide chamada Na ‘vi, portadores de cauda, ossos reforçados com fibra de carbono, pele bioluminescente, podendo medir aproximadamente três metros de altura. Tais seres vivem em plena harmonia com o ecossistema em que estão inseridos e chegam a praticar o culto a uma árvore que eles têm como uma divindade chamada de Eywa que é amada profundamente por eles por representar a natureza que os cerca. A partir da visão dos humanos, os Na ‘vi acabam sendo vistos como seres primitivos, não civilizados e inferiores, o que desencadeia entre os dois povos conflitos e diversos embates militares. Além do grupo de mercenários que a empresa RDA leva a Pandora, também é levado um grupo de pesquisadores humanos, coordenados pela Dra. Grace, que coordena o Programa Avatar, com a perspectiva de desenvolver híbridos humano-Na ‘vi, os chamados avatares, desenvolvidos a partir de procedimentos de engenharia genética. De modo a se conectar ao avatar o ser humano precisa compartilhar material genético com os Na ‘vi para, a partir daí, ser ligado através de conexões neurais ao corpo avatar, controlando-o e exercendo atividades nele. O objetivo do programa é estabelecer um vínculo entre os humanos e os nativos, partilhando a cultura e os conhecimentos de ambos os povos. Nesta perspectiva, Jake, um ex-combatente é enviado no lugar do seu irmão (falecido) para se aproximar dos Na ‘vi e descobrir algo que eles querem em troca dos seres humanos poderem explorar livremente o mineral ambicionado. Este filme foi escolhido por ser rico em possibilidades de ação pedagógica em temáticas que gostaríamos de abordar com os alunos, como:

- Social: Busca refletir sobre o que nos leva pensar que somos melhores que determinadas pessoas (espécies) como é o caso no filme? Levar os discentes ao seguinte questionamento: Por onde esse pensamento de supremacia de uns em relação a outros já nos levou na história?

- Econômico: De acordo com o filme, o que importava para os nativos não era o dinheiro em forma de grande quantidade de minérios sob o solo, mas, outras coisas consideradas importantes, entre elas a Natureza e em especial as árvores, com a qual eles tinham uma conexão tão profunda que chegavam a cultuá-la como uma divindade. Discutir com os alunos sobre: Qual o sentimento dos nativos sobre essa questão, será que todas as coisas têm preço, tudo pode ser monetizado? Qual o preço

econômico e social que as populações vêm ao longo dos anos pagando? Trazendo essa relação para o nosso dia a dia, qual o preço que pagamos pela destruição do meio ambiente em detrimento apenas dos lucros?

- Cultural: Quais as consequências da ideia de os Na ‘vis acreditarem na existência de uma divindade e que ela estava na Natureza? Isso os fez irem até às últimas consequências (guerra) para protegê-la. Estariam eles corretos?

Além de todas as temáticas abordadas, o filme transcorre em um clima de romance entre o fuzileiro Jake e a Na ‘vi Natire o que aproxima ainda mais os alunos promovendo neles o apego emocional ao filme e a todos as nuances que os cercam.

A utilização do filme “Avatar” (2009), buscou sensibilizar os alunos através da narrativa de FC a se posicionarem frente as inúmeras injustiças sociais e desequilíbrios ambientais que ocorrem diariamente. No filme, bem como na cidade em que a pesquisa foi desenvolvida as pessoas são as populações de sacrifício onde suas humanidades são subjugadas em detrimento do capital. A degradação ambiental que gera inúmeros desequilíbrios para os indivíduos locais e desencadeiam crises de saúde pública, como a que estamos enfrentando com o Coronavírus não geram lucros para as comunidades locais e sim para uma pequena parcela de indivíduos que geralmente sequer estão próximos dos efeitos negativos da sua exploração e degradação ambiental.

Contudo, apesar das diversas potencialidades ambientais que são abordadas durante o desenrolar do filme, elas pouco influenciaram no desenrolar desta pesquisa já que outros fatores sociais emergiram a partir da prática em sala de aula.

3- APORTES METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta todo percurso metodológico que foi utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa tem como referencial a obra de Bogdan e Biklen (1994). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que obteve seus resultados a partir de um estudo de caso baseado na investigação da pesquisadora sobre a sua própria prática.

3.1 Pesquisa Qualitativa

Essa abordagem de pesquisa é amplamente utilizada na educação a partir da década de 1970, quando alguns pesquisadores passaram a utilizar a coleta de dados para realizar análises qualitativas, pois assim costumam estudar a situação como um todo, observando o objeto de estudo e o meio em que esse objeto está inserido já que as opiniões que são expressadas são na realidade produtos do meio em que o objeto de pesquisa está inserido (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa possui as seguintes características: o ambiente natural é a fonte direta dos dados, é nele que estes são obtidos, portanto, é fundamental que o pesquisador esteja em contato direto e prolongado com a situação estudada, já que o olhar intuitivo do pesquisador é a fonte mais confiável dos dados. Portanto, esta pesquisa é qualitativa é do tipo descritiva, já que a partir do olhar atento do pesquisador, todos os detalhes que envolvem a realidade tem relevância já que todo e qualquer comportamento pode ser útil para auxiliar na compreensão do fenômeno, já que o pesquisador procura compreender através do olhar dos outros o fenômeno que está sendo estudado.

Isto posto, a pesquisa qualitativa é indicada para todas as pesquisas que a compreensão do todo auxilia na compreensão do fenômeno que está sendo estudado.

3.2 Estudo de Caso

De acordo com André (2013) o estudo de caso é uma forma particular de estudo de um caso específico que pode ser simples ou complexo. Esse caso específico é bem delimitado e os pressupostos teóricos dão aporte metodológico e de pesquisa para que ao ir ao campo o pesquisador já tenha uma ideia do que irá encontrar. Ao iniciar uma pesquisa, via estudo de caso, espera-se que esse caso seja específico e único, no entanto ao longo da pesquisa ele pode mostrar-se como um caso não específico, sem que isso tire a legitimidade desse caso, porque os indivíduos e o ambiente em que estão inseridos afetam e modificam diretamente o resultado de qualquer pesquisa.

Este tipo de pesquisa busca construir-se em um processo, visto que podem emergir novos elementos que não faziam preliminarmente parte do estudo, os resultados sendo obtidos via observação direta, profunda e detalhada da realidade. Para a interpretação dos dados, que são obtidos de diversas fontes como por exemplo: filmagens, entrevistas, questionários etc., é necessário a experiência do pesquisador, pois esses dados são analisados passo a passo.

Um estudo de caso se desenvolve em três etapas: na primeira fase, que é a exploratória, procura-se explorar tudo o que for possível sobre o assunto na literatura conhecida, observando, levantando questões de cunho mais crítico; nessa fase o pesquisador vai delimitando e delineando o que deseja saber com aquele estudo; uma vez que o problema de pesquisa foi delineado, o pesquisador parte para a coleta sistemática dos dados e posterior análise, procurando entender o que esse estudo visa contribuir para a sociedade, para esta pesquisa os dados foram coletados a partir da observação atenta e gravação de alguns trechos que foram posteriormente transcritos.

3.3 Análise de Conteúdo

A análise dos resultados obtidos por esta dissertação é baseada nos pressupostos teóricos da análise de conteúdo. Esta análise vem sendo amplamente utilizado na área das ciências sociais pois ela descreve e interpreta uma ampla variedade de dados que incluem textos documentados ou falados, fotos, dentre outros materiais. Neste sentido, a análise de conteúdo é: “uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível

uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação" (BARDIN, 2011, p. 15), ou seja, as percepções do pesquisador podem influenciar em como esses dados serão analisados e o contexto em que o pesquisador e o objeto de pesquisa estão inseridos podem interferir, em como esses dados serão captados e em como eles serão interpretados. A intuição é importante nesse processo de modo a interpretar e captar os dados que serão posteriormente analisados. Em sua maioria, os dados coletados poderão conter interpretações psicológicas, políticas, sociais e, por isso, é tão importante compreender o contexto, como afirma Moraes:

> Ao longo desta evolução, cada vez mais, a compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem. (MORAES, 1999, p. 3)

A análise de dados via análise de conteúdo possui um caminho que será descrito a seguir:

- Preparação: momento após a coleta de dados em que os dados são lidos e relidos com atenção a fim de compreender o que foi levantado com a sua coleta em campo; esse momento consiste em preparar o material para a análise posterior.
- Unitarização: esse momento visa agrupar os dados em unidades semelhantes. Essa pré categorização é feita através de uma releitura dos dados, com olhar mais apurado para poder compreender mais profundamente o que aquele dado pode significar; também é nessa etapa que ocorre a separação de unidades de contexto pois, ao separar os dados em unidades semelhantes, fatalmente ocorre a perda de sentido, uma vez que as frases ou palavras ficam destacadas do seu contexto, sendo por isso importante que ao longo do texto o contexto seja relembrado para que aquela unidade não perca o sentido para o leitor.
- Categorização: momento em que as unidades de registro são agrupadas de acordo com sua categoria; cada categoria será produzida de modo a agrupar dados que tenham o mesmo sentido. As categorias no início tendem a ser chamadas de iniciais pois são numerosas, precisas e homogêneas; ao longo da releitura dos dados, fatalmente ocorrerá o reagrupamento progressivo desses dados de acordo com sua homogeneidade, quando então os dados tendem a ser reagrupados em categorias intermediárias e finais, que visam ser menos numerosas e com homogeneidade mais fraca.

- Descrição: nesta etapa da análise de dados, existe o intenso uso de citações diretas dos dados originais, a título de exemplos; essa etapa visa delinear em que contexto os dados foram obtidos e como foram obtidos. De acordo com Moraes (1999), esse “é o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas.”
- Interpretação nessa etapa o pesquisador visa interpretar os dados captados para que depois de tratados esses dados possam fornecer algum tipo de informação que venha ser relevante para o estudo em questão.

3.4 Análise via Atlas Ti.

Para a organização dos dados para posterior análise dos dados foi utilizado o software *Atlas.ti* que integra o conjunto de softwares CAQDAS. Ele é uma importante ferramenta para auxiliar na análise de conteúdo via análise categorial, auxiliando aos pesquisadores que tem um volume de dados muito grande. Ele foi desenvolvido por Thomas Muhr em 1989 e tem sido utilizado devido a sua facilidade e gama de ferramentas disponíveis em uma versão de teste que não necessita assinatura, que foi utilizada nesta dissertação, ela possui todas as funcionalidades ativas, contudo com limite para a criação de conteúdo a versão utilizada nesta dissertação é a 8, que até o momento é a mais atual.

É importante ressaltar que o Atlas.ti é uma ferramenta que auxilia no processo de organização da análise dos dados, mas que o software não faz a análise sozinho. O pesquisador necessita inserir todos os dados que serão utilizados bem como as diretrizes que o programa deve seguir de acordo com sua base teórica. Ele é eficiente pois faz a integração entre a expertise humana e o processamento de dados do computador (MUHR, 1991).

3.5 Quais são os indivíduos deste estudo?

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram procuradas três escolas diferentes em momentos diferentes.

Escola 01:

O primeiro ambiente pensado para o desenvolvimento desta pesquisa foi uma sala de aula noturna de educação de jovens e adultos (EJA), presencial de uma escola pública municipal de Belford Roxo. Na referida escola, houve o acolhimento da pesquisadora por parte da equipe pedagógica, todavia, apesar do acolhimento da proposta pela equipe educacional da escola, o trabalho não teve como ser desenvolvido nesta unidade escolar em decorrência do ambiente externo à escola, de intensa hostilidade, caracterizada pela violência ao redor da escola, que fica inserida dentro de uma comunidade fazendo com que o trabalho fosse interrompido após a primeira reunião, levando a pesquisadora buscar outra escola.

Escola 02:

A segunda escola pensada para o desenvolvimento da pesquisa foi uma escola estadual localizada no primeiro distrito do município de Duque de Caxias, ao procurar a escola a pesquisadora também teve acolhimento por parte da equipe, ao iniciar o processo junto à SEEDUC para o desenvolvimento da pesquisa ocorreu à suspensão das aulas presenciais em decorrência da pandemia do novo Coronavírus.

Escola 03:

Diante desta situação anormal pela qual o mundo vem passando, a atividade foi reformulada para que ocorresse remotamente online. Desta maneira, o desenvolvimento da pesquisa feito na própria sala de aula on-line da pesquisadora, fazendo com que a pesquisa se tornasse uma pesquisa baseada nos pressupostos da pesquisa-ação, após a concordância da coordenação escolar, a atividade de pesquisa pode ter seu início.

O perfil Escolar:

Os indivíduos que compuseram a pesquisa eram de uma turma de trinta e dois alunos do nono ano de uma escola privada localizada no bairro Parque Fluminense, que é um local carente e está localizado no segundo distrito do município de Duque de Caxias. Entre os alunos que são em número de trinta e dois, catorze são meninas e dezoito são meninos com faixa etária por volta dos catorze anos, com maioria negra, essa turma de nono ano foi escolhida pois além dos alunos ao longo dos anos com a professora terem sempre se demonstrado interessados por temas diversos, eles são muito participativos durante as aulas, questionando e buscando levar para os debates situações que eles vivem diariamente. A referida escola é uma escola de bairro muito tradicional na comunidade em que está inserida, encontrando-se no mesmo local há cerca de cinquenta anos. O bairro conta com

poucas atividades de lazer e cultura para as crianças e adolescentes, sendo por este motivo disponibilizadas à comunidade, todos os anos, feiras e outras atividades culturais, de forma gratuita na quadra da escola. são. Nessas ocasiões a escola permanece aberta ao longo do dia para que a comunidade visite as exposições. Para obtenção dos dados para esta pesquisa foi utilizado um diário de bordo no qual foram registrados os debates realizados durante a atividade pedagógica da pesquisa. Nenhum indivíduo, bem como a escola, será identificado nesta pesquisa.

3.6 Delineamento metodológico

A coleta de dados desta dissertação foi realizada durante o desenvolvimento de uma atividade com o objetivo de investigar se as falas interdisciplinares de professores, ciências (a pesquisadora), história, geografia e artes iriam motivar a postura cidadã em relação ao meio ambiente nos alunos, identificada nos enunciados proferidos pelos alunos durante os debates. Estas disciplinas foram escolhidas por estarem no mesmo conteúdo curricular das temáticas que foram abordadas no filme.

A partir destas observações, foi montado um cronograma para a atividade:

Tabela 01: Cronograma Atividade

	Ação	Objetivo
Semana 01	Assistir em sala de aula com alunos o filme avatar.	Conhecer o filme e a observação sobre
Semana 02	Trazer para a sala de aula mais dois outros materiais: vídeo da música do filme "O Lorax" onde o personagem se pergunta se ele é ruim por ter destruído o meio ambiente e uma obra de	O objetivo de trazer esses outros dois materiais é fomentar o debate com os alunos. O filme Lorax tem como objetivo falar sobre a derrubada das árvores e uma de suas consequências, a falta de ar fresco. Já a obra do Vik Muniz, tem como

	Vik Muniz feita a partir de lixo encontrado no lixão de Gramacho.	objetivo mostrar aos alunos que a arte pode ser produzida de diversas maneiras, inclusive em forma de colagens, onde buscamos imagens variadas para montar uma forma.
Semana 03	Explicação sobre como as colagens foram produzidas e a elaboração de propostas para os problemas ambientais que enfrentamos como espécie.	Relacionar a conjuntura atual de desmatamento com os filmes, através do debate os alunos poderiam produzir falas com perspectiva cidadã.

Contudo, em decorrência da pandemia ocasionada pelo Coronavírus que desencadeou no confinamento em massa, todas as aulas tiveram que deixar de ser presenciais e foram direcionadas para plataformas online. Portanto, a atividade bem como toda pesquisa precisou passar por reformulação para que pudesse acontecer.

Semana 01

O filme foi enviado para a plataforma de aula online em uma segunda feira para que os alunos pudessem assisti-lo em casa. Durante a semana também foram enviados pela plataforma educacional um vídeo curto de uma animação chamada “O LORAX” (2012), onde o personagem se pergunta se ele é ruim depois de ter derrubado todas as árvores com o objetivo de confeccionar o “sneed”, um produto revolucionário que teria diferentes utilidades; na animação o produto era produzido a partir das folhas de Trúfulas (árvores); no início do filme, quando o personagem derruba uma árvore, aparece um protetor da floresta, o Lórax, que o faz prometer que não derrubaria mais árvores e utilizaria apenas as folhas caídas. Mas, ao longo da trama, com o sucesso do sneed, o jovem passa a derrubar as árvores quebrando assim o prometido até que acaba por derrubar todas as árvores. Porém, quando isso

acontece, as pessoas são surpreendidas por um problema: a falta de ar fresco, o objetivo ao enviar este vídeo foi promover nos alunos a ligação entre a qualidade de vida e as árvores, já que no filme assim como na vida real as árvores são responsáveis pelo ar que respiramos.

Ainda na primeira semana, foi enviada uma foto da obra do artista plástico Vik Muniz (Figura 04 - https://www.culturagenial.com/vik-muniz-obras/), feita com lixo retirado do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, estando esse terceiro material intimamente relacionado com o município, pois Duque de Caxias por muitos anos recebeu o lixo de toda capital do Estado e de diversas outras cidades vizinhas e, ainda hoje, mesmo após oito anos de fechamento oficial do lixão, é possível se constatar despejo irregular de lixo no local às margens da Baía de Guanabara, o objetivo do envio desta figura era promover nos alunos a reflexão sobre o lixão que ainda recebe lixo em Duque de Caxias, cidade que eles moram, tal figura poderia auxiliá-los sobre a quantidade de lixo que produzimos diariamente e se esse lixo pode nos afetar de alguma maneira futuramente.



Figura 04: Ilustração produzida por Vik Muniz intitulada: “The Bearer Irmã”, de 2008.
Fonte: Vik Muniz https://www.culturagenial.com/vik-muniz-obras/

Semana 02:

Para iniciar a segunda semana, foi proposto aos alunos pelo professor de história o filme “POCAHONTAS – O encontro de dois mundos” (1995), pois ele retrata a chegada dos colonizadores ingleses a uma nova terra. A partir dessa chegada começa então um processo de exploração de riquezas, apesar dos nativos do local não concordarem com a retirada de matéria prima a eles pertencente, passando a ocorrer disputa por riquezas, finalizada devido ao amor entre a índia Pocahontas e o

colonizador John Smith, tal filme foi escolhido por possuir temática de exploração parecida com a do filme “Avatar”.

O segundo momento da atividade e o primeiro com alunos e professora online foi formulado a partir de uma apresentação de slides que tinha como objetivo trazer um trailer do filme Pocahontas para os alunos que não o tinham visto (Figura 05). Na sequência, os slides 03 e 04 (Figuras 06 e 07) tiveram o objetivo de apresentar algumas temáticas que envolviam o filme e os conteúdos que haviam sido trabalhados com os alunos em aulas anteriores, até chegar ao slide 05 (Figura 08) em que a relação entre meio ambiente e seres humanos é levantada com a pergunta: “Como isso tudo chega até você?” ou seja, o que o ser humano tem a ver com toda essa devastação que vem assolando o meio ambiente’? Aos alunos foi direcionada a pergunta, por meio do slide 5 (Figura 08) juntamente com a pergunta: “O que mais chamou atenção de vocês nos filmes e matérias que foram assistidos, Avatar e Pocahontas?”.



Figura 05: Prévia do filme para os alunos que não puderam ver em casa.
Fonte: Autora (2020).



Figura 06: Slide com imagens referentes às temáticas que o filme abraça.

FONTE: Autora (2020).

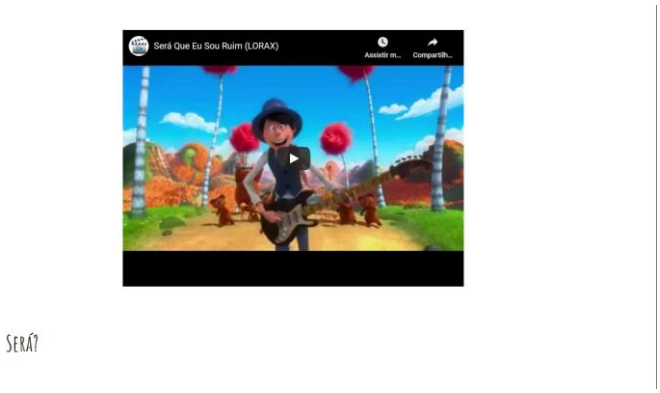


Figura 07: Prévia da música do filme “O Lorax” (2012).
Fonte: Autora (2020).

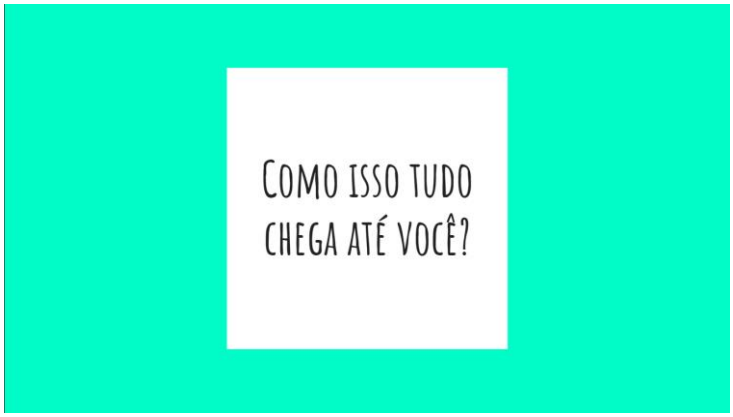
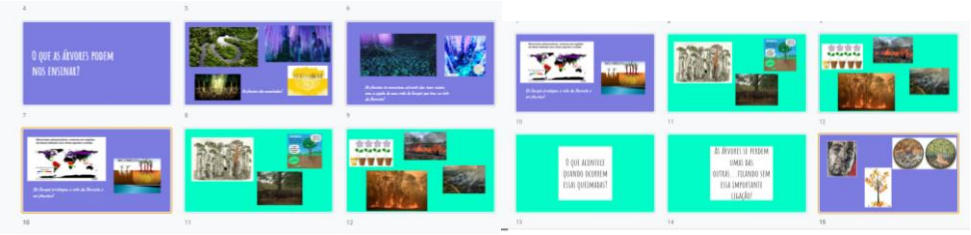


Figura 08: Questionamento aos alunos.
Fonte: Autora (2020).

O objetivo destas imagens era de fomentar o debate para então, a partir das falas dos alunos, tentar construir os resultados.

Em decorrência de uma intervenção ocorrida em sala de aula, a segunda semana de atividade não teve como ser finalizada, o que gerou muitas reclamações por parte dos alunos, afirmando que foi muita falta de educação interromper a aula daquele modo, ficando pendente o restante dos slides, de 8 a 14 (IMAGENS 9 e 10), que ficaram para a próxima aula.



Imagens 09 e 10: Slides com as temáticas que seriam abordadas com os alunos durante os debates sobre o filme “Avatar” (2009).
Fonte: Autora (2020).

Semana 03:

A partir da perspectiva de finalização da atividade, a primeira aula da semana três teve início com a apresentação dos slides que haviam faltado (slides 08 a 14), pois eles tinham como objetivo demonstrar aos alunos relações entre as plantas, o solo e os fungos e a importância do equilíbrio entre eles, para evitar que no futuro tenhamos mais pandemias como a que estamos encarando atualmente. O filme Avatar enfatiza a questão das trocas energéticas nos ambientes naturais como forma de sustentabilidade. A partir da construção da relação entre a manutenção dos ecossistemas salubres e a geração de doenças, os discentes foram encorajados a refletir sobre a importância do meio ambiente.

Semana 04:

Esta foi a última semana da atividade, tendo ela tido como propósito o envio das colagens e/ou dos materiais que foram produzidos pelos alunos sobre o filme. A produção das colagens tem como objetivo a produção de um material de cunho artístico produzido pelos alunos.

4- Análises e Resultados

Este capítulo é composto pelas análises e pelos resultados que foram obtidos pela atividade desenvolvida junto aos alunos. Este capítulo é subdividido em três partes onde: na primeira parte encontramos as análises das aulas que compuseram a atividade bem como os resultados que foram obtidos a partir da execução de tais atividades, nesse trecho, também estão dispostos trechos do diário de bordo de pesquisa do pesquisador. Na segunda parte estão expostos os produtos artísticos que foram executados pelos discentes a partir da atividade que foi desenvolvida com eles. Na terceira parte são explicitados os eixos temáticos que foram produzidos a partir da análise dos itens e por fim na última parte são discutidas as redes semânticas que foram construídas com o auxílio do software *Atlas Ti*, um software que possui compatibilidade com documentos em diferentes formatos: PDF ou Word, além de tabelas, imagens e vídeos.

4.1- Aulas e Diário de Bordo

A atividade para esta pesquisa foi desenvolvida em quatro semanas diferentes. Na primeira semana ocorreu o envio do filme e o debate em sala de aula com o objetivo de promover a reflexão. Para auxiliar no debate determinadas figuras foram enviadas aos alunos para fomentar o debate então, a partir das falas dos alunos, foram construídos os resultados. A partir dessas imagens a professora/pesquisadora instigou os discentes questionando-os sobre: *"O que mais chamou atenção de vocês no filme pessoal?"*, os discentes sentiram-se à vontade e logo o Aluno GF exclamou : "*O que mais me chamou atenção foi o egoísmo dos homens que querem os recursos dos índios",* outras falas como a do *ALUNO V. De primeira vista, eles pareciam primitivos, mas na verdade são uma raça bem inteligente, e por isso que eu acho que pegaram matéria prima deles",* a *do* ALUNO Z: *"Porque eles são diferentes..."*. Relacionaram também a falta de respeito durante o filme como o fator que lhes havia chamado mais atenção. Alguns alunos também construíram pontes entre os conhecimentos de história e ciências quando, por exemplo, a PROFESSOR A

questionou aos alunos: *“Então, mas porque...Fala. E aí? Por que que você acha que, a princípio, eles parecem ser primitivos?”* sendo respondida pelo ALUNO GM que disse: *“O que a senhora ‘tava falando do preconceito, o PROFESSOR ZA falou como os romanos chamavam os povos sem a sua cultura. Chamavam de bárbaros”*.

Apesar da professora levantar temáticas como biotecnologia e meio ambiente, o debate foi pautado pelos alunos na temática de respeito às diferenças do próximo. Eles levantaram diferentes tipos de preconceitos em relação ao próximo: a xenofobia foi lembrada pelo ALUNO R ao falar: *“Pastel de “flango”*, termo utilizado como piada semelhante à do atual ministro de educação na época para se referir à fala dos imigrantes orientais.

O preconceito cultural também foi evidenciado quando alguns alunos como os a seguir verbalizaram:

ALUNO K. *“Respeitar o pop, respeitar as músicas’ dos outros.”*

ALUNO Z. “*Respeitar a cultura.”*

ALUNO V. *“K quer respeitar os K-pop”.*

ALUNO D. *“Ele tem que escutar K-pop também”*

Essas falas culminaram na fala do ALUNO R quando enfatizou que: “*As pessoas têm que respeitar as diferenças dos outros e... sei lá”.* Neste momento outro aluno interferiu no debate e disse: *“Pô, professora! Tem gente que se sente desrespeitado pela cor, professora”* (ALUNA AC). A partir desta fala a professora indagou a ALUNA AC: *“E você já sentiu isso na sua pele?”*. Após a afirmativa da aluna dizendo que já havia sofrido racismo: *“com oito, nove anos de idade. Dez. Na minha outra escola. Aí, é meio que difícil”,* outros alunos também confirmaram tal realidade, dizendo já terem passado pela mesma situação. Em decorrência deste problema que a maioria dos alunos já havia passado na sua vida pessoal, a professora perguntou: *“ Então você acha que seria, sei lá, importante ter na escola o debate sobre racismo?”*, a maioria dos alunos (trinta e um) respondeu afirmativamente e adicionaram:

ALUNO GR: *“É. É”*

ALUNO R: *“Sim, senhora!”*

ALUNO L: “*Ah... eu acho legal!*”

ALUNA AC: *“Seria muito importante, um negócio desse.*”

ALUNA L: *“Porque tem muita gente que não aprende em casa!”*

ALUNA V. *“Eu acho que daria”*

Até que o ALUNO Z. disse enfaticamente: *“Não!*”, a partir da resposta negativa, alguns alunos indagaram ao colega se ele já havia sofrido racismo:

ALUNO R. "*Já sofreu racismo?!"*

ALUNA AC. "*Meu amigo, você nunca sofreu racismo na vida, cara! Cê tem noção disso?! Você não tem noção do que que é! Então não opina, cara! Você n'é (não é) preto! Entendeu? Por favor, não opina!"*

ALUNA Y: *"Exato AC."*

E o ALUNO Z. reintegrou afirmando: *"Eu acho que não é assunto que tem a ver sobre ciências e em nenhuma matéria da escola".*

Neste momento o lugar de fala dos alunos negros foi questionado pelo ALUNO K: *"Só quem... Só quem tem a pele escura pode falar sobre esse assunto?".*

Neste momento a professora interrompeu o debate para dar uma breve explicação sobre o que era local de fala para os alunos: *"Na verdade, não é bem isso que a AC. tá querendo dizer. O que ela disse é o seguinte: que ela sofreu isso na pele, K... então ela tem uma visão, que eu, por exemplo, nunca vou ter ou que você também nunca vai ter. Por quê? Porque a gente nunca sofreu isso, então é lógico que, pra ela, isso é uma questão que toca muito mais do que, por exemplo, pra você. Por exemplo: pra mim é muito importante que tenha lá, na minha faculdade, aula sobre feminismo. Por quê? Porque eu já sofri na minha pele. Já ouvi professor falar que "Ah, você é mulher, não tem que ser pesquisadora". Entendeu? Então isso são questões muito mais, assim, que me tocam muito mais".*

A partir da explicação, o PROFESSOR A voltou-se ao ALUNO Z. que falou *"Não?",* perguntando a ele qual era a visão dele sobre esse assunto, ele explicou que: *"Não, 'fessora. É que não é assunto que tem que ser discu...discutido no ambiente de escola. Isso a gente aprende com a vida, não na escola"*.

Neste instante alguns alunos intervieram:

ALUNO R.: *"A gente tem que ser educado na escola, né?"*

ALUNO GR., se dirigindo ao Aluno Z.: *"Claro que não, moleque! Se você 'tá na escola, você 'tá na escola 'pra receber educação!"*

Enquanto isso, o ALUNO Z. continuou alegando: *"Não, Não! Minha mãe é que me dá!"*

ALUNA V.*: "A escola tem que dar educação 'pro mundo, E!"*

Enquanto o ALUNO Z insistia que: *"Eu aprendo em casa, a educação".*

Sendo rebatido pelos colegas, até que o ALUNO GR. exclamou: *"Bom, eu considero o E. super racista! Ponto, 'cabô!"*, sendo repreendido pelo ALUNA L.: *"GR grosseiro."*

A partir desta fala do ALUNO GR., a sala de aula on-line foi invadida pelo

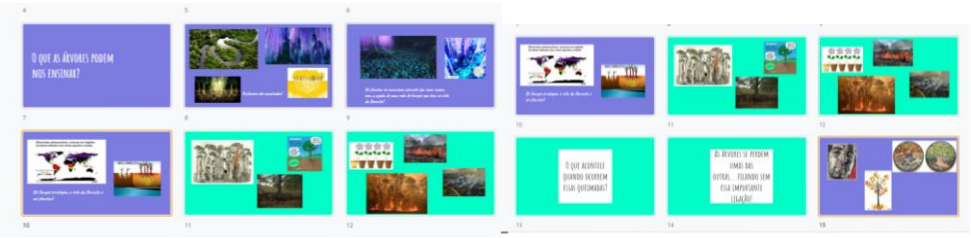
responsável MC, mãe do ALUNO Z. que interrompeu a professora dizendo:

"Então, primeiro (truncado) primeira questão: é... Eu acho que esse realmente não é um assunto, é..., de se falar numa aula de ciências, tá? É... segundo: meu filho foi chamado de racista, por quê? Por que ele é branco? Eu sou negra, então, aí, como que a gente vai resolver isso? Né?! Então, assim, eu vou te pedir, por gentileza, A, por gentileza. Primeiro que, na aula, não tem que saber de feminismo também, tá? Feminismo, a gente aprende, estudando sobre o feminismo. Não na aula de ciências, 'tá bom? Então, assim, eu vou te pedir, por gentileza, né? 'Pra gente não ter um problema mais sério. Até mesmo porque, pra mim, isso é militância, né? Eu sou uma pessoa instruída e eu sei exatamente como funciona' as coisas, então vou pedir, por favor, por favor, que vocês foquem no tema da aula, tá? Eu fico sempre com o E. quando ele está tendo aula, então eu peço, por gentileza, que esse assunto se encerre aqui. Primeiro, porque meu filho foi chamado de racista, então quero saber qual foi a atitude dele, de racismo, só por ele ter falado que não concorda que seja um assunto feito em sala de aula. Tá bom? Ele foi chamado de racista, então eu vou procurar a mãe dessa criança e vou querer saber onde, né? Eu peguei o meu telefone pessoal 'pra gravar isso e eu vou perguntar aonde meu filho foi racista. Por que ele não tem lugar de fala? Só porque ele deu a opinião dele?"

Após esse pronunciamento, a internet da responsável MC. saiu do ar, fazendo com que ela e o filho saíssem da sala de aula on-line. Neste instante, muitos alunos aproveitaram a oportunidade para demonstrar sua desaprovação em relação à intromissão da responsável durante a aula, como por exemplo o ALUNA S.: *"Eu achei extremamente ridículo ela ter feito isso. Primeiro: o Z. falando que não tem que ser abordado na escola. Vai ser abordado é onde? Quem vai ensinar isso 'pra gente? Segundo: a gente tem que, sim, falar sobre racismo, feminismo, tudo isso, na escola. A gente tem que aprender, entendeu? Eu não vou chegar numa discussão sobre isso e encher a pessoa de argumentos, que nem eu sei, que que eu 'too falando, e achar que eu 'too certa, por achar que a pessoa deve falar isso, porque, realmente, ele falar sobre isso foi um pouco ofensivo. Aí tudo bem, se alguém levar 'pro lado de racismo, mas foi ofensivo ter que aprender isso na sala de aula. Ele é uma pessoa branca, extremamente padrão, cabelos louros, é... Eu não posso falar muito sobre isso, que eu também sou, mas a minha mãe é negra. Entendeu? Então, tipo assim, eu tenho consciência das coisas. Ele foi totalmente incoerente e inconsciente. A minha opinião. Agora, a mãe dele chegou aí, surtando, falando um monte de coisa que ninguém precisava ouvir e achando que 'tá certa. Gritando, falando."*

Neste momento a mãe de E. retorna e novamente interrompe as falas dos alunos, reclamando mais uma vez sobre a temática da aula, já que de acordo com a perspectiva deste responsável esse tópico sobre racismo não deve ser abordado em sala de aula. O responsável foi cortado pela professora já que, apesar de estarem em chamada virtual, a sala de aula e consequentemente a aula ainda estavam sob responsabilidade do professor, mas o responsável terminou falando: *"Era só você respeitar a opinião dele. Era só você respeitar a opinião dele, porque a sua indagação... a sua indagação abriu espaço 'pra outros alunos, inclusive um aluno, 'pra chamar o meu filho de racista, só porque ele falou a palavra "não". 'Tá bom? Mas depois a gente conversa no privado, 'tá bom? Eu 'tô colocando a roupa e 'tô indo... Eu vou dar um pulinho na escola, né? Apesar que agora não 'tá funcionando, mas amanhã eu vou à escola e a gente resolve isso lá. 'Tá bom, A? Muito obrigada. Bom dia".*

Em decorrência deste fato ocorrido na sala de aula, a atividade não teve como ser finalizada, o que gerou muitas reclamações por parte dos alunos, afirmando que foi muita falta de educação interromper a aula daquele modo, ficando pendente o restante dos slides, de 8 a 14 (Figuras 7 e 8), que ficaram para a próxima aula.



Figuras 09 e 10: Slides com as temáticas que seriam abordadas com os alunos durante os debates sobre o filme "Avatar" (2009).

Fonte: Autora (2020).

Ainda no mesmo dia, a professora entrou em contato com a coordenação da escola explicando os fatos ocorridos durante a aula, entrando também em contato com o PROFESSOR ZA. de história para falar sobre o ocorrido. O professor enfatizou que tais temáticas (racismo e feminismo) foram abordadas durante o oitavo ano junto a essa turma e que, por esse motivo, ficou surpreso, já que todos estavam familiarizados com as temáticas, e concluiu falando : *"Principalmente ela deu uma lição para os alunos e para todo mundo do que é essa questão de não respeitar a cultura dos outros; e pensar que a cultura dela e o pensamento dela Fundamental e os outros não*

podem estar nem aí dá aula ser a mais prática do que é se possível; aqui só se construiu o respeito às Diferenças".

Em decorrência da atual modalidade de ensino durante a pandemia do Corona vírus – on-line - muitos alunos assistem aula no mesmo cômodo que os pais, o que fez também com que a maioria dos pais da turma soubessem do ocorrido e fossem procurar a professora ou a direção da escola para se posicionar em favor da professora, como por exemplo:

ALUNA V: *"Minha mãe também 'tá aqui do lado e ela falou que a senhora tá coberta de razão"*

ALUNA G: *"Minha mãe falou que você 'tá certíssima, que ela ouviu tudo, falou que a mulher 'tá louca."*

ALUNA Y: *"Minha mãe disse que tem pena de você professora para aguentar essas pessoas*"

RESPONSÁVEL L: *"Fiquei nervosa como mãe e como professora. Foi desagradável! Mas fica tranquila, a turma ficou do seu lado. É assim mesmo, eles ficam assustados, mas educação vem de casa."*

RESPONSÁVEL D: "*Eu sempre estou por perto ouvindo as aulas dos professores! Foi exatamente por eu ter ouvido a aula de hoje que venho te dizer que você está coberta de razão! Um responsável não tem o direito de invadir sua aula para falar seja lá o que for; um responsável não pode se trocar com alunos; um responsável não pode te desrespeitar perante os alunos! Seja lá qual for a matéria você é capacitada para falar seja o assunto que for! Não gostei do tom da mãe do aluno Z muito menos a falta de respeito em invadir sua aula! Uma aula online não dá o direito de qualquer um sair falando o que quer e a hora que quer. Não é porque os alunos estão dentro de casa que nós responsáveis temos o direito de entrar e sair falando na aula! Os alunos não têm que opinar que tipo de aula, ou que tipo de assunto você irá dar! Você é qualificada para dar aula e ensinar! Aluno é para ouvir, aprender e respeitar; e no caso de você pedir uma opinião, aí sim o aluno pode vir a opinar! Na minha opinião você deve sim falar com os alunos a respeito do que está acontecendo no mundo! Na minha opinião você não está errada em nada!"*

Em contrapartida, a RESPONSÁVEL MC., após procurar a coordenação da escola, resolveu fazer um post público em uma rede social para alertar outros pais:

"Olá MÃES E Pais!!

Quero deixar um alerta muito importante que eu e o Z vivemos com a aula online! Não vou expor a escola e A professora, porque o assunto já foi resolvido e a escola

me deu todo o suporte! Enfim, vamos ao assunto! Hoje na aula de ciências, uma professora incitou alunos a um debate sobre racismo, onde perguntou aos alunos se eles achavam interessante debates sobre racismo, feminismo etc. na escola! Os alunos e alunas foram respondendo sim, sim e quando chegou na vez do meu filho ele disse Não (SOMENTE) eu estava assistindo a aula junto com ele. Logo a professora ao ouvir o "não" indagou a opinião dele, e ele mais uma vez sucintamente respondeu: "Porque é um assunto q não acho q aprendemos na escola". Virou uma zona a aula, alunos falando que o Z. não poderia opinar porque ele era branco do olho azul, e logo a professora concordou dizendo que assim como ela (branca) , não poderia falar de como é sofrer racismo, porque nunca sofreu um, mas poderia falar de feminismo por ser mulher, tal do (lugar de fala). Logo um aluno em especial chamou o meu filho de RACISTA. Eu como já havia percebido a intenção da professora em outras aulas, e já tinha sacado o posicionamento político dela em outras aulas e questões, não consegui me abster e entrei na sala, falando tudo q achava daquele absurdo!

A aula era sobre o filme "Avatar" sobre meio ambiente e biologia da ficção, e como em outras aulas ela sempre arruma um jeito de colocar ideologias no meio, incitando debates de fundo ideológicos, mas hoje não deu, hoje não deu pra ficar calada, como tenho feito desde o início que percebi a sacada dela!! Os demais alunos falavam pra mim: "Você é louca", "a professora sabe o q é melhor pra nós", "a escola tem q nos educar". Meu filho respondeu: "A escola nos ensina matéria, e educação meus pais me dão em casa". MEU FILHO FOI CHAMADO DE RACISTA, E TIRADO O LUGAR DE FALA POR SER BRANCO. PAIS, pelo amor de Deus, acompanhem seus filhos, não sejam isentos, não se calem, observem, escutem as aulas e conteúdos dos seus filhos, isso é muito sério! Professor, escola, podem ser militantes do que quiserem, eles são livres pra isso, mas JAMAIS PODEM MILITAR OS FILHOS DE NINGUÉM! Porque se vcs não estiverem atentos e combater isso, SEUS FILHOS SERÃO REALMENTE EDUCADOS PELOS PROFESSORES E ISSO PODE TRAZER MUITAS CONSEQUÊNCIAS!"

A partir de tal posicionamento a coordenação da escola, através da direção, fez também um posicionamento via redes sociais, afirmando o papel da escola na formação cidadã amparada legalmente pela LDB (1996), levando a RESPONSÁVEL MC. a retirar do ar a sua publicação. Ainda durante a semana 2 da atividade outras turmas da escola ficaram sabendo do ocorrido, o que fez com que durante a semana fosse levantado o debate sobre racismo e respeito às diferenças em diversas aulas.

Após o incidente, o ALUNO Z. ficou sem frequentar as aulas. A coordenação

decidiu por fazer uma reunião on-line com a turma para enfatizar que durante o processo educacional irá haver conflitos de ideias, mas que durante esses conflitos o que deve ser atacado são as ideias e não as pessoas. Houve também, pela coordenação, parabenização aos alunos devido à postura consciente e cidadã que tiveram com os colegas que se sentiram ofendidos e com a professora que foi exposta nas redes sociais. No decorrer da semana a responsável MC. continuou insistindo no assunto junto à coordenação*: "Peço SENHOR I (coordenador), encarecidamente, que meu filho receba um pedido de desculpas, desses alunos e da professora em questão!! A única coisa que eu te peço! Me coloco também à disposição de conversar pessoalmente com vcs da escola e a professora! Porque acredito que pelo menos um pedido de desculpas, por ser acusado de uma coisa q não fez, o ALUNO Z. tem direito!! Porque se com certeza a história fosse outra, se fosse o ALUNO Z. a usar a cor, para fazer comentários pejorativos, acusações, a situação seria outra!"*

Durante os eventos ocorridos durante a semana, o que nos chamou atenção foi o papel afirmativo da escola na sociedade. Para a pesquisa, todas as falas dos alunos e dos responsáveis foram transcritas para posterior análise, tendo essa semana gerado um volume muito grande de dados, uma vez que a discussão saiu da sala de aula e adentrou outros espaços como as redes sociais, chegando até mesmo a ser debatida em outras turmas da mesma escola.

Semana 03:

Após todos esses fatos ocorridos em sala de aula, a primeira reação da professora-pesquisadora foi optar por encerrar a atividade, sem a finalizar, visto que ela e os alunos ficaram durante algumas aulas inclusive de outros professores com receio de serem interrompidos novamente no meio da aula. Passados duas semanas a coordenação junto com a professora decidiram, em comum acordo, que a atividade deveria ser concluída, porém desta vez direcionando o debate às questões ambientais que são referentes ao bairro onde a escola está inserida.

A partir da perspectiva de finalização da atividade, a primeira aula posterior ao debate teve início com a apresentação dos slides que haviam faltado (slides 08 a 14), pois eles tinham como objetivo demonstrar aos alunos relações entre as plantas, o solo e os fungos e a importância do equilíbrio entre eles, para evitar que no futuro tenhamos mais pandemias como a que estamos encarando atualmente. O filme Avatar enfatiza a questão das trocas energéticas nos ambientes naturais como forma de

sustentabilidade. A partir da construção da relação entre a manutenção dos ecossistemas salubres e a geração de doenças, os discentes foram encorajados a refletir sobre a importância do meio ambiente. Entretanto muitos alunos ficaram com receio de ocorrer novamente interferência externa e muitos optaram por não participar da atividade, com medo de serem expostos. Para finalizar a atividade, foi proposto aos alunos que refletissem sobre as questões que foram pensadas e montassem uma colagem que pudesse ilustrar todo caminho que havia sido percorrido até então. Durante a parte final da atividade, pouco foi debatido pelos alunos, em sua maioria ficaram apáticos ou saíram da chamada e os que ficaram tentavam interagir com a professora. Durante a aula que foi focada em meio ambiente, foi possível presenciar um ato de desrespeito com o próximo, mais uma vez na fala de E. relacionada ao Coronavírus:

ALUNO Z: *"veio do japonês professor a; japonês fica comendo carne de animal que não é para comer".*

De novo Z. é interrompido pelo ALUNO GM. com o pedido de respeito pois: *"É a cultura deles cara, é muito preconceito falar que todo mundo come. É muito difícil nós julgarmos a cultura alheia sendo que nós também temos hábitos alimentares um tanto...".*

Após tais intervenções, a professora finalizou a aula cobrando aos alunos a colagem solicitada sobre os temas que eles haviam aprendido ao longo das semanas de atividades, tendo tais colagens contribuído para a análise desta pesquisa, importante destacar que a técnica da colagem foi escolhida pois ela possibilita a construção de algo inovador a partir do encontro de fragmentos de outras figuras que retiradas do contexto original dão vida a uma nova perspectiva. A partir da construção do novo a partir do encontro entre figuras distintas é possível fazer uma ponte entre dos velhos aos novos pensamentos, a partir do choque com a nova perspectiva ela funciona como um meio para iniciar a transformação da conduta. A partir do momento em que dois fragmentos diferentes se encontram, é necessário que ocorra a empatia suficiente para lidar com o diferente, esta técnica foi escolhida justamente por ser capaz de promover na pessoa que o faz a percepção do olhar para dentro e compreender que todos somos feitos de pedaços diferentes e que todos esses pedaços nos formam, portanto, temos que ser empáticos com o próximo e principalmente conosco (FIRMINO, 2018).

Para que não ocorresse baixa adesão pelos alunos, ficou resolvido entre coordenação e a PROFESSOR A que o trabalho de colagem valeria ponto na

avaliação bimestral, sendo também pensado pela professora montar uma pequena exposição na rede social da escola para que os alunos vissem suas artes expostas na mídia social.

Durante os eventos ocorridos durante a semana, o que nos chamou atenção foi o papel afirmativo da escola na sociedade. Para a pesquisa, todas as falas dos alunos e dos responsáveis foram transcritas para posterior análise, tendo essa semana gerado um volume muito grande de dados, uma vez que a discussão saiu da sala de aula e adentrou outros espaços como as redes sociais, chegando até mesmo a ser debatida em outras turmas da mesma escola.

4.2- Trabalhos

Após tais intervenções (semanas 1, 2 e 3), a professora finalizou o encontro 3 cobrando aos alunos a colagem solicitada sobre os temas que eles haviam aprendido ao longo das semanas de atividades, tendo tais colagens contribuído para a análise desta pesquisa, importante destacar que a técnica da colagem foi escolhida pois ela possibilita a construção de algo inovador a partir do encontro de fragmentos de outras figuras que retiradas do contexto original dão vida a uma nova perspectiva. A partir da construção do novo a partir do encontro entre figuras distintas é possível fazer uma ponte entre o velho ao novo pensamento, a partir do choque com a nova perspectiva ela funciona como um meio para iniciar a transformação da conduta. A partir do momento em que dois fragmentos diferentes se encontram, é necessário que ocorra a empatia suficiente para lidar com o diferente, esta técnica foi escolhida justamente por ser capaz de promover na pessoa que o faz a percepção do olhar para dentro e compreender que todos somos feitos de pedaços diferentes e que todos esses pedaços nos formam, portanto, temos que ser empáticos com o próximo e principalmente conosco (FIRMINO 2018).

Para que não ocorresse baixa adesão pelos alunos, ficou resolvido entre coordenação e a PROFESSOR A que o trabalho de colagem valeria ponto na avaliação bimestral, sendo também pensado pela professora montar uma pequena exposição na rede social da escola para que os alunos vissem suas artes expostas na mídia social.

Abaixo encontram-se as figuras que foram produzidas pelos alunos para destacar a sua escolha a temática preferida do filme:

Legenda: A figura 08 mostra uma árvore cheia de frutos com a seguinte frase: “Não derrubem as árvores”.

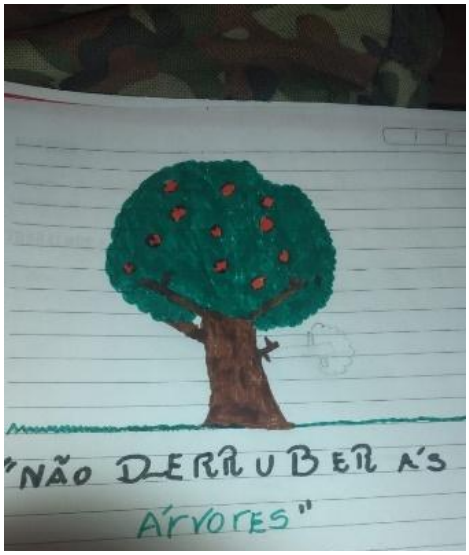


Figura 11: Ilustração feita pelos alunos para demonstrar a importância das árvores no nosso dia a dia.

Fonte: Autora (2020)

Legenda figura 09: Ilustração feita com uma árvore cheia de frutos com a inscrição: “Não machuque o meio ambiente, ele pode acabar com a sua vida.”



Figura 12: Ilustração produzida pelos alunos enfatizando a importância de

vivermos em harmonia com o meio ambiente.

Fonte: Autora (2020)

Legenda: Ilustração com texto “As plantas são a base da sustentação da vida na Terra. São elas que, juntamente com algas, produzem o oxigênio necessário para a respiração dos seres vivos”.

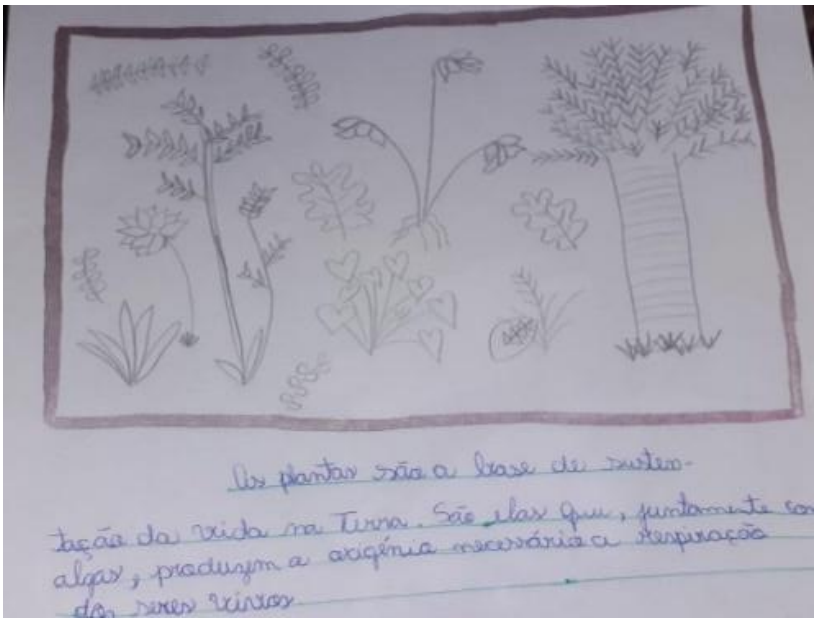


Figura 13: Ilustração mostrando que as plantas são a base da vida na Terra.

Fonte: Autora (2020)

Legenda: Ilustração com um breve texto sobre a importância dos vegetais para a manutenção da vida no planeta, no texto são exploradas características fundamentais dos vegetais como produção de oxigênio, utilização do gás carbônico além da produção da fotossíntese.

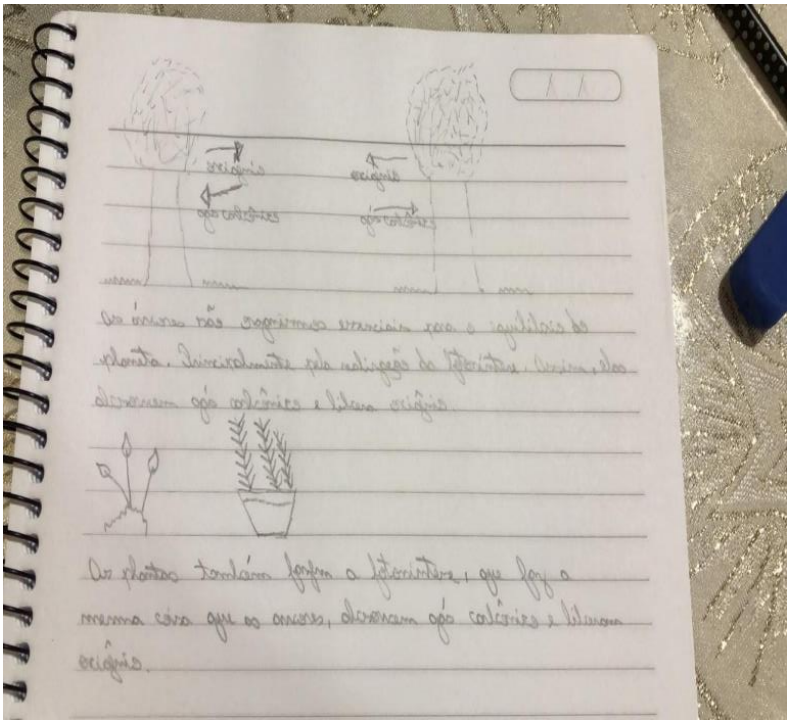


Figura 14: Ilustração produzida pelos alunos mostrando o ciclo das plantas para a manutenção da vida e produção de oxigênio.
Fonte: Autora (2020)

Legenda: Ilustração com o seguinte trecho: “Não mate a floresta por favor”.



Figura 15: Ilustração produzida por aluno para demonstrar que a floresta deve ser respeitada.
Fonte: Autora (2020)

Legenda: Ilustração feita por aluno onde aparece uma árvore cortada e mostrando a importância das árvores: “Faz oxigênio, faz sombra, faz falta”.

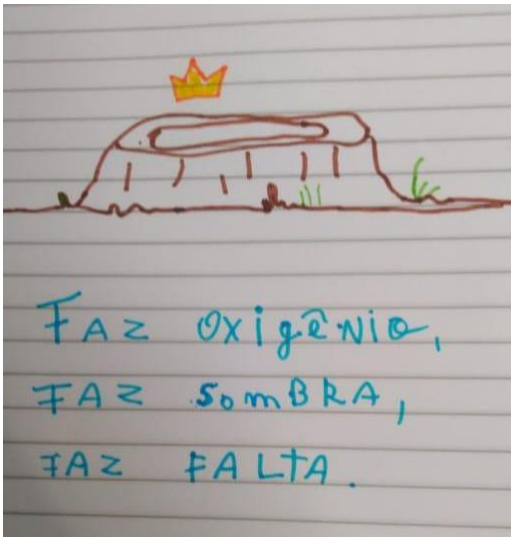


Figura 16: Ilustração demonstrando a importância das árvores para a manutenção da vida.

Fonte: Autora (2020)

Legenda: Ilustração com um breve texto *“As plantas são muito importante pois nos dão ar puro para respirar. A maioria das plantas são compostas por várias partes, a raíz por onde se alimenta, e se segura à terra, o caule que mantêm a planta direita e também transporta água e os nutrientes a todas as partes das plantas e das folhas...”*

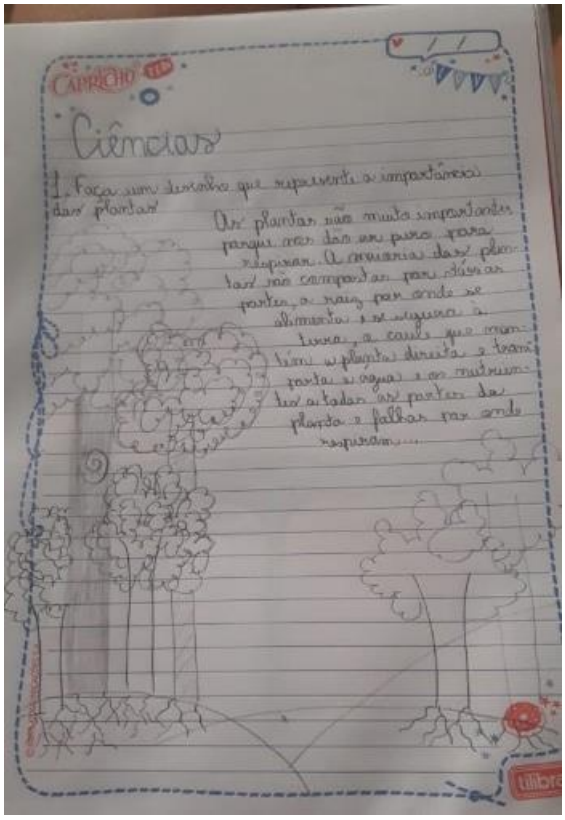


Figura 17: Ilustração e redação produzida por aluno explicando a importância das árvores para a nossa vida.
Fonte: Autora (2020)

Após o período determinado para envio das colagens, que foi de quinze dias, a maioria dos alunos não a produziram. Alguns deles alegaram que após a intervenção do RESPONSÁVEL MC. em sala de aula, provocando uma situação de conflito social, a turma sentiu-se pouco confortável para continuar desenvolvendo a atividade. Em decorrência disto, apenas sete alunos produziram imagens e as enviaram ao professor, tendo a atitude de interferência desencadeado nos alunos queda na participação das aulas, além da posterior falta de interesse em atender ao pedido da professora.

Após analisar as imagens que foram produzidas pelos alunos conclui-se que a atividade em que a temática EC crítica foi explorada não foi suficiente capaz de auxiliá-los no processo de reflexão em meio ambiente para além da lógica conservacionista. A técnica artística escolhida para a representação de tudo que havia sido apreendido foi a colagem justamente por ser uma técnica em que a partir da utilização de diversos fragmentos é capaz de formar algo totalmente novo (FIRMINO, 2018), contudo as colagens foram substituídas por ilustrações, tais obras

iriam ser expostas via rede social da escola, porém em decorrência dos fatos que se sucederam na semana 01 de atividade a rede social da escola ficou suspensa, impossibilitando que ocorresse assim a exposição mesmo que de maneira virtual.

Embora a escola tenha se posicionado a favor dos alunos e da professora, os alunos optaram por não continuarem a atividade, mesmo que a ela fosse atribuída nota bimestral, sendo importante ressalvar que os alunos que foram mais enérgicos no debate não confeccionaram a colagem.

No contexto político vivenciado no Brasil no atual governo, algo constatado nesta pesquisa possui alta probabilidade de ocorrer quando o professor busca levar para a sala de aula temas contemporâneos, podendo ocorrer conflitos devido à existência de visões de mundo diferentes. Contudo, em se tratando de as aulas estarem ocorrendo dentro da casa dos alunos, muitos pais se consideram aptos a interferirem na aula quando não estão a favor da inclusão do tema na escola. O conflito que foi presenciado durante esta atividade e que não havia sido sequer pensado pela pesquisadora é uma evidência de que quando se utilizam metodologias que promovem a pluralidade cultural na escola, surgem temáticas que estão presentes diariamente na vida dos estudantes e que os professores desconhecem. Provavelmente, se a atividade tivesse sido desenvolvida em sala de aula presencial, ela teria terminado no mesmo dia sem que a escola toda fosse envolvida na temática, visto que os alunos tentaram demonstrar através da fala que a escola deve sim trazer tais temáticas como o racismo para o debate, já que inúmeros alunos da turma responderam positivamente que apesar da baixa idade eles já haviam passados por situações de preconceito racial, outro ponto, é que o responsável provavelmente não iria ter intervindo na aula na tentativa de impor suas opiniões pessoais sobre o que ele pensa ser o papel da escola. Deve-se lembrar que apesar das aulas estarem ocorrendo dentro das casas dos alunos e do professor, a chamada aula continua sendo um espaço escolar onde o debate de ideias e a pluralidade de visões são o alicerce da interação que ocorre entre alunos e professores, que por sinal não tem como objetivo silenciar as diferenças presentes na sala de aula, pelo contrário, ele, o professor, busca ser um mediador desse importante debate promovendo mesmo que minimamente a empatia e o respeito em relação ao outro.

4.3- Redes Semânticas

A partir dos dados obtidos olhar do pesquisador, com o auxílio do Atlas Ti. é possível selecionar trechos das transcrições das etapas da atividade desenvolvida durante a pesquisa. Cada um dos trechos selecionados pelo autor dá origem ao que chamamos de códigos, que funcionam como as categorias em uma análise de conteúdo convencional. Os códigos gerados a partir desta seleção foram organizados pelo pesquisador a fim de formar a Rede Semântica que auxilia no processo de interpretação e organização dos dados obtidos pela análise das transcrições das atividades. Durante o processo de análise foram estabelecidos 16 (dezesseis) códigos, ou seja, dezesseis categorias de análise e 219 (duzentos e dezenove) citações, ou seja, os exemplos de cada categoria, através dos códigos também é possível encontrar a descrição {A-B} onde {A} é a frequência com que esse código (categoria) é expressada durante a atividade e o índice {B} é a relação que determinada categoria relaciona-se com outra. Os códigos para formação da rede encontram-se descritos abaixo junto com a sua frequência e relação com outros códigos em número de dezesseis (16):

Além do já apresentado, a coleta de dados desta pesquisa ocorreu via gravação das atividades e posterior transcrição, junto com mensagens de voz e texto trocadas entre professor- responsável, professor-coordenação e professor-professor, bem como anotações no diário de bordo do pesquisador. A partir da separação dos dados foi feita, uma análise de conteúdo via o software Atlas.ti onde os dados foram agrupados a partir de três eixos temáticos, que foram escolhidos por serem as temáticas que tiveram maior frequência nos dados, tais eixos estão descritos e exemplificados a seguir.

Eixo temático 01: Papel do Professor e da Escola

Foi-se o tempo em que era necessários um “bom” livro e um “bom” professor para transmitir conhecimentos, o professor lecionava, centrando-se prioritariamente na transmissão de conhecimentos sem muita contextualização destes e os alunos partiam para a memorização. Com o advento das mudanças científico-tecnológicas e culturais que permeiam a sociedade contemporânea, novas metodologias para o ensino são revividas, defendendo que este deve estar contextualizado, para que o aluno perceba a sua importância no dia a dia, passando o ensino da memorização para a atividade prática de discussão de problemas relacionados a diversos grupos anteriormente silenciados culturalmente nas escolas. A partir desta nova perspectiva

da visão da escola, muito tem sido questionado pela sociedade sobre o papel da escola e do professor. Temáticas relacionadas aos Direitos Humanos, apesar de serem intrínsecas à educação, não foram anteriormente pensadas na atividade proposta, realizada e analisada nesta pesquisa, contudo a partir da leitura dos fatos ocorridos é possível perceber que o papel da escola é temática relevante para diversos grupos sociais nela presentes, como responsáveis, alunos, professores e sociedade civil.

A pauta que tem sido levantada ultimamente por determinados grupos políticos, com repercussão na sociedade, é a de que a escola deve ensinar para o exercício do trabalho sem promover debates mais amplos envolvendo por exemplo cultura, gênero ou raça, dentre outras temáticas atuais. Tal posicionamento que se diz conservador vai na contramão do embasamento da educação brasileira que é pautado no desenvolvimento pleno dos estudantes a partir do reconhecimento das diversas realidades existentes. Entretanto, a posição educacional que defendemos ao longo deste trabalho e que também foi defendida pela maior parte dos sujeitos desta pesquisa é a de que a escola também “ensina para a vida”, tendo como pressuposto a formação cidadã plena para que o aluno a partir da contextualização das situações vividas por ele diariamente consiga desenvolver pensamento crítico na tomada de decisões referentes à sociedade.

Contudo, a ideia de que o papel da escola deve se limitar à sistemática transmissão de conteúdo sem contextualizá-los vão na contramão do que é proposto pelas leis que regem a educação brasileira, bem como a proposta de educação intercultural que defendemos nesta dissertação, já que este tipo de educação acaba promovendo o perpetuamento do silenciamento das diferenças que estão presentes no chão da escola, refletindo a sociedade em que ela está inserida (CANDAU, 2011). Acreditamos que a promoção de uma sociedade mais justa passa pelo reconhecimento do outro a partir da sua identidade e pluralidade e não a partir da padronização que vem sendo imposta ao longo dos anos pela exclusão das diferenças na escola. É de vital importância a promoção do debate sobre o papel da escola, questionando-se sobre qual formação almejamos para os alunos: exercício cidadão e para o trabalho ou a perpetuação do enfoque tecnicista?

Ainda durante a atividade foram pronunciadas falas que vão ao encontro do que acreditamos ser a educação plural, através das falas abaixo de alunos, responsáveis e educadores podemos compreender que a escola e o professor também são vistos como importantes instrumentos para a formação cidadã.

Esta categoria agrupou o total de cinco códigos para a análise via Atlas.ti e como eles se referiam a mesma temática, foi adotada vermelha para simbolizar este eixo temático na elaboração da rede semântica.

Eixo temático 2: Interculturalidade e Educação Cidadã

Este eixo temático está simbolizado na rede semântica através da cor amarela, tendo sido agrupados neste eixo nove códigos que se relacionam com a temática interdisciplinar e que foram enunciadas nas falas dos participantes desta pesquisa. Este eixo temático relaciona-se ao reconhecimento das diferenças culturais que existem na sociedade e à defesa de que a partir delas sejam desenvolvidas estratégias educacionais que busquem promover a inclusão através do reconhecimento do outro, como ser que é digno e merecedor de ser respeitado na sua individualidade, considerando tal debate fundamental para o exercício da formação cidadã que defendemos neste trabalho.

Eixo temático 03: Interdisciplinaridade

Eixo temático, representado pela cor azul na rede semântica, se relaciona com quatro códigos na rede semântica. A interdisciplinaridade é defendida por este trabalho como um instrumento metodológico para que a formação para a cidadania possa ocorrer. O fazer interdisciplinar em sala de aula é uma alternativa para romper a fragmentação do ensino, devendo temáticas como educação ambiental por seu caráter amplo ser trabalhadas de maneira interdisciplinar.

4.4 Análise via Atlas.ti

Abaixo encontram-se as categorias que foram produzidas a partir das transcrições dos envolvidos durante o desenvolvimento desta pesquisa:

- CTS-ARTE {16-2}

Categoria temática com {16} citações diretas sendo relacionada a outras {2},a ficção visto que nesta dissertação foi inserido um filme de ficção científica para motivar os alunos ao debate, também está relacionada ao código visão de aula, já que, a exibição do filme, por vezes pode não ser compreendida pelos alunos como

uma aula. O CTS-ARTE é um instrumento que auxilia os alunos a se posicionarem criticamente frente às questões sociais e tecnológicas. Nesta dissertação para que os alunos pudessem se engajar com essa perspectiva de posicionamento crítico foi utilizado o filme “Avatar”, já que ele possui diversas temáticas para posicionamento crítico dos alunos. Esta categoria encontra-se descrita nas seguintes falas abaixo:

Professor ZA (de história): Falamos um pouco hoje. Sobre Avatar e incluímos também Pocahontas, que é um filme que se passa sobre a história da colonização dos Estados Unidos. De fato em Pocahontas mostra-se a questão da mulher indígena tendo contado com o branco, no contexto das culturas se intercalando entre elas.

ALUNO VI. O estudo de outras espécies

ALUNO Z. O estudo de outras... de... espécies

ALUNO R. Tecnologias.

ALUNO Z. É muita tecnologia.

ALUNO L. É a ciência, é o...

ALUNO V. Matérias primas.

ALUNO R. Naquela época, acho que foi 2012. Aí, essa tecnologia toda.

- Desrespeito aos Direitos Humanos {9-3}

Este código representa todas as vezes que alguma fala contendo desrespeito aos direitos humanos foi pronunciada durante a atividade, mostrando ainda ser comum ocorrerem desrespeitos no âmbito dos DH. Como a escola reflete a sociedade, nela também ocorrem tais desrespeitos entre alunos- alunos, alunos- professores, e no caso desta dissertação que foi marcada pelo desrespeito entre responsável-aluno-professor.

Este código se repete nove vezes e se associa a outros três códigos. Nas falas abaixo temos exemplos desta categoria:

ALUNO L. É. Porque assim como a gente gosta de ser respeitado.

ALUNO AC. Pô, professora! Tem gente que se sente desrespeitado pela cor, professora.

ALUNO VI. Atrapalhou a aula aí. Valeu. Valeu.

RESPONSÁVEL MC. Eu como já havia percebido a intenção da professora em outras aulas, e já tinha sacado o posicionamento político dela em outras aulas e questões, não consegui me abster e entrei na sala, falando tudo q achava daquele absurdo!

- Divergência de Opiniões {4-2}

Nas falas abaixo temos exemplo desta categoria. Ela foi produzida a partir das divergências de opiniões que ocorreram durante a atividade, importante ressaltar que a divergência de opiniões é importante para a promoção de uma escola plural.

ALUNO L. Cada um tem uma opinião.

RESPONSÁVEL MC: Eu peguei o meu telefone pessoal, 'pra gravar isso e eu vou perguntar aonde meu filho foi racista. Por que ele não tem lugar de fala? Só porque ele deu a opinião dele?

PROFESSOR A: Foi na hora que a senhora invadiu a aula, 'pra falar, aí, a sua opinião. Então, como eu estava falando, é... eu não, não é questão de ativismo, não é questão de nada disso. Nós estamos falando, aqui, sobre filme, 'pra, na verdade, o tema.

RESPONSÁVEL D: Na minha opinião você deve sim falar com os alunos a respeito do que está acontecendo no mundo! Na minha opinião você não está errada em nada! Imagino!

PROFESSOR ZA: Principalmente ela deu uma lição para os alunos e para todo mundo do que é essa questão de não respeitar a cultura dos outros a gente não centrismo e pensar que é cultura dela e o pensamento dela Fundamental e os outros não pode estar nem aí dá aula mais prática do que é se possível aqui só se construir o respeito das Diferenças.

- Enunciados com Perspectiva Cidadã {21-5}

Esta categoria foi marcada nas falas dos alunos durante a atividade em que podemos perceber nos enunciados a perspectiva cidadã. A frequência desta categoria é de vinte e um códigos e esses códigos. Abaixo encontramos algumas falas que exemplificam a categoria.

ALUNO R. As pessoas têm que respeitar as diferenças dos outros e... sei lá. É.

ALUNO Z. Respeitar o próximo

Aluno GF: O que mais me chamou atenção foi o egoísmo dos homens que querem os recursos dos índios.

- Ficção {11-2}

A partir da exibição do filme de ficção "Avatar" levou ao imaginário dos alunos questões de ligação entre indivíduos diferentes e o pensamento sobre como isso acontece. As frases abaixo são exemplos desta categoria:

ALUNO K. Então ó (olha)! Achei legal. A mesma coisa, só que eu mudei a palavra: interessante 'para legal.

ALUNO D ...eu achei meio brabo, meio brabo

ALUNO R....falam a mesma língua do que os seres humanos

ALUNO D. A árvore da vida existe?

PROFESSOR A. Então. Mas pelo filme aí. Vai, na verdade, a consciência dele. A consciência sai, né? O que 'tá lá de dentro do nosso cérebro e é passado 'pra outro corpo. Não a consciência dele, corporal, e sim a. É, ele só... ele, na verdade, trocou a mente dele de corpo.

ALUNO GM. Tipo a auto...

ALUNO L. Tipo a mente?

ALUNO R. Fazer, né? Mas... 'tá bom.

ALUNO D. Z, no final do filme, ele troca de vez, né?

PROFESSOR A. Troca de vez! Por conta da... da árvore, né? Que vai e faz, ali, a mediação entre eles. Outra coisa que Fala.

ALUNO D. É! Aquela... A cientista também tentou, só que ela acabou morrendo, né?

- Interculturalidade {31-3}

Este código surge quando na sala de aula durante a atividade os alunos reconhecem as diferentes culturas. No filme, eles reconhecem que os indivíduos são diferentes e partindo da visão do filme, eles buscam exemplos na realidade deles sobre culturas diferentes. A partir deste reconhecimento do outro a partir da cultura, selecionamos as falas abaixo que exemplificam tal categoria:

ALUNO K. Respeitar o pop, respeitar as música' dos outro,

ALUNO Z. Respeitar a cultura

ALUNO V. "K quer respeitar os K-pop",

ALUNO NÃO IDENTIFICÁVEL. 'Cês só gosta K-pop.

ALUNO R. As pessoas têm que respeitar as diferenças dos outros e... sei lá. É.

DIREÇÃO ESCOLA: Aqui, no XXXXXXX, observa-se o que diz a LDB 9394/96, em seu Artigo 1º: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".

ALUNO GM: É a cultura deles cara

ALUNO GM: É muito difícil nós julgarmos a cultura alheia sendo que nós também temos hábitos alimentares um tanto

- Lugar da Fala {20-2}

Esta categoria emerge a partir do conflito responsável-alunos-professor ocorrido na sala de aula. A partir do reconhecimento do outro, podemos compreender minimamente sua posição a partir do escutar sobre a sua realidade, todavia, o conceito de lugar de fala não se relaciona com quem pode ou não falar sobre determinado assunto e sim sobre a ocupação dos espaços para ter a sua voz ouvida e respeitada. A partir desta perspectiva, temos nas falas abaixo duas visões de local de fala: uma em que ocorre o empoderamento a partir da sua fala, ocorre a ocupação do lugar que é historicamente marcado pelos poderosos, mas também temos nesta atividade a tentativa de desmotivar a fala do outro e desta maneira tentar mais uma vez silenciar aqueles que são diferentes. As falas abaixo são exemplos desta categoria:

ALUNO AC. Meu amigo, você nunca sofreu racismo na vida, cara! Cê tem noção disso?! Você não tem noção do que que é! Então não opina, cara! Você né (não é) preto! Entendeu? Por favor, não opina!

ALUNO K. Não pode opinar. Por que não pode opinar?

ALUNO L. Cada um tem uma opinião.

ALUNO K. Só quem... Só quem tem a pele escura pode falar sobre esse assunto?

ALUNO Z. Pelo que eu sei, branco também pode opinar

ALUNO GR. Bom, eu considero o E. super racista! Ponto, 'cabô! (acabou)

RESPONSÁVEL MC: Meu filho respondeu: "A escola nos ensina matéria, e educação meu país me dão em casa". MEU FILHO FOI CHAMADO DE RACISTA, E TIRADO O LUGAR DE FALA POR SER BRANCO.

- Papel da Escola {86-3}

Categoria mais referenciada dentro dos trechos codificados {86} e está relacionada com outras {3} códigos, esta categoria a partir do conflito gerado em sala de aula em que o papel do professor e o da escola foi questionado foi estabelecido pelos alunos durante os debates: qual a função da escola? A categoria encontra-se exemplificada nas falas abaixo:

ALUNO Z: *“Eu acho que não é assunto que tem a ver sobre ciências e em nenhuma matéria da escola.”,* e completa afirmando que: *“Minha mãe é que me dá! Eu aprendo em casa, a educação.”*. Tal pensamento também é verbalizado pelo seu RESPONSÁVEL MC quando ele alega que: *“Eu acho que esse realmente não é um assunto, é..., de se falar numa aula de ciências, tá?”.*

Contudo, esse pensamento de que a escola não deve buscar temáticas atuais para dentro da escola foi rebatido por outras falas como exemplo das citadas abaixo:

ALUNO L. “*Porque tem muita gente, que não aprende em casa!”*

ALUNO R. “*A gente tem que ser educado na escola, né?*”

ALUNO GR. *“Claro que não, moleque! Se você ‘tá na escola, você ‘tá na escola ‘para receber educação!”*

ALUNO V. *“A escola tem que dar educação ‘pro mundo, E”*

RESPONSÁVEL D: *“Os alunos não têm que opinar que tipo de aula, ou que tipo de assunto você irá dar! Você é qualificada para dar aula e ensinar! Aluno é para ouvir, aprender e respeitar; e na casa de você pedir uma opinião; aí sim o aluno pode vir a opinar! Na minha opinião você deve sim falar com os alunos a respeito do que está acontecendo no mundo! Na minha opinião você não está errada em nada! Imagino! Eu estou, a V está; imagino você! Eles são espertos, eles são inteligentes e eles sabem o mundo que estamos vivendo e como tudo está acontecendo! Acho de suma IMPORTÂNCIA conversarem sobre todos os assuntos com alguém responsável e inteligente como um professor!”*

ESCOLA: *"Adotar uma pedagogia crítica é ter consciência de seus condicionantes históricos e sociais. Procuramos dar um passo à frente no papel transformador da escola. Sendo assim, nossa função é fornecer a todos um ensino de qualidade. Procuramos nos apropriar dos conteúdos básicos que tenham importância na vida dos alunos, pois, agindo desta maneira, modificaremos a prática social. Nossos alunos, auxiliados pelos professores e baseados em suas próprias experiências, adquirem uma visão mais organizada e unificada do universo que os cercam."*

Portanto, é possível perceber que o papel desta escola possui muita relevância na defesa da educação voltada para a cidadania.

- Preconceito {11-4}

Esta categoria surge a partir de falas que demonstram o preconceito, durante a atividade. O preconceito racial, racismo é o mais apontado entre os alunos. Abaixo temos algumas frases que exemplificam a categoria:

ALUNO GM. O que a senhora 'tava falando do preconceito, o PROFESSOR ZA falou como os romanos chamavam os povos sem a sua cultura. Chamavam de bárbaros.

ALUNO Z. com os gordinhos

ALUNO AC. É. Eu sofri racismo com oito, nove anos de idade. Dez. Na minha outra escola. Aí, é meio que difícil.

ALUNO V. Porque a gente 'tá discutindo sobre um assunto que tem muito a ver com o preconceito, sabe? Assim, com todo o respeito, eu acho que, assim, a gente 'tá na aula da PROFESSOR A. Ela sabe o que é melhor 'pra gente, entende? Então a gente 'tá estudando. Exato, mas a gente 'tá falando sobre o filme A. Sobre o filme! Sobre o preconceito! Isso tem a ver com o assunto.

ALUNO V. Eu só não entendi a parte que ela falou, que esse negócio de feminismo e preconceito não é 'pra falar em aula de ciências. Eu não entendi sobre essa parte, ainda não. A gente aprende sobre essa educação na escola também.

PROFESSOR ZA: e dizer que o Brasil também pode ser uma questão, é uma questão vivenciada por cada um que assim como você não sabe sobre o assunto. Você negra você teve um outro apontamento com relação de discriminação que fosse de gênero que essa questão existe também, debatido a questão da etnia a questão do preconceito fundamental do racismo e pra uma nação dominar o outro isso é fundamental e até mesmo questão religiosa.

- Pretensão da Referência {25-2}

Esta categoria surge nos dados no momento em que a visão de mundo individual passa a ser entendida ou tem a pretensão de ser válida para todos; a problemática desta visão é que geralmente a visão de mundo que é válida para todos é a visão hegemônica, europeia e branca, ou seja, sem diversidade. Através das falas exemplificamos tal categoria:

ALUNO Z. Eu acho que não é assunto que tem a ver sobre ciências e em nenhuma matéria da escola.

RESPONSÁVEL MC. Então, primeiro primeira questão: é... Eu acho que esse realmente não é um assunto, é..., de se falar numa aula de ciências, tá?

- Reconhecimento do Outro {18-3}

Esta categoria de análise surge nos dados a partir do momento em que é fundamental que se reconheça o outro. A partir do reconhecimento das diferenças do outro, é possível estabelecer um diálogo entre as culturas e desta maneira promover um mundo mais justo e solidário. As falas abaixo são exemplos desta categoria:

RESPONSÁVEL MC: Veja bem I, minha intenção não é fazer tempestade em copo d'água! É q realmente, meu filho e eu estamos magoados*! Tenho certeza q o ALUNO Z. nunca chegou para os amigos, ou professores e tenha contado que ele é crônico renal! Imagino eu, que a maioria de vcs não conhecem a história de vida do ALUNO Z., e tenho a absoluta certeza, que ALUNO Z. nunca se valeu disso, para ser mais amado, mais respeitado!!*

- Tema Unificador {6-1}

O tema unificador é uma temática que tenta aproximar mais de uma disciplina escolar. Esta categoria que foi marcada seis vezes, aparece como exemplo nas seguintes falas abaixo:

PROFESSOR A. Então, como eu 'tava falando, né? A atividade é sobre meio ambiente e, no filme, 'pra quem assistiu o filme, deve ter visto que tem, sim, uma situação de embate, de desrespeito com as pessoas, né.

RESPONSÁVEL MC: A aula era sobre o filme "Avatar" sobre meio ambiente e biologia da ficção, e como em outras aulas ela sempre arruma um jeito de colocar ideologias no meio, incitando debates de fundo ideológicos...

PROFESSORA A: Mas eu quero que vocês eu quero que qual a parou para pensar um pouquinho sobre meio ambiente o que acontece quando a gente destrói esse ecossistema que está em equilíbrio

ALUNO Z: ficam individuais

PROFESSOR A: Elas ficam individuais, mas eu quero saber o que que acontece com a gente

ALUNO Z: eu nunca senti o efeito colateral

PROFESSORA A: Que momento da nossa vida nós estamos passando agora pessoal, Porque nós estamos vivendo esse isolamento social

ALUNO Y: por conta da pandemia

ALUNO Z: porque o governador

ALUNOS GM e V: por causa do Coronavírus

ALUNO Y: por causa da covid-19

- Temática Interdisciplinar {33-5}

A interdisciplinaridade surge a partir das falas abaixo onde é possível compreender que os alunos buscaram outras áreas de conhecimento na tentativa de solução de problemas, todavia, o pensamento extremamente disciplinar que nos propõe que cada disciplina só pode estar na sua "caixinha" também aparece em algumas falas abaixo:

RESPONSÁVEL MC. Não, eu não vi isso, não. É, não vi. Exato! Então, então vou te pedir, por favor, porque assim "ó" (olha): se 'tá falando sobre o meio ambiente, vamos' falar sobre o meio ambiente. Até mesmo que o tipo de assunto de preconceito, né? Coisas raciais. A gente sabe, que a gente aprende muito, também. Isso não é debatido, na escola, em aula de história.

ALUNO GM. O que a senhora 'tava falando do preconceito, o PROFESSOR ZA os romanos chamavam os povos sem a sua cultura. Chamavam de bárbaros.

ALUNO V. Essa raça, logo, ela sofre de xenofobia.

PROFESSOR A. Ah, 'tá. Ah, 'tá. Então olha só, gente. Que que a gente pode apontar desse filme aí. Eu separei algumas coisas aqui, que eu acho interessantes. Então, a gente tem aí: a biotecnologia. Onde é que a gente pode encaixar, aí, a biotecnologia?

ALUNO R. Pode ser da árvore?

ALUNO D. Fonte da... das armas.

PROFESSOR A. Das árvores e na arma.

ALUNO R. As naves.

PROFESSOR A. Aves e mais o quê?

ALUNO R. Naquele

ALUNO D. Aquele robô lá, também.

ALUNO GD. No robô. "Robocop"

ALUNO K. Naquele...

ALUNO V. Na nave.

ALUNO Z. No Os dragões.

ALUNO R. Aquele negócio que ele faz 'pra virar o avatar!

PROFESSOR A. Ah... Então, o próprio nome do filme é Avatar. Que que é um avatar? É um corpo artificial, que, aí, ele faz o quê? Ele sai do corpo dele humano, né? E vai 'pra esse corpo através de uma conexão. Então, assim, o filme... o nome do filme

já é bem, assim, tecnológico, né? E o que que vocês acham que é

ALUNO Z. Sim!

ALUNO R. Professor a! Como é que um cara, de cadeira de rodas, passou pr'um (para um) corpo artifici... artificial e começou a andar de novo? Sendo que era 'pra transmitir tudo que ele tinha pro outro corpo. Era 'pra ele continuar

- Todos Somos Iguais {10-3}

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Esta categoria surge na atividade a partir do momento em que as diferenças individuais de cada um são silenciadas para uma falsa visão de que somos todos iguais, nas falas abaixo é possível perceber que a ideia de que somos todos iguais ainda permeia mesmo em um país tão diversos como o Brasil, tal categoria aparece em dez falas durante as atividades. Abaixo encontramos exemplos de falas que se encaixam nesta categoria:

PROFESSOR A. Uhum. E vocês acham que isso é, assim. Aqui no Brasil, quem é que tinha antes dos portugueses chegarem?

ALUNO R. Índio! É... como é que se fala? Indígenas.

ALUNO Z. O índio! Os brasileiros.

ALUNO V. Os Indígenas.

- Visão de Aula {15-2}

Esta categoria está relacionada com o papel da escola, ela é encontrada nas transcrições por quinze vezes, sendo importante lembrar que existe no imaginário social a ideia do que seria uma aula ideal: alunos enfileirados, uniformizados, calados e prestando atenção na explicação do professor que é o detentor do conhecimento. Todavia, a escola mudou e atualmente existem diversas metodologias que não trazem essa visão de aula antiquada. Durante esta atividade, que foi realizada em uma aula on-line, foi possível perceber através das falas abaixo que essa perspectiva de visão de aula ainda permeia o imaginário dos alunos, professores e responsáveis.

RESPONSÁVEL D: Uma aula online não dá o direito de qualquer um sair falando o que quer e a hora que quer. Não é porque os alunos estão dentro de casa que nós responsáveis temos o direito de entrar e sair falando na aula!

PROFESSOR A. Vamo' ver o trailer! Pessoal, parece brincadeira, mas é sério! Vamos parar por favor de bobeira.

RESPONSÁVEL MC: Virou uma zona a aula,

PROFESSOR A: Até porque é uma situação bem chata. Tem quase trinta

alunos na sala e eles não tem, é... não tem o porquê, ficar escutando esse tipo de coisa.

[Diversos alunos se manifestam, novamente, seu descontentamento quanto à intromissão à aula].

ALUNO L. Não tem mesmo, não! Ela não é professora!

DIREÇÃO ESCOLA: Parabenizo a todos os ALUNOS pela forma como vem enfrentando esse desafio e superando as dificuldades. Ajustaram-se brilhantemente a uma realidade com a qual jamais pensavam se deparar. Já percebo o quanto amadureceram e bem educados são. Um beijo carinhoso em todos.

- Xenofobia {3-2}

Esta categoria emerge nas atividades para mostrar que o preconceito com imigrantes é lembrado durante a atividade como uma forma de desrespeito, este código surge três vezes durante a atividade e também relaciona-se com o preconceito e com a interculturalidade já que a educação cidadã só é possível a partir do rompimento com essa cultura de ódio contra o que é diferente. Nas falas abaixo temos exemplos que se encaixam nesta categoria:

ALUNO V. Essa raça, logo, ela sofre de xenofobia.

ALUNO R. Pastel de "flango"

ALUNO K. Vou te falar: é muito engraçado, sora! É muito engraçado!

Abaixo encontra-se a rede semântica que foi produzida com os códigos e com as citações obtidas.

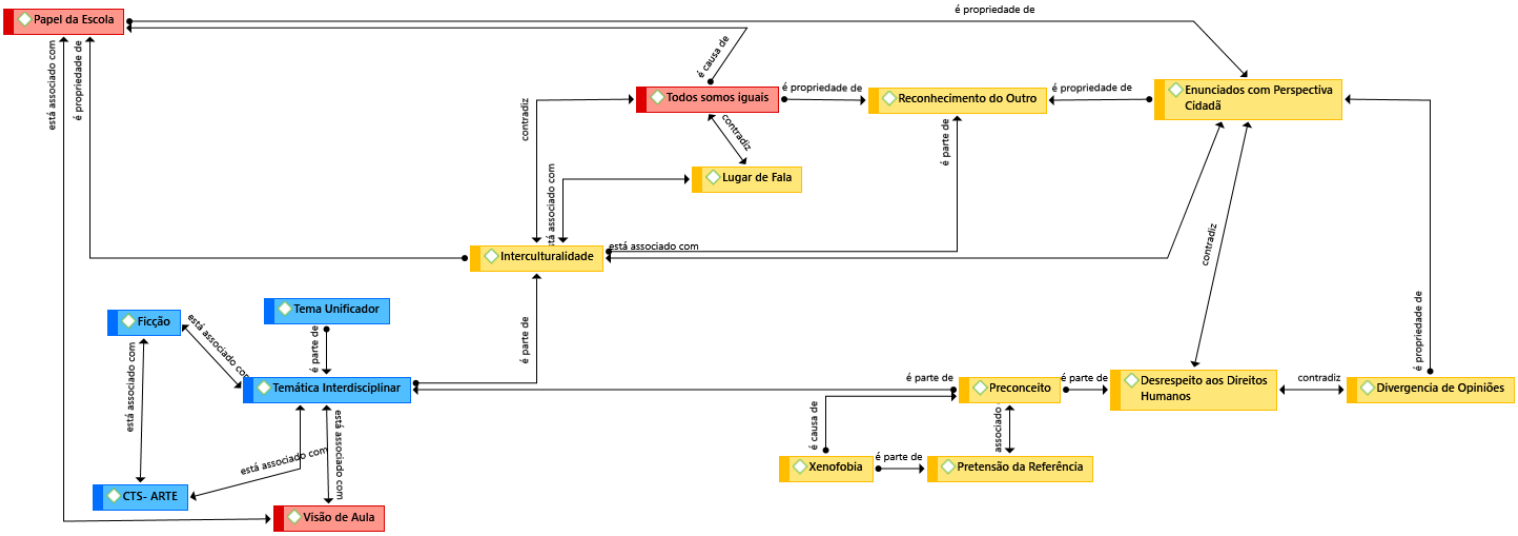


Figura 18: Rede Semântica produzida a partir da análise via Atlas Ti.
Fonte: Autora, 2020.

4.5 Análise da Rede Semântica

O código centralizador da rede é o PAPEL DA ESCOLA, ele não aparece como um dado explícito durante a coleta dos dados, contudo aparece implicitamente, permeando todo o debate ocorrido ao longo do trabalho. A partir deste código surgem os outros que estão relacionados a ele. A rede foi montada a partir dos dezesseis códigos (categorias) gerados após o processo de análise, esses códigos foram agrupados em eixos temáticos, cada eixo temático recebeu uma cor específica de acordo com o pesquisador o PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR ficou em vermelho por ser uma cor de destaque e queremos destacar a importância deste eixo, a INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO CIDADÃ ficou em amarelo e INTERDISCIPLINARIDADE E FICÇÃO foram simbolizadas pelo azul.

O papel da escola é o código central, portanto, nossa análise partirá da ligação deste eixo com os demais.

Eixo 01: PAPEL DA ESCOLA

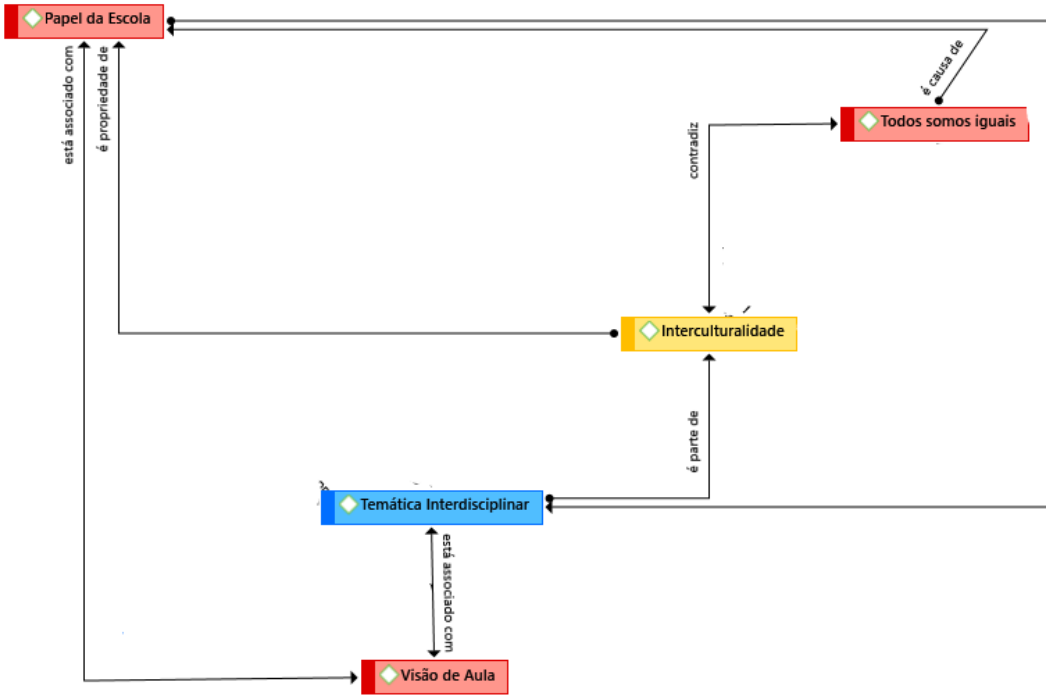


Figura 19: Eixo temático gerado a partir da análise via Atlas Ti.

Fonte: Autora (2020).

O PAPEL DA ESCOLA está associado com a VISÃO DE AULA, A educação brasileira tem sido marcada pelo menos nos últimos cinquenta anos pela promoção da pedagogia liberal, onde a ideia difundida é a de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o trabalho, ancorando-se nas aptidões individuais (LIBÂNEO, 1983). Para que os indivíduos aprendam e estejam na escola, contudo, eles precisam renunciar às suas individualidades. Portanto esta visão do PAPEL DA ESCOLA tem como defesa a ideia de que TODOS SOMOS IGUAIS. Porém em uma sociedade extremamente desigual como a brasileira, a eliminação do aspecto cultural na realidade visa esconder que a nossa sociedade não distribui as oportunidades de maneira igual a todos, ou seja, é necessário observar que não somos todos iguais em direitos e também desejamos ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. Na rede semântica, a VISÃO DE AULA está associada com a TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR, sendo uma abordagem apropriada para propostas com base na INTERCULTURALIDADE, já que o PAPEL DA ESCOLA defendido por nós é a escola que promove a introdução de conteúdos de maneira que eles sejam indissociáveis das realidades sociais. A escola deve ser valorizada como um instrumento de divulgação de saberes onde a pluralidade de ideias e culturas ajudem

a contribuir na eliminação dos discursos de ódio que têm sido pautados atualmente, tornando, portanto, a escola parte fundamental para que mudanças sociais ocorram na sociedade em prol de maior justiça social.

Eixo Temático 02: INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO CIDADÃ

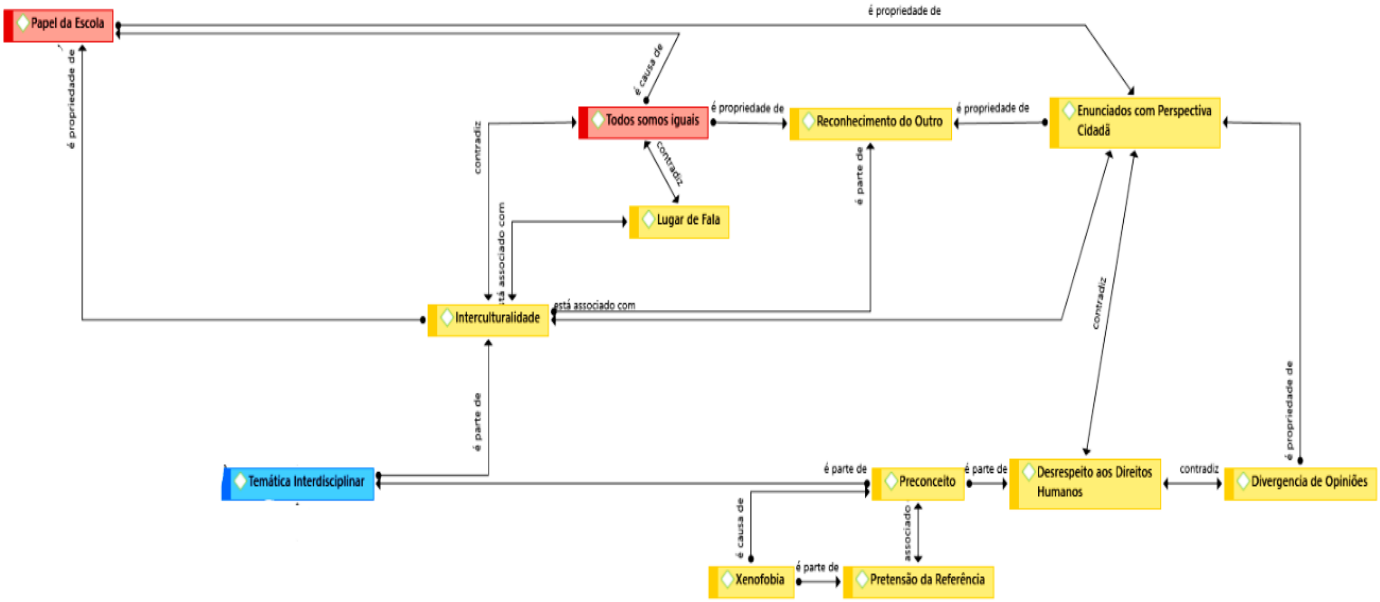


Figura 20: Rede Semântica produzida a partir do software Atlas Ti.

Fonte: Autora (2020).

A INTERCULTURALIDADE é o código de onde saem as ligações aos outros códigos deste eixo temático. Mais uma vez o PAPEL DA ESCOLA surge, já que ele é o código central da rede, como já debatido neste trabalho, tendo esse papel a função social de ser um instrumento na promoção de um mundo melhor. Em uma perspectiva intercultural as diferenças culturais são relevantes, ou seja, não cabe a ideia de que TODOS SOMOS IGUAIS é por este motivo que na rede a INTERCULTURALIDADE contradiz a ideia da Igualdade, associando-se ao LUGAR DE FALA. Entendemos que para a promoção de uma sociedade mais justa é urgente apoiar o debate e conflito de ideias pois só assim iremos promover o respeito e o diálogo entre as diferentes visões de mundo, sendo desta maneira fundamental que os grupos que até então foram silenciados empoderem-se e ocupem os espaços de fala para demonstrar sua perspectiva de que as visões de mundo são diferentes entre os grupos sociais, o lugar de fala não estando ligado ao grupo que pode ou não opinar sobre determinado assunto, e sim da possibilidade de acesso à cidadania por grupos que não a tiveram (RIBEIRO, 2019). Portanto, a INTERCULTURALIDADE E

A FORMAÇÃO CIDADÃ associam-se a outros códigos da rede. A INTERCULTURALIDADE associa-se aos ENUNCIADOS COM PERSPECTIVA CIDADÃ, já que o reconhecimento do outro como indivíduo diferente potencializa a promoção da cidadania a partir da fala empoderada de indivíduos que até então estavam à margem da sociedade. Todavia esta promoção cidadã só se torna possível pela DIVERGÊNCIA DE OPINIÕES, uma propriedade deste eixo, pois não existe formação cidadã sem que opiniões diferentes sejam ouvidas e debatidas. O DESRESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS tem como partes associadas o PRECONCEITO que nas salas de aula se apresenta como formas de “brincadeiras”, através da colocação de apelidos de cunho vexatório aos colegas. Durante esta pesquisa foi relatado pelos alunos que a grande maioria da turma já havia sofrido preconceito racial, reforçando nossa defesa de que tais debates devem estar presentes na escola. A XENOFOBIA também foi destacada, visto que foi evidenciada como algo corriqueiro e até considerados engraçados esses desrespeitos aos DH por alguns alunos, , sendo tão comuns diariamente na sociedade e por consequência na escola fazem parte da PRETENSÃO DA REFERÊNCIA, a ideia de que o eu individual deve ser respeitado e tido como referência para a compreensão do mundo. Vale lembrar que defendemos que o mundo deve ser visto de maneira ampla a partir das diversas visões culturais e sociais que existem, portanto torna-se necessário que a escola seja compreendida como um local que seja reinventado para poder abraçar a todos.

Eixo 03: INTERDISCIPLINARIDADE

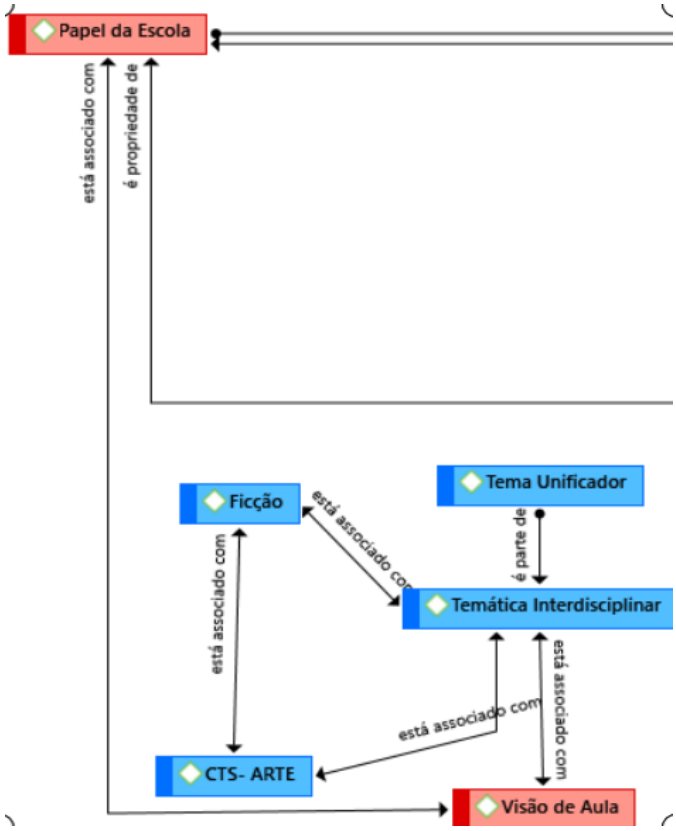


Figura 21: Rede produzida a partir do Atlas Ti.

Fonte: Autora (2020).

O terceiro eixo temático, INTERDISCIPLINARIDADE, está associado à VISÃO DE AULA que também se associa ao PAPEL DA ESCOLA, referindo-se o código TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR a temas que são plurais e que só podem ser visualizados amplamente quando outras perspectivas são abordadas. Portanto, a INTERDISCIPLINARIDADE é um instrumento do docente para que temáticas de caráter contemporâneo consigam adentrar na escola, tal TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR faz parte do que foi codificado como TEMA UNIFICADOR que abriga temas que são interdisciplinares por pressuposto, como exemplo o meio ambiente ou a questão do racismo, ou seja, temas em que é necessário que ocorra integração entre diversas áreas de saberes para que consigam ser explorados na sua completude, nesta pesquisa a temática ambiental acabou não tendo explorada todas as suas potencialidades em decorrência da interferência à aula ocorrida. A TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR associa-se com os códigos de CTS-ARTE que é um ramo do CTS que busca a partir do ensino a promoção da conscientização e da tomada de decisão cidadã. O CTS-ARTE busca fazer a ponte entre a arte e os conflitos sociais, promovendo possivelmente o despertar cidadão a partir da ligação

com a arte. A arte utilizada nesta dissertação foi um filme de FICÇÃO que é um importante recurso para o ensino de ciências pois ele facilita a aproximação entre ciência e sociedade, já que tal modalidade de arte expressada por meio do cinema majoritariamente promove discussões sobre os impactos da ciência que interferem em muitas questões socio científicas presentes na atualidade. Assim, a ação interdisciplinar do professor aliado à perspectiva CTS-ARTE pode ser uma alternativa para romper com o padrão hegemônico cultural dentro das escolas.

5- Considerações Finais

A partir dos dados apresentados nesta dissertação, bem como o levantamento bibliográfico, esta dissertação buscou responder à pergunta inicial de pesquisa: *"É possível que a interdisciplinaridade contribua para formar cidadãos ativos no contexto contemporâneo?"* Na tentativa de responder ao questionamento inicial, foi elaborada e aplicada uma atividade pensada interdisciplinarmente entre professores de ciências e história com a utilização do filme "Avatar", por ser este um filme que possui diversas temáticas contemporâneas. A atividade foi desenvolvida ao longo de quatro semanas de aula com o objetivo de fomentar o debate sobre cidadania e meio ambiente nos discentes, além de orientar na elaboração de colagens sobre os assuntos debatidos.

Na tentativa de responder tal questionamento foram utilizados os dados gerados na segunda semana de atividade, quando durante o debate em sala de aula sobre a promoção do respeito às diferenças um aluno sentiu-se à vontade para falar sobre o preconceito racial sofrido em outra escola. Houve então o questionado aos alunos se eles acreditavam ser importante trazer temáticas contemporâneas, como o debate do racismo para dentro da sala de aula, ao que vários alunos concordaram, alegando que é fundamental que tais debates estejam presentes na escola. Um aluno, no entanto, alegou que esse tipo de educação deve ser restrito à família, gerando na sala de aula uma onda de falas sobre o papel da escola, culminando na discussão entre dois alunos quando um chamou o outro de racista. Neste instante o responsável do aluno "ofendido" interveio na sala de aula, alegando que o debate sobre racismo não deveria estar na sala de aula, já que a escola deve ensinar matéria. Tal atitude do responsável gerou na escola e nos alunos um debate sobre qual é o papel da escola na formação dos estudantes. Entendemos que a educação escolar deve promover o respeito às diversas culturas presentes na escola, promovendo aproximação entre os diferentes para que através do contato contínuo diferenças entre eles não sejam motivo para separação e sim para respeito e admiração. Contudo, ainda encontramos indivíduos que pensam a escola apenas como uma fonte de explicação de conteúdo disciplinar pouco contextualizado, sendo tal perspectiva de educação alvo de grupos que se dizem conservadores e que buscam manter o status quo da sociedade atual, ou seja, pessoas que tentam manter as estruturas de poder domesticando a sociedade.

Concluímos que o uso de metodologias não tradicionais em sala de aula como a perspectiva interdisciplinar é capaz de provocar debates sobre conflitos que estão presentes diariamente na sociedade e que também estão presentes na escola, já que ela é um reflexo da sociedade em que está inserida. A partir do empoderamento individual e do reconhecimento da sua individualidade foi possível que os alunos produzissem falas com enunciados que foram ao encontro ao que acreditamos ser a formação cidadã.

Acredito que em decorrência da limitação social que nos foi imposta em decorrência ao quadro do novo Coronavírus, a atividade relacionando os problemas ambientais do filme com os problemas da cidade de Duque de Caxias foi pouco explorado. A situação de conflito ocorrida na segunda semana e que gerou os dados para esta dissertação provavelmente teria tido menos reflexo nos alunos se as aulas estivessem ocorrendo presencialmente, também em relação à produção de colagens acredito que todos os alunos teriam construído a atividade proposta, durante a análise de conteúdo desta dissertação foi possível perceber que as possibilidades de análise dos dados obtidos não se esgotam no conteúdo mas se complementam durante o discurso de quem fala.

A tecnologia usada na realização desta pesquisa – filmes e aulas em plataformas on-line – levou às reflexões sobre elementos simbólicos relacionados à utilização das denominadas tecnologias educacionais, pouco utilizadas na escola pré-pandemia. A emergência que se mostrou necessária neste momento de uma cultura científico-tecnológica nos espaços formativos possibilitou no caso de a presente pesquisa lançar mão da internet como campo de investigação. Em particular, a pesquisa identificou e analisou conflitos novos, como o da interferência de familiares durante as aulas on-line, bem como a consequente retração dos alunos durante o uso das tecnologias digitais, trazendo problemas para o ensino do conhecimento científico almejado. Essas tecnologias surgem com a promessa da inovação, sendo naturalizadas como tal nos espaços formativos, concepção problematizada durante as análises realizadas. Os resultados aqui apresentados podem ajudar a refletir sobre tal concepção, resgatando os nossos e outros pensamentos e significações elaborados por pesquisadores em educação em ciências em seus espaços de formação e no exercício de suas práticas profissionais, e por alunos em seus contextos escolares. Nesta perspectiva, continua a busca por relações entre significações atribuídas ao uso das tecnologias digitais, aos conceitos de tecnologia e de ciência por esses grupos. Para finalizar, acredito que a adoção de

uma educação com perspectiva intercultural só será possível a partir do debate junto à sociedade sobre o papel da escola.

Referências

ACOSTA, Andre Luis et al. Interfaces à transmissão e spillover do coronavírus entre florestas e cidades. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 191-208, 2020.

AIKENHEAD, Glen. What is STS science teaching. **STS education: International perspectives on reform**, p. 47-59, 1994.

APPLE, Michael W. Educação, mercados e uma cultura de auditoria. **Trimestralmente crítico**, v. 47, n. 1-2, pág. 29 de novembro de 2005.

AUGUSTO, Thaís Gimenez da Silva. **A interdisciplinaridade na educação em ciências: professores de ensino médio em formação em serviço**. 2004. 127 f. 2004. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

AULER, Décio et al. Interações entre ciência-tecnologia-sociedade no contexto da formação de professores de ciências. 2002.

AULER, Décio; BAZZO, Walter Antonio. Reflexões para a implementação do movimento CTS no contexto educacional brasileiro. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2001.

BALBINO, Cleidson Dantas et al. Abrem-se as cortinas! Desvendando o cenário educacional. **Ailton Siqueira de Sousa Fonseca Helder Cavalcante Câmara Isabel Maria Freitas Valente (Organizadores)**, p. 86.

BARBALET, Jack M.; DE AZEVEDO, MF Gonçalves. **A cidadania.** 1989.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo: Laurence Bardin. São Paulo: **Edições**, v. 70, 2015.

BAY, D. M. D. Arte e sociedade: pinceladas num tema insólito. **Caderno de Pesquisa, Conhecimento & Diversidade, Niterói**, n. 9, p. 90–98 jan./jun. 2.

BAZZO, Walter Antonio et al. Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica. 2003.

BAZZO, Walter Antonio. Ciência, tecnologia e sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do ensino médio. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 13, n. 1, p. 71-84, 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF, 31 jan. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Parecer 15/98; Resolução 03/98. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, CNE/CEB, 1998.

BRASIL. Lei n.o 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)

BRASIL. Medida provisória no 1.569-9, de 11 de dezembro de 1997.Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 1997. Seção 1, p. 29514.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015.

BYBEE, Rodger W. Science Education and the Science-Technology-Society (STS) Theme. **Educação científica**, v. 71, n. 5, pág. 667-83, 1987.

CANDAU, Vera Maria et al. Didática, currículo e saberes escolares. **Rio de Janeiro: DP&A**, p. 131-47, 2000.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 802-820, 2016.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas**. Educação**, v. 37, n. 1, p. 33-41, 2014.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na

América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 29, p. 151-169, 2010.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**, v. 10, p. 13-37, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. Cultura (s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico. **Rio de Janeiro: DP&A**, p. 13-35, 2005.

CATARINO, GISELLE FAUR DE CASTRO et al. O formal, o não formal e as outras formas: a aula de física como gênero discursivo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 499-517, 2017.

CEREZO, J. A. L. Ciência, Tecnologia e Sociedade: o estado da arte na Europa e nos Estados Unidos. In: SANTOS, L. W. (Org.). Ciência, tecnologia e sociedade: o desafio da interação. Londrina: IAPAR, 2002. p. 3–38. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 1996.

CILIATO, Fernanda Langendorf Guedes; SARTORI, Jerônimo. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, p. 65-78, 2015.

CORTINA, Adela. Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania. **Edições Loyola**, 2005.

COSTA, Fábio Luciano Oliveira. O estado neoliberal e a promulgação da educação enquanto mercadoria. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 2, p. 413-426, 2012.

COSTA, José António. O papel da escola na sociedade actual: implicações no ensino das ciências. **Millenium**, 1999.

CUNHA, AM de O.; KRASILCHIK, Myriam. A formação continuada de professores de ciências: percepções a partir de uma experiência. Ata da 23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu: **ANPEd**, 2000.

DA SILVA, Laís Rodrigues. Contribuições de uma disciplina CTS para a qualidade da educação: Um estudo de caso na formação inicial de professores. 2013. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-graduação em Ciência Tecnologia e Educação, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

DE ALMEIDA ANDRADE, Samara et al. A Abordagem CTS-ARTE nos estudos das estações de esgoto: Uma prática no ensino fundamental. **Revista Práxis**, v. 6, n. 11, 2014.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 49, p. 51-54, 2013.

DE DIRETRIZES, Lei. bases da Educação Nacional. 1996.

DE OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima. Educação em ciências e direitos humanos: reflexão-ação em, para uma sociedade plural. **Editora Multifoco**, 2013.

DE OLIVEIRA, ROBERTO DALMO VARALLO LIMA; QUEIROZ, GLÓRIA REGINA PESSÔA CAMPELLO. Tecendo diálogos sobre direitos humanos na educação em ciências. 2016.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. **Educação & Realidade**, v. 26, n. 1, 2001.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. O direito dos oprimidos. **Cortez Editora**, 2015.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura; CHAUÍ, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. Cortez Editora, 2016.

DOS SANTOS, Wildson Luiz Pereira; MORTIMER, Eduardo Fleury. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Ensaio Pesquisa em educação em ciências,** v. 2, n. 2, p. 1-23, 2000.

FARAH, P. D. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. **Revista USP**, n. 114, p. 11-30, 16 set. 2017.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: didática e prática de ensino. Interdisciplinaridade. **Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade**. ISSN 2179-0094., n. 6, p. 9-17, 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. **Edições Loyola**, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. **Papirus editora**, 1994.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez; DE OLIVEIRA ALMEIDA, Telma Teixeira. Interdisciplinaridade: tempos, espaços, proposições. **Revista e-curriculum**, v. 11, n. 3, p. 847-862, 2013.

FILOMENA, Bolsista Camila Prais; RAMOS, Maurivan Güntzel. Estudos de experimentos relevantes e inovadores relacionados à área da química para aplicação em sala de aula no ensino médio, 1987.

FIRMINO, Elisa Pessôa. Auto• recorte: novos olhares sobre o feminino através da colagem. 2018.

FUNDAMENTAL, Educação; GERAIS, ORIENTAÇÕES. Brasília: MEC. 1998.

GALIETA, Tatiana; DORVILLÉ, Luís Fernando Marques. Análise de sequências didáticas produzidas por licenciandos no contexto de uma disciplina "Ciência, Tecnologia e Sociedade". **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, SC. Anais do XI ENPEC. Florianópolis, SC: ABRAPEC**, 2017.

GALVÃO, Cecília. Ciência na literatura e literatura na ciência. **Revista Interacções**, p. 32p.-51p., 2006.

GARCIA, Regina Leite. A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática. **Cortez Editora**, 1996.

GARRUTTI, E. A.; SANTOS, S. R. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da FFC, São Paulo**, v. 4, n. 2, p. 187-197, jul./ago. 2004.

GIROUX, Henry. Reescrevendo o discurso da identidade racial: Rumo a uma pedagogia e política da branquitude. **Harvard Educational Review**, v. 67, n. 2, pág. 285-321, 1997.

GONZÁLEZ GARCÍA, Marta Isabel; LUJÁN LÓPEZ, José Luis; LÓPEZ CEREZO, José Antonio. **Ciencia, tecnología y sociedad: una introducción al estudio social de la ciencia y la tecnología. Tecnos**, 1996.

HAAS, C. M. A Interdisciplinaridade em Ivani Fazenda: construção de uma atitude pedagógica. **International Studies on Law and Education, São Paulo**, n.8, 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

JAPIASSU, Hilton. A questão da interdisciplinaridade. Seminário internacional sobre reestruturação curricular. **Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre**, 1994.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. **Imago editora**, 1976.

KAWASAKI, Clarice Sumi et al. O perfil do pesquisador em educação ambiental: elementos para um estudo sobre a constituição de um campo de pesquisa em educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 1, n. 1, p. 111-140, 2006.

KRASILCHIK, M. Avaliação do ensino. **Avaliação e Ensino**, 1992.

KRASILCHIK, Myriam. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 85-93, 2000.

KRASILCHIK, Myriam. O professor e o currículo das ciências. **Editora Pedagógica e Universitária**, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista da Associação Nacional de Educação–ANDE**, v. 3, p. 11-19, 1983.

LÓPEZ, José Luis Luján; CEREZO, José Antonio Lópes. Educación CTS en acción: enseñanza secundaria y universidad. GARCÍA, MIG, CEREZO, JAL, LÓPEZ, JLL **Ciencia, tecnología y sociedad: una introducción al estudio social de la ciencia y la tecnología. Madrid: Editorial Tecnos SA**, 1996.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos. **Gestão em Ação**, v. 7, n. 1, p. 37-50, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo et al. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**, v. 5, p. 73-103, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1473-1494, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Em Aberto**, v. 5, n. 31, 2011.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 507-524, 2017.

MARSHALL, Thomas Humphrey. Política social. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1967.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação, Porto Alegre**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Os parâmetros curriculares nacionais em questão. **Educação & Realidade**, v. 21, n. 1, 1996.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, 2007.

MORIN, E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 2003.

MORTIMER, E. F.; MACHADO, A. H.; ROMANELLI, L. I. Química, Energia e ambiente. **Belo Horizonte: CECIMIG**, 1999.

MORTIMER, E. F.; SANTOS, W. L. P. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C–T–S (Ciência–Tecnologia–Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte**, v. 2, n. 2, p. 133–162, 2000.

MUHR, Thomas. ATLAS/ti—A prototype for the support of text interpretation. **Qualitative sociology**, v. 14, n. 4, p. 349-371, 1991.

OLIVEIRA, R. D. V. L. DE; QUEIROZ, G. R. P. C. A formação do professor como intelectual transformador e os fios e o compõem: uma análise a partir da formação inicial de uma professora de Química. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 16, n. 2, p. 339-360, 3 set. 2016.

OLIVEIRA, RDVL. A formação de professores de Ciências em uma perspectiva de Educação em Direitos Humanos. Abril, 2017. 371f. 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado). PPCTE/CEFET-RJ. Rio de Janeiro

OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de; QUEIROZ, Gloria Regina Pessôa Campello. A formação de professores de ciências a partir de uma perspectiva de Educação em Direitos Humanos: uma pesquisa-ação. **Ciência & Educação (Bauru),** v. 24, n. 2, p. 355-373, 2018.

OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de; QUEIROZ, Glória Regina Pessôa Campello. CTS-Arte: uma possibilidade de utilização da arte em aulas de Ciências. **Conhecimento & Diversidade, [S.l.],** v. 5, n. 9, p. 90-98, ago. 2013. ISSN 2237-8049.

PALACIOS, Eduardo Marino García; GALBARTE, Juan Carlos González; BAZZO, Walter. Introdução aos estudos CTS (Ciencia, Tecnología e Sociedade). **Organización**

de Estados Iberoamericanos (OEI), 2005.

PETRAGLIA, Isabel Cristina. Interdisciplinaridade: o cultivo do professor. 1993.

PIASSI, Luís Paulo; PIETROCOLA, Maurício. Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de'encontrar erros em filmes'. **Educação e pesquisa**, v. 35, n. 3, p. 525-540, 2009.

PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel; SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; BAZZO, Walter Antonio. Ciência, tecnologia e sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do ensino médio. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 13, n. 1, p. 71-84, 2007.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. 9-40, 2008.

POMBO, Olga. Para um modelo reflexivo de formação de professores. Utopia em busca de possibilidades: abordagens interdisciplinares no ensino de ciências da natureza. **Foz do Iguaçu: UNILA**, p. 13-26, 2011.

POMBO, Olga. Práticas interdisciplinares. **Sociologias**, n. 15, p. 208-249, 2006.

POMBO, Olga. Problemas e perspectivas da interdisciplinaridade. **Revista de Educação**, v. 4, n. 1, pág. 2, 1994.

POZO, Juan Ignacio. 9-Asociedade Da Aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. 2004.

PUGGIAN, Cleonice; DAS FLORES VICTER, Eline; FREITAS, Adriano Vargas. Justiça ambiental, igualdade racial e educação: Diálogos Transversais. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v. 3, n. 3, 2013.

RABELLO, Ananza Mara; OLIVEIRA, Danielly Brito de. Impactos ambientais antrópicos e o surgimento de pandemias. 2020.

RAYNAUT, Claude. Meio ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 10, 2004.

REIS, José Claudio; GUERRA, Andreia; BRAGA, Marco. Ciência e arte: relações improváveis? **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 13, p. 71-87, 2006.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. **Global Editora e Distribuidora Ltda**, 2015.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. **Pólen Produção Editorial LTDA**, 2019.

RICARDO, Elio Carlos; ZYLBERSZTAJN, Arden. Os parâmetros curriculares nacionais para as ciências do ensino médio: uma análise a partir da visão de seus elaboradores. **Investigações em ensino de ciências**, v. 13, n. 3, p. 257-274, 2016.

RIOS, Natalia Tavares. Educação Ambiental E Direitos Humanos: uma abordagem a partir dos conflitos socioambientais no currículo de Ciências e Biologia. **Ensino, Saúde e Ambiente**, 2020.

SANMARTÍN, José (Ed.). Estudios sobre sociedad y tecnología. **Anthropos Editorial**, 1992.

SANTOS, Ana Paula. Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens de alunos de escola particular da Zona Sul do Rio, G1, 20-05-2020. Disponível em https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml. Acesso em: 2 de maio de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os direitos humanos na pós-modernidade. **Oficina do CES**, n. 10, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. Sociologias**, v. 18, n. 43, p. 14-23, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova: revista de cultura e política**, n. 39, p. 105-124, 1997.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; MORTIMER, Eduardo Fleury. Tomada de decisão para ação social responsável no ensino de ciências. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 7, n. 1, p. 95-111, 2001.

SOUZA, Ellen Pereira Lopes de. Estudos sobre a formação de professores de ciências no contexto da lei 10.639/03.2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - **Universidade Federal de Goiás, Goiânia**, 2014.

STRIEDER, Roseline; KAWAMURA, Maria Regina. Abordagem CTS no contexto escolar: reflexões a partir de uma intervenção. **XI Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**, v. 11, 2008.

VIEIRA, Sofia Lerche; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino. Política educacional no Brasil: introdução histórica. **Plano Editora**, 2003.

WALKS, L. Educación en ciencia, tecnología y sociedad: orígenes, desarrollos internacionales y desafíos intelectuales. In: MEDINA, M.; SANMARTIN, J. (Orgs.). **Ciencia, tecnología y sociedad, estudios interdisciplinares en la universidad, en la educación y en la gestión pública. Barcelona: Anthropos**, 1990. p. 42–75.

WALTER, Silvana Anita; BACH, Tatiana Marceda. Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: Inovando o processo de análise de conteúdo por meio do Atlas Ti. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 275-308, 2015.

APÊNDICE A-

Dados de identificação

Título do Projeto: **A INTERDISCIPLINARIDADE COMO OBJETO PARA FORMAÇÃO CIDADÃ: UM ESTUDO DE CASO BASEADO NO FILME AVATAR.**

Pesquisador Responsável: Amanda Ribeiro dos Santos

Aos diretores do XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, portador do CNPJ: XXXXXXXXXXXXXXXXX, localizado na Rua XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, Campos Elíseos, Duque de Caxias.

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, do projeto: "A interdisciplinaridade como objeto para formação cidadã: Um estudo de caso baseado no filme Avatar", de responsabilidade da pesquisadora Amanda Ribeiro dos Santos sob supervisão de Prof.ª. Drª Glória Regina Pessôa Campello Queiroz, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: gloriapcq@gmail.com

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra a pesquisadora responsável.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo investigar se a fala interdisciplinar do professor pode auxiliar no processo de produção de enunciados que estão no caminho de uma formação cidadã pelos discentes apenas do nono ano do XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

2. A minha parte nesta pesquisa consistirá em: assistir ao filme proposto para a atividade, debater junto com os pares e o professor sobre o filme para levantar

questões relacionadas ao meio ambiente e saúde, e produzir uma obra que poderá retratar o que foi debatido durante os encontros, que a princípio serão no total de cinco, com duração média de um tempo de aula, ou seja, cerca de cinquenta minutos. Todas as participações bem como o debate irão ser produzidos em ambiente virtual de aprendizagem e serão produzidos um diário de bordo pelo pesquisador. Não serão produzidas durante as atividades quaisquer imagens ou gravações dos discentes.

3. Ao participar desse trabalho contribuiu para ampliar a discussão sobre como a interdisciplinaridade pode auxiliar no processo de formação cidadã dos alunos no ambiente virtual de aprendizagem durante a crise de saúde pública em decorrência do novo Coronavírus.

4. A minha participação neste projeto terá a duração média de dois meses, incluindo a participação nos debates e na produção de material via ambiente virtual que será de minha autoria para o XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

5. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

6. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

7. Minhas informações pessoais serão mantidas em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar, terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber durante e depois da minha participação. Somente serão registradas na pesquisa informações autorizadas por mim.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados de forma anônima sem que a escola ou os alunos sejam identificados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Amanda Ribeiro dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (21)

998160497, e-mail: arsantos2028@gmail.com.

Eu,_____, RG nº _____, responsável legal pelo XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Duque de Caxias, _____ de _____ de 2020.

_____

Assinatura do participante

_____

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

APÊNDICE B-

Transcrição atividade em conjunto com professor ZA
Pré Atividade dia 27- 04- 2020

Professor A: Vou trabalhar com eles um filme "avatar" para falar de meio ambiente. Mas o filme tem várias temáticas né...Uma é a da colonização de como o homem explorou, tomou a terra para si e tal... aí ia pedir para você dar uma pincelada sobre isso com eles

Professor ZA: Falamos um pouco hoje. Sobre. Avatar E incluir também Pocahontas, que é um filme que se passa sobre a história de colonização dos Estados Unidos de fato a Pocahontas, mostra-se a questão da mulher indígena tendo contado com o branco, no contexto das culturas se intercalando entre elas.

Professor A: Nossa que bacana. Não sabia que ela havia existido olha você falando assim do filme vou até assistir de novo Q esse é um filme que passou batido

ATIVIDADE

Professor A: O que mais chamou atenção de vocês no filme pessoal?

Aluno GF: O que mais me chamou atenção foi o egoísmo dos homens que querem os recursos dos índios.

Aluno K: P'sora, só porque ele falou bonito, tu vais falar que 'tá certo, 'sora O aluno GD falou feio, mas falou certo, 'sora. Não, não. Nada a ver 'sora.

PROFESSORA A. Não! Não vou falar certo. Ele

ALUNA L. É...

PROFESSORA A. Não tem Não tem certo e errado. Eu quero saber só a opinião de vocês. Eu gostei muito do que o ALUNO GD falou: da questão do egoísmo, né?!

ALUNO Z. Opinião!

ALUNO V. De primeira vista, eles pareciam primitivos, mas na são uma raça bem inteligente e por isso que eu a matéria prima deles.

PROFESSORA A. Então, mas porque... Fala. E aí? Por que que você acha que, a princípio, eles parecem ser primitivos?

ALUNO Z. Porque eles são diferentes... três metros quase [36 segs.].

ALUNO V. Por eles serem diferentes... Uma raça diferente...

ALUNO GD. Por eles terem costumes diferentes dos nossos... os humanos

PROFESSORA A. Eles são diferentes.

ALUNO V. Exato! [42 segs.].

ALUNO K. Filosofou!

ALUNO Z. (incompreensível, talvez “não encha o saco”) ...ALUNO K! [43 segs.].

PROFESSORA A. E aí, ALUNO K? Já que você ‘tava falando tanto de filosofar. Por que que você acha que, quando a gente tem alguma coisa diferente, é... a gente denomina logo, como sendo primitivo? [54 segs.].

ALUNO K. Não entendi a sua pergunta, não, ‘sora. [57 segs.].

PROFESSORA A. ‘Tá, olha só. Presta atenção aqui... [59 segs.].

ALUNO L. ‘Dessora...

PROFESSORA A. Fala, ALUNO L

ALUNO L. É, tipo, o que botar a gente eles como melhor que sobre eles e...

ALUNO S. ‘Fessora, eu entendi a pergunta.

PROFESSORA A. Calma aí, deixa a ALUNO L falar e depois a

ALUNO L. ‘Que a gente sabe mais coisas.

PROFESSORA A. Por que que a gente sabe mais?

ALUNO L. Eles ‘tavam botando como bárbaros, diferentes Eles botavam como o ser humano sabia mais do que eles e

PROFESSORA A. Um. E o que E o que a gente sabe mais ou sabe melhor do que as outras espécies? [01 min 27 segs.].

ALUNO Z. Eles sabiam nada, ‘fessora. Tecnologia, estudo aí o Jake que chegou lá e ajudou. O Jake. [01 min 31 seg.].

ALUNO L. A gente sabe fazer A gente sabe

ALUNO GM....sabemos coisas diferentes.

ALUNO Z. O Jake que armou lá, o “bagulho lá”, pra ajudar os... os avatars’.

PROFESSORA A. Por conta, aí, do egoísmo em que o ALUNO GD falou, né?

ALUNO Z. É...

ALUNO GM. Eles foram meio que piores bárbaros.

PROFESSORA A. É... E aí

ALUNO Z. Antes...

ALUNO L. Aquele militar lá ficou boladão (incompreensível).

PROFESSORA A. Além dessa temática de... da ecologia, né? Da proteção.

Qual outra coisa vocês acham que o filme traz? Assim.

ALUNO Z. O estudo de outras... de... espécies

ALUNO R. Tecnologias.

PROFESSORA A. Fala, ALUNO R

ALUNO VI. O estudo de outras espécies.

ALUNO R. Professora.

PROFESSORA A. Fala.

ALUNO R. Ecologia e tecnologia.

ALUNO L. E descobertas ...muita experiência, né?

ALUNO V. Conquistas de território.

ALUNO Z. É muita tecnologia.

ALUNO L. É a ciência, é o...

ALUNO V. Matérias primas.

ALUNO R. Professora, posso falar?

PROFESSOR A. Pode, R.

ALUNO Z. Aí, R! Aí, R! Ajuda.

PROFESSOR A. Fala, R.

ALUNO R. É que eu achei a forma dele, de conectar com o animal, muito diferente. Bota a... acho que... não sei se é calda, junto com bota na orelha do bicho. Aí, achei aquilo interessante é diferente.

ALUNO L. Verdade.

PROFESSOR A. Bem... bem interessante, né?

ALUNO Z. Aí, aí, aí. Muito Bom.

ALUNO K. Verdade, eu também achei legal.

PROFESSOR A. O que que você achou legal, ALUNO K?

ALUNO Z. O ALUNO K nem viu!

ALUNO K. Ué?! O que o ALUNO R falou. A comunicação deles com os animais.

PROFESSOR A. Mas por que que você achou especificamente legal? Porque o ALUNO R falou o que achou interessante, do jeito com que ele se comunica.

ALUNO K. Então ó (olha)! Achei legal. A mesma coisa, só que eu mudei a palavra: interessante ‘pra legal.

ALUNO D ...eu achei meio brabo, meio brabo

ALUNO R....falam a mesma língua do que os seres humanos.

PROFESSOR A. O que, ALUNO R?

ALUNO R. Eles falam a mesma língua. Não sei como, mas falam

PROFESSOR A. É... por conta das conexões.

ALUNO D. ‘Fessora.

ALUNO Z. É filme!

PROFESSOR A. Fala, ALUNO D.

ALUNO D. A árvore da vida existe?

ALUNO Z. Existe, pô.

PROFESSOR A. Então a árvore da vida é, como o filme lá, na verdade, ela não existe, mas existe uma árvore da vida, que o Darwin criou para falar sobre a evolução de todas as espécies. Pra mostrar calma aí, ALUNA L! Pra mostrar como calma aí, ALUNO V! Pra mostrar como E! Então, como eu ‘tava falando, a árvore da vida, assim, como mostra no filme, ela não existe, né? Mas Darwin, ele fez a árvore da vida como se fo... pra demonstrar, ali, a relação entre todos os seres vivos que existem no planeta. Então quando a gente fala de evolução, quando nós falamos de... de espécies diferentes, V, nós estamos falando, ali, no... no sinal da árvore por quê? Porque a árvore, ela acaba surgindo, ali, de um ancestral comum que foi dando origem a todo mundo e, aí, meio que não tem ninguém primitivo ou evoluído, é todo mundo, ali, no mesmo nível, por quê? Porque ‘pra simbolizar alguma coisa. Alguém sabe o que que é?

ALUNO R. Não!

ALUNO Z. É a represen É representação. É rep

ALUNA L. Ô, professora!

ALUNA V. Darwin, do Incrível Mundo de Gumble?

ALUNO Z. Caraca, ALUNO V! Foi mal!

ALUNO G. ’Fessora.

PROFESSOR A. Pode falar, ALUNO G.

ALUNO GM. Não é isso, mas A senhora 'tava falando do preconceito. O PROFESSOR ZA de História também falou na última aula e acontece que].

ALUNO R. Que árvore, que

PROFESSORA A. Só um minuto que o ALUNO GM Calma aí, que o ALUNO GM tá falando. Fala de novo, ALUNO GM, que eu não entendi nada

ALUNO GM. O que a senhora ‘tava falando do preconceito, o PROFESSOR ZA os romanos chamavam os povos sem a sua cultura. Chamavam de bárbaros.

PROFESSOR A. É.

ALUNO V. Essa raça, logo, ela sofre de xenofobia.

PROFESSORA A. Isso aí.

ALUNO Z. Racismo

PROFESSOR A. E aí? Acontece isso no dia a dia, gente? Acontece isso mostra ‘pra mim uma situação aí, ALUNO Z onde isso acontece.

ALUNO Z. Acontece!

ALUNO R. Sim!

ALUNO V. Até muito!

ALUNO D. Só de

ALUNO Z. De preconceito?

PROFESSOR A. É. Xenofobia. ‘Cê acabou de falar.

ALUNO R. Pastel de “flango”

ALUNO Z. Caraca, “me’rmão” (meu irmão)!

PROFESSOR A. É isso aí, ALUNO R!

ALUNO K. Vou te falar: é muito engraçado, sora! É muito engraçado!

ALUNO V. “é mesmo...”,

PROFESSOR A. Por que que é engraçado? Fala L.

ALUNO L. Professora! Tem uma parte que a... que ela fala, que... que eles ficam conectados ao espírito da natureza, né?

ALUNO R. Ele bota o papel

ALUNO Z. com os gordinhos

PROFESSOR A. Uhum. E vocês acham que isso é, assim. Aqui no Brasil, quem é que tinha antes dos portugueses chegarem?

ALUNO R. Índio! É... como é que se fala? Indígenas.

ALUNO Z. O índio! Os brasileiros.

ALUNO V. Os Indígenas.

PROFESSOR A. Os indígenas. E será que eles tinham. É... será que eles tinham essa mesma relação, ou uma relação parecida? Com os... com a natureza?

ALUNO K. Os indígenas.

ALUNO Z. Não. Não!

ALUNO GM. Sim!

ALUNO Z. Ah, sim, sim, sim, sim, sim!

ALUNO L. Sim! Era bem parecido com o filme.

ALUNO V. Sim! Só que eles viviam da matéria prima da natureza.

PROFESSOR A. Isso! Então...

ALUNO Z. É!

ALUNO GM. Só não se conectavam com uma calda nos animais.

ALUNO Z. Sobreviviam com o que tinham ao redor.

PROFESSOR A. Então, gente! Queria fazer, aqui, uma breve apresentação sobre. Só pra sintetizar isso tudo que vocês vieram falando, né? Que foi coisa ‘pra caramba! Fiquei super feliz, porque, assim, vi que voc... que tiveram várias (vários) apontamentos bem interessantes, ‘tá? E aí, aqui, eu vou passar o trailer do filme ‘pra quem, sei lá, não viu aí.

[Inicia vídeo em 06 min 40 segs. Os alunos chamam a atenção da professora para um problema técnico: eles não conseguem ver o vídeo do trailer. O vídeo, então, encerra em 07 min 44 seg].

PROFESSOR A. Vamo’ ver o trailer!

Pessoal, parece brincadeira, mas é sério! Vamos parar por favor de bobeira Z e companhia ilimitada, vou entrar em contato com a mãe de vocês principalmente a mãe do Z minha parceira, sempre falo com ela.

[vídeo inicia em 08 min 50 segs. A professora confirma, com todos os alunos, se estão conseguindo ver o vídeo. Alguns alunos pedem que a janela do vídeo seja ampliada, pedido negado pela professora. O vídeo encerra em 12 min 10 seg]

ALUNO R. Professora, tenho uma pergunta.

ALUNO Z. Muito bom!

PROFESSORA A. Fala.

ALUNO R. Naquela época, acho que foi 2012. Aí, essa tecnologia toda.

PROFESSOR A. 2009.2009. É. Então, na verdade esse filme aí. Ele já ‘tava preparado desde a década de 90, se não me engano, mas não tinha tecnologia suficiente ‘pra fazer. Então esse filme, ele era ‘pra ter sido lançado bem antes, mas ele foi lançado bem depois. Justamente por conta disso. É... E aí, gente? Tem vários tópicos aí.

ALUNO R. Maravilhoso!

ALUNO K. Bem maneiro! Gostei!

PROFESSOR A. ‘Cê já tinha visto o filme, K?

ALUNO D. Eu gostei! Eu já vi esse filme umas cinquenta vezes!

ALUNO NÃO IDENTIFICÁVEL. Maneiro!

ALUNO K. Professora, há muito tempo, já.

ALUNO V. Eu também já vi.

PROFESSOR A. Então, assim

ALUNO K. Tipo assim, 2007, eu já tinha visto.

PROFESSOR A. O filme é de 2009, K!

ALUNO K. 2017. 2017. 17.

PROFESSOR A. Ah, ‘tá. Ah, ‘tá. Então olha só, gente. Que que a gente pode apontar desse filme aí. Eu separei algumas coisas aqui, que eu acho interessantes. Então, a gente tem aí: a biotecnologia. Onde é que a gente pode encaixar, aí, a biotecnologia?

ALUNO R. Pode ser da árvore?

ALUNO D. Fonte da... das armas.

PROFESSOR A. Das árvores e na arma.

ALUNO R. As naves.

PROFESSOR A. Aves e mais o quê?

ALUNO R. Naquele

ALUNO D. Aquele robô lá, também.

ALUNO GD. No robô. “Robocop”

ALUNO K. Naquele...

ALUNO V. Na nave.

ALUNO Z. No Os dragões.

ALUNO R. Aquele negócio que ele faz ‘pra virar o avatar!

PROFESSOR A. Ah... Então, o próprio nome do filme é Avatar. Que que é um avatar? É um corpo artificial, que, aí, ele faz o quê? Ele sai do corpo dele humano, né? E vai ‘pra esse corpo através de uma conexão. Então, assim, o filme... o nome do filme já é bem, assim, tecnológico, né? E o que que vocês acham que é

ALUNO Z. Sim!

ALUNO R. Professor a! Como é que um cara, de cadeira de rodas, passou pr’um (para um) corpo artifici... artificial e começou a andar de novo? Sendo que era ‘pra transmitir tudo que ele tinha pro outro corpo. Era ‘pra ele continuar

PROFESSOR A. Então. Mas pelo filme aí. Vai, na verdade, a consciência dele. A consciência sai, né? O que ‘tá lá de dentro do nosso cérebro e é passado ‘pra outro corpo. Não a consciência dele, corporal, e sim a. É, ele só... ele, na verdade, trocou a mente dele de corpo.

ALUNO GM. Tipo a auto...

ALUNO L. Tipo a mente?

ALUNO R. Fazer, né? Mas... ‘tá bom.

ALUNO D. E, no final do filme, ele troca de vez, né?

PROFESSOR A. Troca de vez! Por conta da... da árvore, né? Que vai e faz, ali,

a mediação entre eles. Outra coisa que Fala.

ALUNO D. É! Aquela... A cientista também tentou, só que ela acabou morrendo, né?

PROFESSOR A. É, porque o corpo dela...

ALUNO D. Achei desnecessário, a morte da... daquela militar lá. Fiquei triste.

PROFESSOR A. Também. Eu gostava dela. Outra coisa que eu apontei aí, que eu achei bem interessante, é o respeito às diferenças e, aí, isso vocês também já apontaram pra mim, né? E relacionaram ao conteúdo de história, que vocês tiveram essa semana. E aí, o que que vocês podem falar sobre esse respeito às diferenças? Nos dias de hoje.

ALUNO K. Respeitar o pop, respeitar as músicas' dos outro,

ALUNO L. É!

PROFESSOR A. Por que respeitar a música K?

ALUNO Z. Respeitar a cultura

ALUNO V. "K quer respeitar os K-pop",

ALUNO NÃO IDENTIFICÁVEL. 'Cês só gosta K-pop.

PROFESSOR A. Ah...

ALUNO K. É... Aí, 'Tendeu? Respeitar o K-pop.

ALUNO Z. Respeitar o próximo

ALUNO D. Ele tem que escutar K-pop também. Tem que escutar.

PROFESSOR A. Entendi. E qual outra diferença? Assim. Por que não respeitar as diferenças é algo ruim?

ALUNO R. Porque é ruim!

PROFESSOR A. Por quê?

ALUNO R. As pessoas têm que respeitar as diferenças dos outros e... sei lá. É.

PROFESSOR A. Você se sente respeitado, nas suas diferenças?

ALUNO L. É. Porque assim como a gente gosta de ser respeitado

ALUNO V. Eu não sou muito respeitado! Eu sou muito desrespeitado nessa sociedade, p'sora. Desrespeito o dia todo.

PROFESSOR A. Por quê? Deixa a colega falar! Fala por que que você se sente. V!

ALUNO V. Porque deveriam se curvar, curvar a mim. 'Tendeu?

PROFESSORA. Mas por quê?

ALUNO AC. Pô, professora! Tem gente que se sente desrespeitado pela cor, professora.

PROFESSOR A. É, isso aí é um problema. E você já sentiu isso na sua pele? Tipo, já foi

ALUNO AC. Já.

PROFESSOR A. E você é criança!

ALUNO AC. É. Eu sofri racismo com oito, nove anos de idade. Dez. Na minha outra escola. Aí, é meio que difícil.

PROFESSOR A. Caramba! E como, assim, essas coi.... Na verdade, eu nem esperava que vocês fossem falar tantas coisas. Pô! 'Tá sendo muito proveitoso. É... Então você acha que seria, sei lá, importante ter na escola o debate sobre racismo?

ALUNO GR. É. é.

ALUNO R. Sim, senhora!

ALUNO L. Ah... eu acho legal!

ALUNO AC. Seria muito importante, um negócio desse.

ALUNO Z. Não!

ALUNO L. Porque tem muita gente, que não aprende em casa!

ALUNO V. Eu acho que daria

PROFESSOR A. Quem falou não?

ALUNO R. E!

PROFESSOR A. Por que, E?

ALUNO Z. Eu!

ALUNO V. Esse E, cara! Eu to achando que o E quer plateia.

ALUNO R. Já sofreu racismo?!

ALUNO Z. Eu acho que não é assunto que tem a ver sobre ciências e em nenhuma matéria da escola.

ALUNO AC. Meu amigo, você nunca sofreu racismo na vida, cara! Cê tem noção disso?! Você não tem noção do que que é! Então não opina, cara! Você n'é (não é) preto! Entendeu? Por favor, não opina!

ALUNO Y: Exato AC

ALUNO K. Nada a ver! Nada a ver isso aí, p'sora. Nada a ver

PROFESSOR A. Por que, K, nada a ver?

ALUNO K. Não pode opinar. Por que não pode opinar?

PROFESSOR A. Então, porque

ALUNO AC. K, você sofreu racismo alguma vez na vida?!

ALUNO L. Cada um tem uma opinião.

ALUNO K. Nada a ver, cara! Não faz sentido

PROFESSOR A. Calma aí! Um de cada vez. Um cada vez.

ALUNO L. Calma, gente!

ALUNO K. Só quem... Só quem tem a pele escura pode falar sobre esse assunto?

PROFESSOR A. Não. Não é sobre... Não é... Na verdade, não é. K, presta atenção! Na verdade, não é bem isso que a AC ‘tá querendo dizer. É que ela disse, é o seguinte: que ela sofreu isso na pele, coi... então ela tem uma visão, que eu, por exemplo, nunca vou ter ou que você também nunca vai ter. Por quê? Porque a gente nunca sofreu isso, então é lógico que, pra ela, isso é uma questão que toca muito mais do que, por exemplo, ‘pra você. Por exemplo: ‘pra mim é muito importante, que tenha lá, na minha faculdade, aula sobre feminismo. Por quê? Porque eu já sofri na minha pele. Já ouvi professor falar que “Ah, você é mulher, não tem que ser pesquisadora”. Entendeu? Então isso são questões muito mais, assim, que me tocam muito mais

ALUNO K. Ah... Entendi errado, p’sora. Entendi errado. Foi mal. Foi mal, gente. Desculpa aí, tá? Foi mal, tá, AC

PROFESSOR A. Mas... ô, K

ALUNO V. Que isso não se repita.

ALUNO AC. Não. Relaxa, meu amigo. Relaxa.

ALUNO K. Como assim?

PROFESSOR A. Você falou que...

ALUNO L. Foi o Z! O Z!

ALUNO V. Acho que foi o Z, que falou isso.

ALUNO GR: Foi o Z, ‘fessora, que falou isso aí!

ALUNO AC: Foi o Z!

PROFESSOR A: Fala, E.

ALUNO Z: Pelo que eu sei, branco também pode opinar

PROFESSOR A. Não, então, a gente já resolveu essa questão aí. ‘Tô perguntando por que que você acredita, que esse tipo de assunto não tem que ‘tá na escola

ALUNO Z. Não, ‘fessora. É que não é assunto que tem que ser discu... discutido no ambiente de escola. Isso a gente aprende com a vida, não na escola.

PROFESSOR A. Mas...

ALUNO R. A gente tem que ser educado na escola, né?

ALUNO GR. Claro que não, moleque! Se você ‘tá na escola, você ‘tá na escola ‘pra receber educação!

ALUNO Z. Não.

ALUNO V. A escola tem que dar educação ‘pro mundo, Z.

ALUNO Z. Não! Minha mãe é que me dá!

PROFESSOR A. ‘Tendi.

ALUNO Z. Eu aprendo em casa, a educação.

ALUNO V. ‘Tá, mas a escola que ensina as coisas do mundo, Z.

ALUNO GR. Bom, eu considero o Z super racista! Ponto, ‘cabô! (acabou)

ALUNO L: GR grosseiro.

PROFESSOR A. Que isso, R?! Não vamos denominar não vamos Ahn! Fala.

ALUNO AC. Professora Vou falar ‘pra senhora. É o seguinte: eu realmente acho. Minha opinião (é) que esse assunto deveria ser discutido na escola, porque minha sobrinha, com sete anos de idade, chegou pra mim e falou que a gente era diferente, porque pelo fato de ela ser branca e eu ser preta. Entendeu? E isso meio que, “pô”, ‘pra uma criança de sete anos de idade, é meio que difícil isso, meio que meu irmão é preto também, mas a mãe dela

RESPONSÁVEL MC. Olá, gente! Boa Bom dia! Bom dia!

PROFESSOR A. Oi.

ALUNO S. Gente! De novo, a... a moça.

RESPONSÁVEL MC. Meu nome é M. MC. Eu sou a mãe do Z, professora A. Tudo bom? Bom dia

PROFESSOR A. Tudo.

RESPONSÁVEL MC. Então, primeiro primeira questão: é... Eu acho que esse realmente não é um assunto, é..., de se falar numa aula de ciências, tá? É... segundo: meu filho foi chamado de racista, por quê? Por que ele é branco? Eu sou negra, então, aí, como que a gente vai resolver isso? Né?! Então, assim, eu vou te pedir, por gentileza, A, por gentileza. Primeiro que, na aula, não tem que saber de feminismo também, tá? Feminismo, a gente aprende, estudando sobre o feminismo. Não na aula de ciências, ‘tá bom? Então, assim, eu vou te pedir, por gentileza, né? ‘Pra gente não ter um problema mais sério. Até mesmo porque, pra mim, isso é militância, né? Eu sou uma pessoa instruída e eu sei exatamente como funciona’ as coisas, então vou pedir, por favor, por favor, que vocês foquem no tema da aula, tá? Eu fico sempre com o E quando ele está tendo aula, então eu peço, por gentileza, que esse assunto se encerre aqui. Primeiro, porque meu filho foi chamado de racista, então quero saber qual foi a atitude dele, de racismo, só por ele ter falado que não concorda, que seja um assunto feito em sala de aula. Tá bom? Ele foi chamado de racista, então eu vou procurar a

mãe dessa criança e vou querer saber onde, né? Eu peguei o meu telefone pessoal, ‘pra gravar isso e eu vou perguntar aonde meu filho foi racista. Por que ele não tem lugar de fala? Só porque ele deu a opinião dele?

PROFESSOR A. Então. Então posso responder agora, mãe?

RESPONSÁVEL MC. Pode. Pode ficar à vontade.

PROFESSOR A. O tema da aula de hoje é um filme que eu passei, ‘pra falar sobre biotecnologia, é... ecologia e um dos temas levantados, para falar sobre o filme, foi a questão do respeito às diferenças. Uma aluna falou, que já sofreu... que acredita que o respeito à diferença é algo muito importante e ela contou uma experiência pessoal dela, de ter sofrido preconceito racial, aos sete anos de idade, e aí eu perguntei... Ela disse que acredita que é importante, que esse tema seja debatido na escola e o E falou que não. Eu perguntei a ele por quê, e aí ele falou que não. Beleza. Outros alunos falaram. Outros alunos. Isso. Isso, exatamente isso que ele falou. Outros alunos falaram que não, que acreditavam que deveria ser abordado, porque a escola ensina ‘pra vida, e aí eu falei o quê? Que existem, sim, certos assuntos, que a gente acredita que seja mais importante pra falar ou que não e eu falei o que eu acho importante falar, por exemplo, lá na minha aula, no mestrado, que é: sobre o feminismo. Não falei, em nenhum momento, sobre isso aqui, na sala de aula. E aí, um aluno virou e falou assim: Ah... eu considero o E racista. Na hora, como você deve ter assistido aí, eu corrigi o aluno z falei que não, que a gente não ‘tá aqui ‘pra falar o que é certo e o que é errado. Estamos aqui, colocando as nossas opiniões sobre o assunto e, aí, na hora, eu parei sobre isso e já ia pular o assunto para outro tópico do filme. Foi na hora que a senhora invadiu a aula, ‘pra falar, aí, a sua opinião. Então, como eu estava falando, é... eu não, não é questão de ativismo, não é questão de nada disso. Nós estamos falando, aqui, sobre filme, ‘pra, na verdade, o tema Eu vi que ela saiu

RESPONSÁVEL MC. Exato! Ele respondeu que não era um assunto a ser aborda...

ALUNO GD. Ela saiu, professor a ela saiu. Ela não aguentou a pressão, não

ALUNO S. Professor a. Professora.

PROFESSOR A. Pode falar.

[Os alunos fazem comentários variados sobre a intervenção de MC à aula e sobre sua saída da conferência online].

ALUNO V: Professora argumentou bonito.

ALUNO GD: Adulta passando vergonha.

PROFESSOR A. Uma pessoa de cada vez! Fala S. Fala, S.

ALUNO S. Eu achei extremamente ridículo, ela ter feito isso. Primeiro: o Z falando que não tem que ser abordado na escola. Vai ser abordado é onde? Quem vai ensinar isso ‘pra gente? Segundo: a gente tem que, sim, falar sobre racismo, feminismo, tudo isso, na escola, A gente tem que aprender, entendeu? Eu não vou chegar numa discussão sobre isso e encher a pessoa de argumentos, que nem eu sei, que que eu ‘too falando, e achar que eu ‘too certa, por achar que a pessoa deve falar isso, porque, realmente, ele falar sobre isso foi um pouco ofensivo. Aí tudo bem, se alguém levar ‘pro lado de racismo, mas foi ofensivo ter que aprender isso na sala de aula. Ele é uma pessoa branca, extremamente padrão, cabelos louros, é... Eu não posso falar muito sobre isso, que eu também sou, mas a minha mãe é negra. Entendeu? Então, tipo assim, eu tenho consciência das coisas. Ele foi totalmente incoerente e inconsciente. A minha opinião. Agora, a mãe dele chegou aí, surtando, falando um monte de coisa que ninguém precisava ouvir e achando que ‘tá certa. Gritando, falando, Gritando.

ALUNO K. Quem te falou? Meio-dia e meio. Meio-dia e meio, hein? Meio-dia e meio, hein?

RESPONSÁVEL MC. Não. Não gritei, não. Em momento nenhum eu gritei, ‘tá bom? Eu voltei agora, porque a conexão ‘tá “ruim ‘Crê pode continuar, A? Por favor, que eu te interrompi. Caiu a... Caiu a...

PROFESSOR A. Então, como eu ‘tava falando, né? A atividade é sobre meio ambiente e, no filme, ‘pra quem assistiu o filme, deve ter visto que tem, sim, uma situação de embate, de desrespeito com as pessoas, né? Que tem, lá, os índios que são expulsos da terra deles, então, como eu ‘tava falando: se você ‘tava assistindo aí, durante a aula, viu que, na hora que alguns alunos chamaram o E de racista, eu peguei e chamei atenção. Agora, é uma situação. É, então. É, pois é, eu chamei atenção e falei, inclusive, que não existe certo e errado e que a gente deve respeitar a opinião do próximo.

RESPONSÁVEL MC. Não, eu não vi isso, não. É, não vi. Exato! Então, então vou te pedir, por favor, porque assim “ó” (olha): se ‘tá falando sobre o meio ambiente, vamos’ falar sobre o meio ambiente. Até mesmo que o tipo de assunto de preconceito, né? Coisas raciais. A gente sabe, que a gente aprende muito, também. Isso não é debatido, na escola, em aula de história. Muitas das vezes, né? As diferenças raciais.

PROFESSOR A. Na verdade, é um tema também relacionado à biologia. Quando a gente vai falar de melanina, quando a gente vai falar de DNA, mas de qualquer forma, mãe. Mas de qualquer forma, mãe, aqui, por mais que seja um

ambiente virtual, é a minha sala de aula. Se eu ‘too fazendo essa atividade, eu passei ‘pra coordenação da escola e não ofende, não fere, em nada, nenhum tipo de debate e, de qualquer maneira, se tiver qualquer problema e quiser falar comigo, eu peço que você me mande mensagem no privado ou que você mande para o e-mail. Até porque é uma situação bem chata. Tem quase trinta alunos na sala e eles não tem, é... não tem o porquê, ficar escutando esse tipo de coisa.

RESPONSÁVEL MC. Então você fala de melanina. Ok! Vou mandar, com certeza. ‘Tá, mas eu ofendi alguém? Eu não entendi.

[Alguns alunos se manifestam, declarando estarem ofendidos pela intromissão à aula].

ALUNO V. Porque a gente ‘tá discutindo sobre um assunto que tem muito a ver com o preconceito, sabe? Assim, com todo o respeito, eu acho que, assim, a gente ‘tá na aula da PROFESSOR A. Ela sabe o que é melhor ‘pra gente, entende? Então a gente ‘tá estudando. Exato, mas a gente ‘tá falando sobre o filme A. Sobre o filme! Sobre o preconceito! Isso tem a ver com o assunto.

RESPONSÁVEL MC. Não! Quem sabe o que é melhor ‘pra vocês, são seus pais. Então porque o Z falou. Então porque o E falou, né? ‘Tô falando com as crianças agora. Me dá esse espaço. Porque o E falou que ele não é a favor. Não, mas meu filho foi chamado de racista, A! Meu filho foi chamado de racista! Por que ele é branco, do olho azul?! Eu não entendi.

PROFESSOR A. Não, mas não é... aí que ‘tá. Aí que ‘tá. Não, mas eu chamei a atenção. Eu chamei atenção da criança. Não, ele não foi chamado de racismo (racista) por conta disso. Você não ‘tava prestando. Você não prestou atenção na aula

RESPONSÁVEL MC. Só por... Ah, Não! Só por quê. Não! Ele foi chamado de racista, porque ele não concordou com a opinião da aula! ‘Crê perguntou fez uma pregunta. Não, olha, calma aí! ‘Cê fez uma pergunta. Você fez uma pergunta e você, todo mundo, respondeu: sim! Sim! Sim! Sim! E aí você escutou o “não” do Z, e aí você foi e falou: por que não? Era só você respeitar a opinião dele. Era só você respeitar a opinião dele, porque a sua indagação... a sua indagação abriu espaço ‘pra outros alunos, inclusive um aluno, ‘pra chamar o meu filho de racista, só porque ele falou a palavra “não”. ‘Tá bom? Mas depois a gente conversa no privado, ‘tá bom? Eu ‘tô colocando a roupa e ‘tô indo... Eu vou dar um pulinho na escola, né? Apesar que agora não ‘tá funcionando, mas amanhã eu vou à escola e a gente resolve isso lá. ‘Tá bom, A? Muito obrigada. Bom dia.

PROFESSOR A. Não, não é a opinião da aula. A aula é meio ambiente e

biotecnologia. Não posso perguntar? Eu perguntei de todo mundo. Não, não é por aí, não. Não, mas Ok.

ALUNO VI. Atrapalhou a aula aí. Valeu. Valeu.

ALUNO D. Muito Obrigado!

PROFESSOR A. Então gente,

[Diversos alunos se manifestam, novamente, seu descontentamento quanto à intromissão à aula].

ALUNO K. Na moral, sem noção. Sem noção. Sem noção aí, sem noção, pessoal. Falando na cara da mulher, que ela é sem noção. Falando na cara da mulher, que. Casca grossa!

ALUNO V. Eu não ‘tava falando que, especificamente, a senhora sabe que que é melhor ‘pra gente. O que ‘tava querendo que ela entenda (entendesse), assim, que, tipo, a gente ‘tava falando sobre esse assunto, porque ‘tava no filme e a gente ‘tava debatendo sobre o filme. E eu achei e a... e a... e aquela senhora chegou falando sobre isso em aula.

ALUNO K. Professora, posso sair da ligação? Com todo respeito. Gente, calma aí! Calma aí, gente! Gente! Ô professor a, pode sair da ligação ou vai ter mais aula e ensino?

ALUNO D. Professor a. Professor a.

PROFESSOR A. Fala! Calma aí, K! Fala, D.

ALUNO D. Pede ‘pra ela assistir o filme, ‘pra ela ver como é que o filme é.

PROFESSOR A: É, então. Vou mandar o link do vídeo, porque talvez

ALUNO V. Ela chegou falando um monte de coisa, só que não tinha argumentos.

ALUNO GR. Resumindo: chegou atrapalhando a aula! Atrapalhou o final

ALUNO AC. Não, ela pegou o assunto na metade, querendo dar opinião!

[Diversos alunos expõem, simultaneamente, suas opiniões sobre o ocorrido].

PROFESSOR A. E aí, no caso, eu queria... eu queria Deixa-me falar. Eu queria chegar lá, no conteúdo. ‘Tá todo mundo ven.... Não, vocês não ‘tão vendo mais a minha tela. Eu queria chegar lá, ‘pra falar sobre queimadas e lixo, daqui da cidade de Duque de Caxias e não deu ‘pra a gente chegar no conteúdo, cara!

ALUNO GM. Eu acho sacanagem, ‘sora e a aula já acabou.

ALUNO V. Eu só não entendi a parte que ela falou, que esse negócio de feminismo e preconceito não é ‘pra falar em aula de ciências. Eu não entendi sobre essa parte, ainda não. A gente aprende sobre essa educação na escola também.

ALUNO AC. É, exato! Eu não entendi também! Uma mulher preta.

ALUNO K. Gente, deixa a N falar!

PROFESSOR A. Fala, N.

ALUNO N. A nem falou que ia entrar em assunto de feminismo. Ela falou de um assunto, que o cara lá, falou com ela. Só tocou no assunto. Chegou na metade da história

ALUNO L. Eu achei ela só usou um exemplo.

ALUNO K. Exatamente! Isso aí, “ó” (olha). A N chegou, na moral, e falou

ALUNO L. Exemplo!

ALUNO AC. Professora, ela pegou o assunto na metade e chegou falando merda! Resumido!

[Diversos alunos falam simultaneamente. Incompreensível].

ALUNO L. Eu acho que ela não podia ter entrado na nossa aula!

PROFESSOR A. É! Eu também acho. Na verdade, eu acredito que ela não deveria ter entrado na aula, mas tudo bem.

[Diversos alunos concordam com a declaração da professora].

ALUNO L: Não é reunião de professores.

ALUNO AC: Não tem maturidade

ALUNO N: Eu só acho que o filho dela deveria se defender sozinho.

PROFESSOR A. Então, gente. Olha só: Não deu ‘pra terminar a atividade hoje, né? Por conta da situação aí, que aconteceu. Eu peço muito desculpas a vocês, por isso e, na segunda na quinta-feira, a gente vai corrigir os exercícios que eu passei

ALUNO AC. Não! Nem precisa! Você e perfeita! Você é perfeita, professor a! Agora então, você é o amor da minha vida.

ALUNO ML. Não precisa pedir desculpas. Não precisa!

ALUNO GD: Ela queria brigar com a gente ainda.

ALUNO GM: Se foi um problema tão grande era só chamar a coordenação ao invés de atrapalhar a aula.

ALUNO V. A senhora tem todo direito de falar sobre esse assunto.

ALUNO K. Teria vergonha, se fosse minha mãe. Teria vergonha!

ALUNO GR. Eu ia sair da chamada, pô! Se fosse minha mãe, eu ia sair da chamada!

ALUNO V. Eu achei errado ela “vim” (vir), falando alto com todos os alunos. Eu acho que ela devia ter chamado a senhora no privado e falado com a senhora a respeito. Não na frente de todos os alunos! Ela perdeu totalmente a razão, quando ela

começou a aumentar o tom de voz ficar dando chilique na frente dos alunos.

ALUNO GR: Ela queria bater na gente fessora.

ALUNO AC. Realmente! Ela perdeu toda a moral, fazendo isso!

ALUNO Y: Minha mãe disse que tem pena de você professora para aguentar essas pessoas.

PROFESSOR A. Gente, então olha só Oi. Fala, R.

ALUNO R. Professor a, deixa eu falar agora. Eu. algo com “falar com a senhora no privado” e “não tem educação”

ALUNO K. O R quer falar, gente! O R!

PROFESSOR A. É.

ALUNO GD. E ela teve a cara de pau de perguntar.

ALUNO L. Falou com grosseria com a gente!

ALUNO ML. Passou vergonha!

PROFESSOR A. É. Enfim, gente, olha só: na quinta-feira Não, ela não tem o direito de falar com os alunos, né?

ALUNO L. Não tem mesmo, não! Ela não é professora!

[Diversos alunos falam simultaneamente. Fazem piadas sobre cocada].

ALUNO D: Por causa da cocada branca.

PROFESSOR A. Gente! Pessoal! Vamos’ terminar aqui a aula. Deixa-me terminar a aula. Deixa-me terminar a aula. Vamos! Presta atenção aqui! Deixa-me falar. Todos em silêncio. Olha só: vou terminar a aula quinta-feira que vem, eu vou correr... quinta-feira agora, eu vou fazer a correção dos exercícios que a gente passou e, na segunda-feira que vem, vamos’ ver se dá ‘pra terminar aí, a parte do filme, né? E se dá. E vamos’ ver se dá pra chegar lá. Vamos ver se d... a gente consegue chegar até agrotóxico, no filme, e outros temas que é relevante pra idade de vocês. Tá bom, pessoal? Muito obrigada e infinitas desculpas sobre esse assunto e eu vou E outra coisa. É... Espera aí. Deixa-me falar. Eu vou conversar com o I sobre isso e eu acredito que eles devam que ele deva perguntar a vocês sobre o que aconteceu, e, aí, vocês falam.

ALUNO R. Não, ela vai entrar de novo!

[Diversos alunos dispensam as desculpas da professora, dizendo serem elas desnecessárias].

ALUNO L. Ela não poderia ter entrado na nossa aula. É. A gente ‘tá de advogado.

[Diversos alunos expressam seu apoio à professora. Também fazem piadas

sobre advogados].

PROFESSOR A: Eu vou conversar com o I sobre isso e eu acredito que ele deve perguntar a vocês o que aconteceu.

ALUNO GR P'sora, 'cê tem que ter certeza de que você tem trinta testemunhas aqui, "pô"! Trinta testemunhas, você tem aqui!

ALUNO GD: Ela veio aqui passar vergonha.

ALUNO L. Tem!

ALUNO AC. Trinta testemunhas, você tem!

ALUNO N. A, você foi educada e sensata. Só isso que eu falo. Só isso.

[Diversos alunos concordam com as declarações].

ALUNO G. A, minha mãe falou que

PROFESSOR A. Quê, G, que 'cê falou? Que que cê falou, G?

ALUNO G. Eu falei

PROFESSOR A. Calma aí, gente! Que eu quero ouvir o que a G 'tá falando. Fala, G.

ALUNO S. Fala, G!

ALUNO G. Minha mãe falou que você 'tá certíssima, que ela ouviu tudo, falou que a mulher 'tá louca e eu concordo.

ALUNO K. Fala, G!

PROFESSOR A. Que bom que sua mãe ouviu.

ALUNO V. Minha mãe também 'tá aqui do lado e ela falou que a senhora ta coberta de razão

[Diverso alunos falam simultaneamente. Incompreensível]

PROFESSOR A. Tchau, gente! Vamos almoçar! Até quinta!

[Alunos se despedem] [A ligação é encerrada].

Transcrição Pós Atividade 18-05-2020

[12:53, 18/05/2020] PROFESSOR A: oi PROFESSOR ZA está aí, boa tarde

PROFESSOR ZA: oi

PROFESSOR A: cara, fui falar do filme com os alunos do nono ano o avatar

PROFESSOR ZA: sim...

PROFESSOR A: perguntei o que eles acharam do filme

PROFESSOR ZA: q eles aprontaram, o que eles entenderam

PROFESSOR A: A mãe do Z, as crianças estavam fazendo ótimo debate falando de respeitar as diferenças falaram que você conversou com eles sobre os

gregos os outros povos de bárbaros e perguntei por que era importante respeitar as diferenças

PROFESSOR ZA: Sim...

PROFESSOR A: a disse que ela achava importante falar de racismo porque ela quando pequena sobre racismo na outra escola e que até hoje não esquece aí o Z disse que não achava que era importante perguntei a ele porque e ele disse que isso aprende na vida aí o GR chamou o Z de racista eu chamei atenção do GR e falei que não tinha certo nem errado aí ela pegou o telefone, me chamou de ativista que eu constrangi o filho e que me gravou

PRFOESSOR ZA: Que isso. Ativista a que? Por ter falado ou ter feito apontamentos de colocação

PROFESSOR A: Já falei com o I, e já tinha mandado para ele de forma escrita... Sim, é uma aula interdisciplinar né.... Aborda várias áreas de conhecimento, Meio ambiente engloba tudo, esse último item aí tem na apostila de ciências também. Sim eles se levantaram isso também em sala esses debates que você falou sobre o conteúdo darwinismo social....eles falaram de tudo isso. eles falaram o respeito ao k pop que o Z fica zombando dos alunos que gostam. Sim, por isso que eu tão nervosa né...Deve ser esse tipo de mãe eu to tranquila em relação ao que eu falei em aula.... nervosa por essa situação toda super aula prática obrigada ZA

PROFESSOR ZA: Fica tranquilo...

PROFESSOR A: obrigada

PROFESSOR ZA: Pessoas assim só servem para nos dar mais força para saber dosar e amenizar essa ignorância. Que está vigente nos dias de hoje

PROFESSOR A: Gritante né. Eu estou ainda perplexa. Super chateada

PROFESSOR ZA: Fica não ...Você não merece

PROFESSOR A: liguei pro I, não vou mais fazer a atividade lá não

PROFESSOR ZA: como assim? e como vai ser?

PROFESSOR A: vou dar aula sem nenhum tipo de atividade

PROFESSOR ZA: carraca, complicado

PROFESSOR A: demais sabe

PROFESSOR ZA: o erro está nela, não em você, fica parecendo, q a visão de mundo ela é a certa.

PROFESSOR A: Sim. Ainda falei assim com ele aí Z mas aí ele tá beleza então é a Ana importante porque ela preço na pele então a gente não sabe como é uma pessoa ter sentido isso a gente não consegue ter a mesma sensação aí eu falei pô por

exemplo comigo eu acho lá no mestrado importante falar de feminismo Porque eu vi um professor chegou para mim e falou que eu tinha que estar em casa e não tinha que tá fazendo faculdade então assim cada um cada coisa que a gente passa a gente acredita que seja importante comenta sobre aqui aí a mãe dele e vai ela falou que eu constrangi ele que os outros aonde estavam chamando ele de racista me chamou de falou que eu estava tipo falando de feminismo sendo que eu usei um exemplo só aí ela disse que os alunos estavam xingando o filho dela que ele estava com isso aí ela falou para caraca falou que não tem nada para falar isso não tem que ser ensinado na escola Quem Sabe Isso sou eu aí eu falei olha só ele deixa ela falar então para começar Apesar daquele ambiente virtual de sala de aula sala de aula continua sendo minha queria ter pedido autorização para falar. E outra coisa O tópico dar uma é assim sobre isso porque eu faço isso um filme que se eu quiser porque ele tava brincando a aula inteira que fala sobre tecnologia meio ambiente respeito ao próximo por conta dela é disso que a gente tá falando sala de aula aí ela falou que eu não tinha que tá falando nada sobre isso porque eu não sei nada e que além de instruída E aí ela ficou se dirigindo a mim logo depois ela se dirigiu aos alunos e falou diretamente com os alunos falando que eles estavam sem noção eu falei não você não tem direito e ela querendo falar e ela falou E aí as próprias as mães de outras crianças escutaram a situação toda e saindo a minha ida e minha defesa que eu não tava falando nada daquilo que ela tinha falado e cara ainda tô muito nervosa tô me Tremendo até agora. Ela falou que e aí ela disse que ia na escola para fazer uma reclamação eu falei para ela poderia ir na escola assim falar que quisesse Mas pelo não poderia jamais interromper ela disse que ela fez se ela tivesse alguma coisa fala depois ia falar comigo no privado e na frente do Sabor que que ela é E aí ela segunda chamada mas esse já eu comecei a falar com ele do filme Nem consegui chegar nas plantas quero que eu queria falar ou sobre a biotecnologia Na verdade eu só comecei a falar de tecnologia porque ela pegou 30 min

PROFESSOR ZA: Creio que você já falou com o I seja respaldada com o I mostrando toda a coerência do que você fez. E com relação a sua abordagem está correta você sempre ficou com relação assunto para poder fazer mensagem outras ver o assunto mais próximo e dizer que o Brasil ou seja qualquer tipo de preconceito também pode ser infectar uma questão é uma questão de vivenciada por cada um que assim como você não sabe sobre o assunto você negra você teve um outro apontamento com relação de discriminação que fosse de gênero que essa questão existe também de outro ponto 8º ano Z não estava no 8º ano passado mas isso foi

assunto debatido na aula na aula de história em relação a isso. Esse assunto tá embutido e pode bater também com relação ao que você tá exemplo Capítulo 11 é que não estava no 8º ano passado mas isso foi assunto de aula de história com relação a isso esse assunto tá embutido entre bater também com relação ao que você tá Capitão exemplo Capítulo 11 do livro do oitavo ano vou mandar foto para você qual o Z não estudava lá na escola falado não sei o que que houve outra escola que ele falou não o teu mas coerência do que a gente ta aprendendo. Assuntos abordados já foi mesmo fosse lá que nós continuamos Desde o ano retrasado o ano passado onde foram esses itens aí e esses itens incluindo também seu com relação ao Avatar com relação a isso Onde pra dominação do outro envolve a questão da raça e também para o antropólogo sociólogo e das áreas humanas não essa questão E debatido a questão da etnia a questão do preconceito fundamental do racismo e pra uma nação dominar o outro isso é fundamental e até mesmo questão religiosa Avatar pouco amor não te fala perfeito também com ela só uma isso e a disse entender inteligente tem que criar aproximação ultrapassado Tô dando um exemplo com relação para ele ter uma noção maior agora se ele acha importante ou na vida aí é uma questão pessoal dele então é algo individual e não quer dizer que se a toda turma conteúdo passado a ele tem que ser passados como ele é. Outro detalhe a questão da fixação da sua própria matéria da própria ciência do século 19 para poder legitimar a questão de utilizar em chamar que o outro não é civilizado, teorias que dizem se você é civilizado ou não você tem no século 19 Cesário Lombroso que vai ser cercar uma teoria onde vai criar Caracterize pessoas que tem pretensão são crime e muita característica deles entraram com relação ao próprio localização do dizendo que existem classes superiores e inferiores utilizando da ciência para isso ele dominar é uma questão também que entram alguma parada do racismo a gente percebe diversas linhas com relação a essa questão e esse aluno ele pode ter somente ele livre para poder pensar o que ele quer mas necessariamente quer dizer que a gente aprende vende com relação de repente a vida pode seguir caminhos que não pode a escola ele po tem que dialogar com tais questões para ele entender que outrora passado ou ficcional ele lida com os dias de hoje e você tentou dando um exemplo ao aluno para ele ter uma noção maior. Agora se ele acha ou não essa questão importante ou não essa questão ser mais aprendida coma vida aí é uma questão moral e pessoal dele…Muito mal educada ela não fazer isso para professor de aula Se você não se preocupa não nervosismo com relação pela ação dela pela educação dela não pela sua aí tem que ver também qual posição escola sem partido. Daí você pode ter pegar o exemplo de dos alunos

com relação que é uma questão que a maioria dos pais só conhece por cima ou ficam que para eles é uma música qualquer mas que para tentar entender o aluno o aluno deu até exemplo de educação também é isso relação de aprendizado se pode falar um assunto às vezes não é tão alcançável mas o próprio ou próprio o cotidiano isso aí também tá na vida. Sabe onde a gente acaba captando essa questão do próprio preconceito do outro e foi até mesmo que você falou com relação do próprio filme Bacurau a cena com relação onde é que ele po a pessoa daqui do Brasil por ter características brancas, morar em determinados locais vem estrangeiro eles ajudando a fazer toda aquela de alunos eles falam que é igual Aquele estrangeiro e que são brancos e os de Fora começam a rir percebendo e colocando os lugares e não que não é bem assim cotidiano pena que o filme é muito adulto para poderes assistir vários elementos que a gente quis discutir mais elementos que você eu apontei você apontou que tá indo dia a dia. Hoje do sexto ano tive que fazer considerações com ele até comentar, mas a professora não falou isso estávamos falando com relação tô aí acabou aí acabou falando os animais aí eu fico assim com relação à cultura de cada um de alimentação para ele. Ficou tipo assim da cultura de cada um ou elas são de alimentação então para eu ter tempo para ele a gente que come questão de carne de vaca ou E por aí vai todos os chineses indianos Isso é uma festa normal aí falei cedo cachorro em alguns locais da China com ele então. Aí falei cedo cachorro em alguns locais da China como tranquilamente Google eu saio de casa imagine fazer uma sopa com eles tentar compreender a cultura. Principalmente ela deu uma lição para os alunos e para todo mundo do que é essa questão de não respeitar a cultura dos outros a gente não centrismo e pensar que é cultura dela e o pensamento dela Fundamental e os outros não pode estar nem aí dá aula mais prática do que é se possível aqui só se construir o respeito das Diferenças.

Transcrição PAIS Pós atividade 18- 05- 2020 Responsável 2

PROFESSOR A: Oi L boa tarde. Obrigada, ainda tô bem nervosa, já chorei e tudo. Ela disse ao I que eu quero converter as crianças, E que isso não é da aula
RESPONSÁVEL L: fiquei nervosa como mãe e como professora. Foi desagradável
PROFESSOR A; Totalmente desagradável, sem nenhum tipo de respeito
RESPONSÁVEL L: Mas fica tranquila, a turma ficou do seu lado.
PROFESSOR A: ainda bem que assim como você outros pais tb estavam escutando tudo e viram que não foi nada demais

RESPONSÁVEL L: Não foi mesmo. E sinceramente a gente sabe que tem problemas bem mais sérios que esse.
PROFESSOR A: Bem mais. Como por exemplo o próprio filho dela que não presta atenção na aula e que estava desde o início badernando
RESPONSÁVEL L: É assim mesmo, eles ficam assustados, mas educação vem de casa.
PROFESSOR A: Sim....Uma pena Toda essa situação, estou aqui ainda bem nervosa, mas daqui a pouco passa sei que não fiz nada de errado...Mas sabe como é a escola né...Sem dúvida, espero não perder o emprego nesse momento engraçado que na hora que ela precisou ficou me mandando um monte de sms pedindo ajuda com o filho
RESPONSÁVEL L: Se precisar estou aqui.
PROFESSOR A: Obrigada L
RESPONSÁVEL L: Isso não vai acontecer
PROFESSOR A: muito obrigada
RESPONSÁVEL L: Mas te entendo, por mais que a gente saiba que fez certo estamos o tempo todo nas mãos dos outros.
PROFESSOR A: Sim....
RESPONSÁVEL L: Mas você se saiu muito bem. Foi educada, não ofendeu. Fique tranquila. Nós trabalhamos a um tempo ali, temos que confiar no que já mostramos. Vai dar tudo certo, não vale a pena ficar chateada por uma mãe que apesar de bem instruída não tem o mínimo de educação. Fique com a parte boa disso tudo.
PROFESSOR A: Muito obrigada pelas palavras
RESPONSÁVEL L: Seus alunos te apoiaram. Se precisar poder dizer pro I que eu assisti tudo.
PROFESSOR A: Sim! isso dá o maior alívio. Obrigada

Responsável 03
RESPONSÁVEL D: Boa tarde A! Sou D mãe da aluna V!
PROFESSOR A: Oi! Boa tarde
RESPONSÁVEL D: Eu sempre estou por perto ouvindo as aulas dos professores! Foi exatamente por eu ter ouvido a aula de hoje que venho te dizer que você está coberta de razão! Um responsável não tem o direito de invadir sua aula para falar seja lá o que for; um responsável não pode se trocar com alunos; um responsável não pode te desrespeitar perante os alunos! Seja lá qual for a matéria você é capacitada para falar seja o assunto que for! Não gostei do tom da mãe do aluno Z muito menos a falta de

respeito em invadir sua aula!

PROFESSOR A: Obrigada pelo posicionamento! Acho que ela não escutou a aula toda, e mesmo que tivesse não tinha o direito de se virar aos alunos, deveria ter me mandado sms no privado....Não queria falar de militância ou ativismo como ela disse, foram assuntos que os alunos apontaram do filme, fazendo relação com o dia a dia deles....Uma pena que ela tenha feito isso, já entrei em contato com o I. Ainda estou meio perplexa

RESPONSÁVEL D: Uma aula online não dá o direito de qualquer um sair falando o que quer e a hora que quer. Não é por os alunos estão dentro de casa que nós responsáveis temos o direito de entrar e sair falando na aula! Os alunos não têm que opinar que tipo de aula, ou que tipo de assunto você irá dar! Você é qualificada para dar aula e ensinar! Aluno é para ouvir, aprender e respeitar; e na casa de você pedir uma opinião; aí sim o aluno pode vir a opinar! Na minha opinião você deve sim falar com os alunos a respeito do que está acontecendo no mundo! Na minha opinião você não está errada em nada! Imagino! Eu estou, a V está; imagino você! Eles são espertos, eles são inteligentes e eles sabem o mundo que estamos vivendo e como tudo está acontecendo! Acho de mera IMPORTÂNCIA conversarem sobre todos os assuntos com alguém responsável e inteligente como um professor!

PROFESSOR A: Sim, foi exatamente isso que eu falei também. apesar de ser uma sala de aula digital, continua sendo uma sala de aula e ela não tem autonomia para entrar na sala de aula. Sim...ainda me acalmando. Eu também penso desta maneira.... os alunos são maravilhosos!! Espero que isso não se repita e muito obrigada pelo posicionamento!

RESPONSÁVEL D: Por nada! Por estar sempre atenta que achei que deveria falar com você! Estamos passando por dias ruins e incertos. Não estou sendo fácil para ninguém! O momento é de união e amor ao próximo; nada justifica uma falta de educação e de RESPEITO! Fica com Deus e estamos aqui para o que você precisar! Boa tarde!

PROFESSOR A: Sim....é um momento tão delicado que estamos...Hoje mesmo foi um dia que eu acordei muito desanimada com a situação que estamos passando...

RESPONSÁVEL D: Não está fácil pra ninguém! Fica com Deus também e muito obrigada

MÃE NO POST PÚBLICO FACEBOOK

Olá MÃES E Pais!!

Quero deixar um alerta muito importante que eu e o Z vivemos com a aula online! Não vou expor a escola e A professora, porque o assunto já foi resolvido e a escola me deu todo o suporte!

Enfim, vamos ao assunto!

Hoje na aula de ciências, uma professora incitou alunos a um debate sobre racismo, onde perguntou aos alunos se eles achavam interessante debates sobre racismo, feminismo etc. na escola!

Os alunos e alunas foram respondendo sim, sim e quando chegou na vez do Z ele disse Não (SOMENTE) eu estava assistindo a aula junto com ele.

Logo a professora ao ouvir o "não" indagou a opinião dele, e ele mais uma vez sucintamente respondeu: "Porque é um assunto q não acho q aprendemos na escola".

Viro uma zona a aula, alunos falando que o Z não poderia opinar porque ele era branco do olho azul, e logo a professora concordou dizendo q assim como ela (branca) , não poderia falar de como é sofrer racismo, porque nunca sofreu um, mas poderia falar de feminismo por ser mulher, tal do (lugar de fala).

Logo um aluno em especial chamou o meu filho de RACISTA.

Eu como já havia percebido a intenção da professora em outras aulas, e já tinha sacado o posicionamento político dela em outras aulas e questões, não consegui me abster e entrei na sala, falando tudo q achava daquele absurdo!

A aula era sobre o filma "Avatar" sobre meio ambiente e biologia da ficção, e como em outras aulas ela sempre arruma um jeito de colocar ideologias no meio, incitando debates de fundo ideológicos, mas hoje não deu, hoje não deu pra ficar calada, como tenho feito desde o início q percebi a sacada dela!!

Os demais alunos falavam pra mim: "Você é louca", "a professora sabe o q é melhor pra nós", "a escola tem q nós educar".

Meu filho respondeu: "A escola nos ensina matéria, e educação meu país me dão em casa". MEU FILHO FOI CHAMADO DE RACISTA, E TIRADO O LUGAR DE FALA POR SER BRANCO.

PAIS, pelo amor de Deus, acompanhe seus filhos, não sejam isentos, não se calem, observem, escutem as aulas e conteúdos dos seus filhos, isso é muito sério!

Professor, escola, podem ser militantes do que quiserem, eles são livres pra isso, mas JAMAIS PODEM MILITAR OS FILHOS DE NINGUÉM!

Porque se vcs não estiverem atentos e combater isso, SEUS FILHOS SERÃO REALMENTE EDUCADOS PELOS PROFESSORES E ISSO PODE TRAZER MUITA

CONSEQUENCIAS!

POSICIONAMENTO DA DIREÇÃO DA ESCOLA- VIA FACEBOOK

Estimados Alunos, Pais, Responsáveis e Amigos.

"A educação é algo mais amplo do que um simples conceito, pois tem influência das diversas culturas da sociedade. Podemos dizer que educação é vida e um processo contínuo que ocorre em diversos contextos sociais, possibilitando a construção de novos conhecimentos, o crescimento pessoal e o melhor relacionamento do indivíduo na família, escola, comunidade, sociedade. É através das trocas e vivências que ampliamos nosso conhecimento, mudamos nossas ações e nossa forma de ver e sentir o mundo".

"Adotar uma pedagogia crítica é ter consciência de seus condicionantes históricos e sociais. Procuramos dar um passo à frente no papel transformador da escola. Sendo assim, nossa função é fornecer a todos um ensino de qualidade. Procuramos nos apropriar dos conteúdos básicos que tenham importância na vida dos alunos, pois, agindo desta maneira, modificaremos a prática social. Nossos alunos, auxiliados pelos professores e baseados em suas próprias experiências, adquirem uma visão mais organizada e unificada do universo que os cercam".

Resumi acima a razão do existir do XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX. São quase 50 anos de existência, vivendo e contribuindo com as mudanças enfrentadas pela sociedade. Muitos dos pais que hoje matriculam seus filhos em nossa escola, se quer haviam nascidos na época da sua fundação.

Dificilmente uma Instituição de Ensino permanece ativa por tantos anos. A solidez da nossa escola está relacionada com o fato de como praticamos nossas ações pedagógicas.

Evoluímos com a sociedade. Identificamos ao longo dos anos as necessidades das “gerações” que por aqui passaram. Consideramos a nossa escola uma grande árvore genealógica, onde grande parte de nossos alunos, tiveram avós, pais, tios, tias, irmãos e outros familiares próximos que também frequentaram nossas salas de aula. E temos muito orgulho disso.

Resistimos bravamente porque valorizamos as potencialidades de nossos alunos, encorajando-os a enfrentar os obstáculos, pois a vida não é um mar de rosas. Acreditamos e confiamos na capacidade que cada um de nossos alunos tem de intervir positivamente na busca por uma sociedade mais justa.

Para isso, entendemos a escola não apenas como simples espaço onde os saberes sociais adquiridos ao longo dos anos são condensados e sem nenhum sentido. Nossa visão de escola vai muito além.

Pautamos nossas ações pedagógicas na multidisciplinaridade, na transdisciplinaridade, na interdisciplinaridade ou em qualquer outro objeto metodológico que vislumbre a FORMAÇÃO CIDADÃ PLENA.

A escola é um grande palco, onde alunos e alunas são os grandes protagonistas. Neste palco, emoções, sonhos e anseios afloram em busca de compreensão e apoio. A sociedade vem adoecendo ao longo de décadas. Egoísmo, incompreensão, intolerância, preconceito, insensibilidade ao sofrimento do próximo são apenas alguns exemplos de práticas “humanas” que vem destruindo o relacionamento social sadio.

Aqui, no XXXXXXX, observa-se o que diz a LDB 9394/96, em seu Artigo 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Estamos aqui para mais 50 anos se preciso for. Enquanto existirmos como Instituição de Ensino, lutaremos pelo que há de melhor em educação para o nosso bairro. Afirmamos isso, não por vaidade, mas pelo compromisso assumido com todos que acreditam no nosso trabalho.

Parabenizo a todos os ALUNOS pela forma como vem enfrentando esse desafio e superando as dificuldades. Ajustaram-se brilhantemente a uma realidade com a qual jamais pensavam se deparar. Já percebo o quanto amadureceram e bem educados são. Um beijo carinhoso em todos.

À nossa COORDENAÇÃO, agradeço o profissionalismo com que ouvem, elaboram e organizam o trabalho pedagógico, de modo a atender as necessidades quase que individuais de alunos e familiares.

AOS PROFESSORES, sem palavras para agradecer o quanto fazem por nossos alunos. São verdadeiros heróis que estão enfrentando uma tempestade num pequeno barco a remos, sem sequer pensar em naufragar. Poderia citar os nomes de todos eles, mas, é dispensável, pois, SÃO CONHECIDOS, RECONHECIDOS, VALORIZADOS E QUERIDOS, por todos. As ações de cada um deles transformam vidas.

Aos PAIS, RESPONSÁVEIS E FAMILIARES, só tenho a agradecer pelo carinho, incentivo, reconhecimento e apoio. A participação de vocês neste momento

difícil só nos fortalece a seguir em frente, buscando o aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Deus, abençoe-nos! Aniquile, com a Sua infinita misericórdia, este mal que vem nos afligindo.

Um abraço fraterno a todos que fazem do XXXXXXXXXXX, um ambiente onde o AMOR AO PRÓXIMO é componente curricular sempre presente, impossível de ser quantificado.

PROFESSORA MR

19/05/2020

TRANSCRIÇÃO MÃE SEGUNDO DIA APÓS INTERVENÇÃO

Olá bom dia SENHOR I! Tudo bem? Gostaria de saber quais foram as medidas tomadas em relação ao ocorrido!! Estou perguntando, porque não houve nenhum contato comigo e nem com o ALUNO Z. Nem de alunos e nem da professora! Você falou com as mães dos alunos? Veja bem I, minha intenção não é fazer tempestade em copo d'água! É q realmente, meu filho e eu estamos magoados! Tenho certeza q o ALUNO Z. nunca chegou para os amigos, ou professores e tenha contado q ele é crônico renal! Imagino eu, que a maioria de vcs não conhecem a história de vida do ALUNO Z., e tenho a absoluta certeza, q ALUNO Z. nunca se valeu disso, para ser mais amado, mais respeitado!! Que ele nasceu com má formação nós 2 rins, e já fez 3 cirurgias! Tenho certeza q ele nunca falou aos amigos, que todo ano ele passa por exames q duram dois dias! E que ele precisa ficar três dias sem ir à escola, por conta da radiação! Tenho certeza q ele nunca falou, q tem medo, por de repente não conseguir ser jogador de futebol (o sonho dele), pelo fato de ter 30% de função renal em um rim, e 45% em outro! O que eu quero dizer com isso, é q o ALUNO Z. é um menino forte, e muito guerreiro, e tem uma força e história de superação, mesmo sendo "branquinho de olho azul " (termos q foram usados contra ele), e não é de maneira nenhuma privilegiado! Ninguém conhece o ALUNO Z. como eu conheço, e ele nunca usou da condição dele, para se vitimizar e ter algum privilégio por isso!

Estou a dois dias sem dormir, por meu filho está calado e pensativo e me dizer:

"Mãe, eu fui racista?"

"Mãe eu pensava q eles eram meus amigos ".

Peço SENHOR I, encarecidamente, que meu filho receba um pedido de desculpas, desses alunos e da professora em questão!! A única coisa que eu te peço!

Me coloco tbm a disposição de conversar pessoalmente com vcs da escola e a professora! Por acredito que pelo menos um pedido de desculpas, por ser acusado de uma coisa q não fez, o ALUNO Z . tem direito!! Porque se com certeza a história fosse outra, se fosse o ALUNO Z. a usar a cor, para fazer comentários pejorativos, acusações a situação seria outra!

SENHOR I: PROFESSOR A, me ajuda a resolver isso. □□□□

PROFESSOR A: SENHOR I, vamos fazer o seguinte marque uma reunião com ela agora pelo meets eu, você e ela e conversamos

TRANSCRIÇÃO AULA APÓS O OCORRIDO

ALUNA V. pq o R. está forçando a voz?

ALUNO Z. Avatar

ALUNA V. coe dx o trica em paz rapa

ALUNO S: Fala o que meu deus

ALUNO GM: nem todos comem

ALUNO Z: Comeu carne de cachorro com xixi de morcego

ALUNO GM: em cada lugar tem cultura diferente dentro da China e é mt preconceito falar que todos comem

TRANSCRIÇÃO ATIVIDADE PARTE FINAL

PROFESSOR A: Então como eu comecei a falar, eu ia falar no último dia 5 foi o dia do meio ambiente né. Alguém aí viu algo do tipo

ALUNO R. não vai ter aula não vai ter aula

PROFESSOR A. dos Santos: Claro que vai ter aula menino dia 5 já passou

ALUNO Z. Nem tô sabendo

PROFESSOR A. dos Santos: Então hoje a gente vai continuar aquela atividade que a gente começou para falar do meio ambiente tá bom usando o filme Avatar e aí como eu falei com vocês o nosso filme ele vai estar relacionado com o quê com o meio ambiente prioritariamente para quem não se lembra do filme

ALUNO Z. e azulão

PROFESSOR A: Para quem não lembra do filme né a gente já teve a primeira discussão sobre ele e aí o que eu queria aprontar a vocês aqui era a relação meio ambiente porque o tema central do filme A gente pode falar que por que que a gente pode falar que é meio ambiente. Porque a gente pode falar que o filme vai ter como

tema central meio ambiente e especificamente as árvores né então para quem vê o filme isso aqui é o quê gente é o quê Gente alguém sabe que é

ALUNO Z: Isso é uma lhama

ALUNO GF: aquele bicho que cospe na nossa cara [21:18, 31/08/2020]

ALUNO Z. não é um bode é tudo a mesma coisa

ALUNA L. É uma ovelha

ALUNO Y: não é tudo a mesma

PROFESSOR A: Essa é a ovelha Dolly alguém sabe aí por que ela é importante

ALUNO ML: primeiro animal a ser multiplicado primeiro animal criado em laboratório

PROFESSOR A: Isso aí ela foi o primeiro animal clonado criado inteiramente em laboratório ela foi um clone tá Z aí a gente pode falar de clone quando a gente vai falar do filme Por que que a gente pode falar de biotecnologia no filme que que tem no filme que se relaciona com a biotecnologia

ALUNO Z: tu se deita no caixão Aí lá e virou azul

ALUNO R: professor A uma ovelha aparece aquele remédio aquele que é Doril

PROFESSORA A: Então ALUNO Z, realmente a pessoa se deita lá no sarcófago né E aí ela vai se conectar com o avatar dela que é o que é uma forma de biotecnologia né E aí quando a gente fala de biotecnologia Não é só isso daí especificamente você se transformar para outro corpo mas biotecnologia é toda aquela tecnologia relacionada à vida por exemplo agricultura é um tipo de biotecnologia também as vacinas tudo relacionado ao meio ambiente e aos seres vivos que nós podemos manipular de uma certa maneira é considerado como biotecnologia tá E aí qual o conteúdo da nossa apostila Estamos estudando

ALUNOS GD, Z e K: as plantas pessoas, plantas pessoas

PROFESSOR A: E o que tem plantas com biotecnologia e

ALUNO Z: é vida grávida planta da vida

PROFESSOR A: Todos são seres vivos realmente, mas o ponto específico que eu queria falar, vocês já viram esse filme aqui O Lórax?

ALUNOS Z Y: não!

ALUNO GF: Sim

ALUNO R.: Ele corta todas as árvores.

PROFESSOR A: Isso aí ele corta todas as árvores, e a partir do momento que a gente corta toda as árvores o que pode acontecer? O que pode acontecer com o

meio ambiente?

ALUNO Z: Ficar sem oxigênio já é crucial né

ALUNO Y: fica sem oxigênio

ALUNO DESCONHECIDO: nutrientes

PROFESSOR A:Alguém aí falou nutrientes também, as plantas como nós já estudamos elas fornecem o que? Nutrientes que são super importantes para gente e o nosso oxigênio, sem planta dá pra ter oxigênio?

ALUNO Z: Ninguém vive sem oxigênio.

ALUNO Y: Não

PROFESSOR A: não ninguém vive sem as plantas. E aí uma coisa super importante né, o que isso tem a ver com a gente? Se a gente cortar as plantas a gente vai ficar como vocês acabaram de falar, sem nutrientes e sem Oxigênio e vocês acham que as plantas podem nos ensinar algo sobre como cuidar uma das outras?

ALUNO Z: Se você matar seu amigo você se mata.

PROFESSOR A: Mas vocês acham que as plantas sentem isso, a morte de um outro vegetal? Ou que elas estão interligadas?

ALUNO J: sente, sente, sente

ALUNO Z: acho que sim

PROFESSOR A: por que você acha que sim?

ALUNO Z: ah eu não sei por que eu falei isso

ALUNO J: Porque eu li um bagulho que elas sentem e transmitem pras outras.

PROFESSOR A: Então, era nesse ponto que eu queria chegar, então o que as plantas podem ensinar a gente né? As plantas, as árvores especificamente quando elas estão em uma floresta que nós chamamos de clímax como é o caso dessa floresta elas então conectadas umas com as outras através das suas raízes e essas raízes junto com alguns fungos vão se conectar umas com as outras então por exemplo quando uma planta tá doente ela vai enviar esses sinais para as outras plantas através das raízes e desses fungos e aí o que elas fazem elas vão direcionar os meios para que aquelas planta sobreviva.

ALUNO Z: nossa que quando união.

PROFESSOR A: então parece bastante ficcioso, bom pra mim era ficção principalmente porque lá quando o filme avatar como eles se comunicavam uns com os outros?

ALUNO Z: tipo girafa?

PROFESSOR A: Não, não é tipo girafa lembra aqui nessa parte do filme em

que eles se conectam a partir das suas caudas nessas raízes aéreas aqui e ai eles se conectam na arvore e ai eles vão se conectar a tudo que tem em tudo que aquela arvore já viveu e o meio ambiente ao seu redor, então na época que o filme foi lançado isso era maior ficção e ai começaram a ter vários estudos sobre isso até que descobriram que um determinado momento que as arvores sim estavam conectadas umas com as outras através dessa rede de fungos ne e ai elas podem sentir, não como a gente, mas elas conseguem através de transmissores saber que uma arvore está bem, se ela está ficando doente e saber al como elas iram contornar aquilo por exemplo se uma árvore está doente e não consegue fazer fotossíntese adequadamente o que vocês acham que elas fazem umas com as outras

ALUNO Z: elas se comunicam e como se fosse compartilhar anticorpos com a outra planta.

PROFESSOR A: Sim elas compartilham não só isso, mas elas doam compartilhar os produtos da fotossíntese. Se tem uma planta sem fazer fotossíntese né o que vai acontecer com ela? Ela vai receber essa quantidade extra de glicose.

ALUNO R.: professora, aqui atrás da minha casa tem uma árvore de jaca e do lado dela tem uma de coco a arvore de coco está quase morrendo já, mas só que vai fazer quase uns 50 anos que ele está vivo pode ser porque as raízes compartilham? É porque elas são muito próximas umas das outras.

PROFESSOR A: pode ser isso também porque aí na sua casa não e o que chamamos de floresta clímax uma floresta que lá em equilíbrio e aí o que acontece como tem duas arvores com raízes muito grandes elas acabam competindo por alimento

ALUNO Z: professora a senhora conhece o maior cajueiro do mundo?

PROFESSOR A: Fica em natal, não é? Nunca fui

ALUNO Z: Fui lá uma vez quando viajei eles são conectados por uma raiz só e como se fosse uma floresta?

PROFESSOR A: As raízes deles funcionam assim elas estão interligadas umas às outras elas vão estar sempre ligadas não tem uma competição entre elas agora se você colocar no gramado ai da sua casa duas ou três arvores o que vai acontecer elas vão acabar competindo por nutrientes.

ALUNO Z: quem cresce mais rápido

PROFESSOR A: Isso aí e como uma geralmente cresce mais rápido que a outra a pesque a vai dicar na sombra e ao morre

ALUNO R: Aqui em casa tem bastante arvore, bota qualquer planta e ela já

cresce

ALUNO Z: eeeeee

PROFESSOR A: solo tem bastante nutrientes

ALUNO Z: Deve ter morrido muita vaca aí

ALUNO R.: cachorro

PROFESSOR A: quando um ser vivo morre ele vira adubo para o solo.

ALUNO Z: adubo

PROFESSOR A: voltando ao nosso vegetal, no ano passado a gente teve aí então como eu acabei de falar né aí as plantas elas estão conectadas através das raízes né pelos fungos e aí que dia o filme deve ter visto essa cena aqui né todos os todos os navios que são vamos lá juntos foram daqui pela era a árvore lá que eles consideravam vão com tanta né algo Divino para eles se conectando E aí com vocês

PROFESSOR A: Árvore lá que eles consideravam como tanta né algo Divino para ele se conectando muito com os outros e com a planta para poder rezar e aí começa as maiores florestas a quantidade solo cheio de

PROFESSORA A: E aí como eu tava falando com você as redes de fungos elas estão presentes no solo das maiores florestas a gente tem aqui a quantidade de solos cheias de fungos que vai fazer a ligação entre essas árvores quando a gente tem os fungos e raízes elas vão ficar mais próximas umas das outras fazendo com que esses vegetais comunicam entre si E aí o que que acontece a partir do momento que a gente tem um processo de queimada

ALUNO Z: as raízes quem

ALUNO GF: perde nutrientes

PROFESSORA A: Então as raízes queimam os nutrientes se perdem e o que acontece com essa ligação entre as árvores

ALUNO Z: Todo mundo sente a mesma coisa não é

PROFESSORA A: Todas vão sentir a mesma coisa que é ano passado a gente teve aí um grande processo de queimada na região Amazônica aqui no Brasil e aí o que que pode acontecer ao longo do tempo se essas queimadas persistirem continuarem porque a gente tem que pensar que a Amazônia é um tipo de Floresta clímax equilibrada o que que pode acontecer

ALUNO Z: vai ser varrida pelo fogo

PROFESSORA A: E as árvores elas não vão mais se comunicar então ao longo do tempo a gente não vai ter aquela região que era cheia de vida vai acabar virando um deserto

PROFESSORA A: E assim eu queria que você estivesse um pouco sobre isso né sobre as plantas sobre a importância sobre a importância delas para a manutenção do nosso planeta do nosso ecossistema e pensassem por exemplo perto da casa de vocês se tinha alguma região que tinha uma floresta e agora não tem mais se acontecer alguma coisa com essa roupa chiquitinha aí próximo Que hora que vocês pensem um pouquinho sobre isso e quero que vocês façam

ALUNO V: fazer um resumo de 20 linhas

PROFESSORA A: Que resumo menina quero que vocês façam uma parada muito maneira bem legal olha aqui olha aqui vocês estão vendo eu quero que vocês produzam eu quero que você Produza uma colagem para falar sobre tudo isso que a gente estudou sobre

PROFESSORA A: Que a gente estudou sobre os vegetais É pode ser tirinha pode ser uma pode ser qualquer tipo de ilustração

ALUNO VI: é obrigatório

PROFESSOR A: Sim é obrigatório VI

PROFESSOR A: Tu não pode fazer um som desenho Y

PROFESSORA A: Mas eu quero que vocês eu quero que qual a parou para pensar um pouquinho sobre meio ambiente o que acontece quando a gente destrói esse ecossistema que está em equilíbrio

ALUNO Z: ficam individuais

PROFESSOR A: Elas ficam individuais, mas eu quero saber o que que acontece com a gente

ALUNO Z: eu nunca senti o efeito colateral

PROFESSORA A: Que momento da nossa vida nós estamos passando agora pessoal, Porque nós estamos vivendo esse isolamento social

ALUNO Y: por conta da pandemia

ALUNO Z: porque o governador

ALUNOS GM e V: por causa do Coronavírus

ALUNO Y: por causa da covid-19

PROFESSOR A: A covid é um vírus que sempre existiu naturalmente mas que estava nos animais silvestres a partir do momento que a gente começa a ter um contato muito grande com esses animais as doenças deles podem saltar para gente como é o caso do Coronavírus da gripe e de outras doenças

ALUNO Z: veio do japonês na professora japonês fica comendo carne de animal que não é para comer

PROFESSOR A: Chinês

ALUNO GM: É a cultura deles cara

PROFESSOR A: A gente não pode falar que o vírus é chinês por que estão tendo estudos que mostram que provavelmente outras pessoas em outros lugares do mundo morreram convite sem saber o que era

ALUNO ML: a come cachorro come gato come rato come tudo também

PROFESSORA A: Não são todos os chineses que comem carne exótica

ALUNO Z: exótica até demais

PROFESSOR A: Se for pensar na gente por exemplo a gente come caranguejo cada Lugar da China tem uma cultura diferente

PROFESSOR A: No Brasil tem gente que come paka na Índia eles não comem

ALUNO GM: é muito preconceito falar que todo mundo come

PROFESSOR A: É muito difícil nós julgarmos a cultura alheia sendo que nós também temos hábitos alimentares um tanto

ALUNO GM: É muito difícil nós julgarmos a cultura alheia sendo que nós também temos hábitos alimentares um tanto

ALUNO L: Tenho um Deus lá não eles acreditam que a quando a gente morre reencarna pode vir em animais então eles estão lá na parte dele são vegetarianas por consequência Oi uma vaca é uma grande falta de respeito para eles estão casa

ALUNO Z: cada vaca é uma chacina para eles

PROFESSOR A: cada povo faz observar diferente o mundo

ALUNO Z: ser vegetariano deve ser uma coisa muito estranha que horror meu Deus

ALUNO Y: é tudo uma questão de costume depois de um tempo você se acostuma